

Patrícia Leonor Martins

CIBERATEÍSMO:
SÁTIRA E HUMOR NA PERSONAGEM DO PASTOR ADÉLIO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientadora: Dr^a Salma Ferraz

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martins, Patricia Leonor

CIBERATEÍSMO: : Sátira e Humor na Personagem do Pastor Adélio / Patricia Leonor Martins ; orientadora, Salma Ferraz - Florianópolis, SC, 2017.

173 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Ciberateísmo. 3. Humor e Riso. 4. Sátira. 5. Pastor Adélio. I. Ferraz, Salma . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Literatura. III. Título.

Patrícia Leonor Martins

**CIBERATEÍSMO:
SÁTIRA E HUMOR NA PERSONAGEM DO PASTOR ADÉLIO**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Literatura, área de concentração em Literaturas, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 03 de Março de 2017.

Prof.a. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Orientador:

Prof. Dra. Salma Ferrazz
UFSC

Membros:

Prof.a. Dr^a Marie H el ene Torres
UFSC

Prof.a. Dr^a Elaine Cristina Reis
UFSC

Prof. Dr. Filipe Pfitzenreuter
IFPR

Prof. Dr. Jos e Hernesto Vargas
Suplente/UFSC

Dedico este trabalho a meu Pai Aterino (Russo)
meu exemplo de sabedoria, a quem
foi negado o segredo das letras.

À minha Mãe Claudete pela força inigualável.
Às minhas filhas Cibele e Janaína por
compreenderem a falta da figura da mãe.

Ao grande amor da minha vida, meu marido,
companheiro e amigo Ricardo Pinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao amor da minha vida, meu marido, Ricardo, pelas leituras atentas, por todo o companheirismo e compreensão das muitas faltas como esposa, mãe, mulher.

Aos meus pais, por estarem sempre presentes em minha vida, em todos os momentos.

À Cibele, minha filha, pelas transcrições dos vídeos do Pastor Adélio, por compreender a necessidade dos estudos. Por ser o meu orgulho.

À minha filha, Janaína, minha sereia, devoradora de livros, por me iluminar com sua sabedoria e paciência.

Agradeço à minha orientadora Salma Ferraz, que se tornou mais que uma orientadora, uma amiga.

Ao Humorista Marcio Américo por ter criado a personagem do Pastor Adélio, objeto da pesquisa, e por ter se tornado um amigo.

À minha irmã, Milene, minha enfermeira, amiga que sempre me apoiou e soube compreender os momentos que não pude estar presente.

À minha irmã, Karoline, pela força com as transcrições dos vídeos do Pastor Adélio, por ser uma irmã dedicada e compreender as minhas faltas.

À minha Irmã, Jaqueline, guerreira, amiga, que sempre esteve ao meu lado, que compreendeu a necessidade das minhas ausências. E pela ajuda com o abstract.

À minha sogra, Lígia, minha segunda mãe, por toda a paciência e dedicação em diversos momentos de minha jornada.

À Professora Dra. Marie Hélène Torres que sempre me incentivou a buscar novos horizontes, e por aceitar estar em minha Banca.

À Professora Dra. Elaine Cristina Reis, que sempre me deu forças para dar continuidade aos estudos, por nossa longa jornada juntas e por aceitar estar em minha Banca.

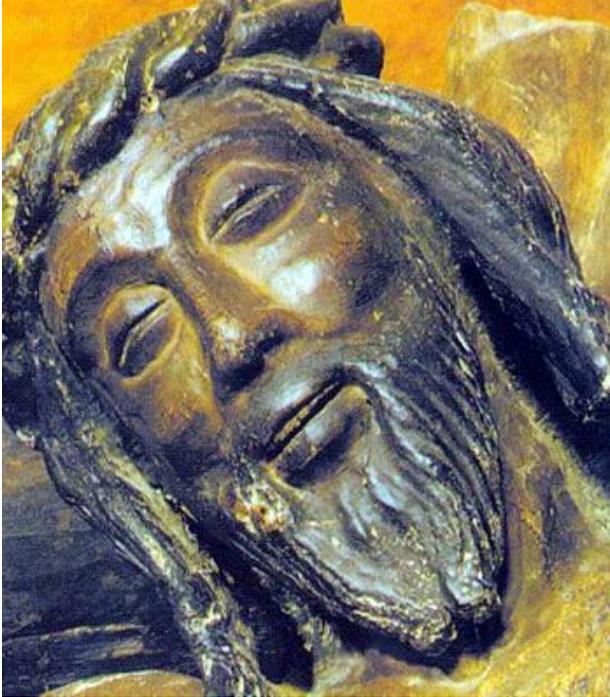
À Professora Dra. Eliane Debus pelo incentivo e indicação de leitura.

À toda equipe da UTI do HU que salvaram a minha vida, no ano de 2007, sem a longa dedicação deles eu não teria a oportunidade de iniciar e tão pouco terminar esse mestrado, não teria a vida.

E um agradecimento muito especial, ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por ter tido a coragem de colocar o filho de pobre e o negro dentro das universidades.

*A atitude humana mais próxima à
graça de Deus é o humor!*
Papa Francisco

Cristo do Sorriso



Fonte: <https://mesadepalavras.wordpress.com>

O Sorriso de Cristo convida-nos a uma teologia do riso.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado trata da identificação das brechas, confins e paradigmas encontrados no texto bíblico e que servem de fundamento para o discurso da personagem do Pastor Adélio para suscitar o humor, a sátira e a ironia. A dissertação está dividida em três capítulos, o primeiro traz a apresentação da personagem objeto de pesquisa, e considerações sobre o ambiente virtual em que ela está inserida, assim fala-se em Internet, Ciberespaço, Ciberteologia, Ciberateísmo. O segundo capítulo é teórico, fala-se do humor, do riso no cristianismo e no humor no Brasil, caminha pelos estudiosos do riso e do humor, como Aristóteles, Prop, Bergson, Bakhtin, Minois, Saliba, entre outros, com eles traça-se um diálogo com o discurso da personagem do Pastor Adélio. No terceiro e último capítulo tens o capítulo teórico metodológico, em que se apresentam os conceitos de Ironia, Sátira. Para tratar do riso no cristianismo optou-se por uma metodologia que pudesse dar conta de identificar o tipo de humor apresentado pela personagem do Pastor Adélio, seus limites e intersecções com o sagrado cristão e o humor. Assim, estabeleceu-se como critério metodológico usar a definição de *paradigma* desenvolvida na obra *Signatura Rerum*, de Giorgio Agamben, e a definição desenvolvida em artigo intitulado *Em Nomes de lugar: confim* de Massimo Cacciari. Apresenta-se nesse capítulo uma análise nas falas da personagem à luz do conceito de confim, soleira, entrelugar, para identificar no discurso as “brechas” encontradas pelo humorista nos textos bíblicos, bem como no contexto sócio-político-religioso da atualidade brasileira identificando as formas humorísticas utilizadas.

Palavras-chave: Ciberateísmo. Humor. Riso. Sátira. Pastor Adélio.

ABSTRACT

The present Master thesis deals with the identification of gaps, limits and paradigms found in the speech of the character of Adélio Pastor to raise the humor, satire, and irony. The dissertation is divided in three chapters, the first brings the presentation of character search object, and considerations about the virtual environment in which it is inserted, so there's talk about Internet, Cyberspace, Ciberteologia, Ciberateísmo. The second chapter is theoretical, there's talk about humor, laughter in Christianity and in the mood in Brazil, through the scholars of laughter and humor, like Aristotle, Prop, Bergson, Bakhtin, Minois, Saliba, among others, with they construct a dialogue with the speech of the character of Adélio Pastor. The third and last chapter is has the theoretical methodological chapter, which presents the concepts of Irony, Satire. To talk about laugh in Christianity, it was chosen a methodology that could handle to identify the type of humor presented by the character of the Adélio Pastor, their limits and intersections with the holy Christian and the humor. So, it was established as a itself as methodological criterion using the definition of paradigm developed at work Signature Rerun, by Giorgio Agamben, and the definition developed in article entitled Nomi di luogo: confine by Massimo Cacciari. This chapter presents an analysis in the lines of the character in the light of the concept alborder, threshold, between place, to identify the speech found by the humorist "gaps" in the biblical texts, as well as in the socio-politico-religious of the Brazilian currently identifying the humorous forms used.

Keywords: Cyberateísmo. Humor. Laughter. Satire. Shepherd Adélio

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Página do Canal do YouTube do Pastor Adelio :	32
Figura 2- Página do YouTube do Pastor Adélio/discussões	33
Figura 3- Facebook Oficial do Pastor Adélio.....	34
Figura 4 -Instagram Marcio Américo.....	35
Figura 5 - Postagem Instagram.....	36
Figura 6 - Twitter do Pastor Adélio.....	37
Figura 7 - Uma das capas da página oficial do Facebook ATEA.....	50
Figura 8 - Página de Facebook Oficial da ATEA.....	50
Figura 9 - Página de Facebook do Humor Ateu sem Censura.....	51
Figura 10 - Pintura Santa Ceia de Leonardo Da Vinci.....	52
Figura 11 - Facebook Inca Venusiano.....	53
Figura 12 - Facebook Um Sábado Qualquer	54
Figura 13 - Canal do YouTube do Porta dos Fundos/ Vídeo Os Dez Mandamentos	55
Figura 14 - Canal do YouTube do Coletivo Porta dos Fundos	56
Figura 15 - Canal do YouTube do Pastor Adélio	57
Figura 16 - Pastor Adélio dando um recado/ Página Facebook	61
Figura 17 - Imagem do vídeo Pastor Adélio - A Lógica de Deus/ YouTube.....	62
Figura 18 - Página do YouTube/ Pastor Adélio: Pegadinha de Deus....	72
Figura 19 - Vídeo YouTube: O Pastor Mais Cara de Pau do Mundo..	105
Figura 20 - Vídeo YouTube/ Pastor Adélio: Ló e Suas Filhas Taradas	130
Figura 21 - Vídeo YouTube/ Detonando os Ursinhos Carinhosos.....	142

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I – RELIGIÃO E ATEÍSMO: EM TEMPOS DE REDE	29
1.1 PATOR ADÉLIO: UM CIBERATEÍSTA	29
1.2 INTERNET.....	38
1.3 CIBERESPAÇO.....	39
1.4 CIBERTEOLOGIA	40
1.5 ATEÍSMO E NEOATEÍSMO: BREVES CONSIDERAÇÕES	45
1.6 CIBERATEÍSMO	48
CAPÍTULO II – CAMINHOS DO HUMOR	59
2.1 O HUMOR	64
2.2 HUMOR NO CRISTIANISMO	84
2.3 O RISO NO BRASIL: O CAMINHO ATÉ A REDE	97
CAPÍTULO III – INSTRUMENTALIZAÇÃO DO RISO: A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA	109
3.1 A IRONIA	110
3.2 A SÁTIRA	114
3.3 UM PARADÍGMA	118
3.4 ENTRE BRECHAS E CONFINS: ONDE CIRCULA UMA PERSONAGEM	126
3.5 PASTOR ADÉLIO: <i>LÓ E SUAS FILHAS TARADAS E DETONANDO OS URSINHOS CARINHOSOS</i> : ANÁLISE	129
3.5.1 Análise: Pastor Adélio: <i>Ló e Suas Filhas Taradas</i>	130
3.5.2 Análise: Pastor Adélio: <i>Detonando os Ursinhos Carinhosos.</i> ..	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	153
ANEXOS	159
APÊNDICES	171

INTRODUÇÃO

*O riso é a sabedoria, e filosofar é aprender a rir.
Sem a liberdade de rir, de caçoar e fazer humor,
não há progresso da razão.*
Georges Minois

Todo trabalho tem seu início e suas histórias: do encontro com o autor e com os temas, do projeto que sonha e da ousadia do fazer. Nesse sentido, a história desse projeto teve início quando me inscrevi como aluna especial na disciplina Tópicos Especiais: *Textualidades Híbridas Literatura: o humor na Bíblia e no Cristianismo*, ministrada pela professora Dr^a Salma Ferraz. O semestre foi intenso e muito gratificante, além das aulas entusiasmadíssimas da professora Salma, também tivemos a sorte de ter a presença do professor Dr. Antônio Magalhães para um minicurso.

Assim, fui apresentada ao *Pastor Adélio, o pastor mais sincero do mundo*¹, e confesso, que inicialmente fiquei um tanto chocada com a forma como ele lidava com o público, uma personagem, à primeira vista, muito malcriada, que usava muitos palavrões e que falava da religião, contestando a fé! Eu, que tinha vindo de origem familiar católica, que tinha sido catequista na minha mocidade, e que tinha recentemente passado por um período muito complicado de saúde, em que a fé precisou se fazer presente, deparei-me com muitas interrogações, e foram elas que me trouxeram até aqui.

Criei coragem, e instigada pela personagem do Pastor Adélio me dediquei a escrever um artigo sobre o Pastor, que mais tarde fora publicado na Revista Teoliterária da PUC – SP², o artigo tinha sido o resultado final da disciplina com a professora Salma. Assim, decidi concorrer a uma vaga de mestrado com a professora, e hoje cá estou eu. Por conseguinte, por um encantamento pelo antagônico, debrucei-me no aprendizado do risível em oposição ao sério. Estudar o humor, o risível,

¹ Pastor Adélio, portanto, é uma personagem criada pelo “humorista, dramaturgo, escritor, roteirista e ator”. O autor possui três livros lançados: *Preciso Dar um Jeito na Vida* (poesia – 1998), *Meninos de Kichute* (romance – 2003), adaptado para o cinema pelo diretor Luca Amberg e *Corações de Aluguel* (romance policial – 2007).

²A arte do humor: “Pastor Adélio, o pastor mais sincero do mundo”. Revista Teoliterária v.6, n. 11 – 2016. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/23496/20175>

no limiar do sagrado tornou-se então realidade. Uma grande parte dos humoristas que utilizam o texto bíblico para fazer humor afirmam que são ateus e conseguem trabalhar com as perícopes bíblicas sem medos nem receios, pois têm a coragem de se posicionarem contrariamente sobre o pensamento e o ideal cristão. Dessa forma, a escolha de usar o texto bíblico criticamente, com um humor satírico, é também uma escolha teológica, pois o humorista ateu pode até não acreditar em Deus e ou Deuses, mas é com a desconstrução do sagrado que ele está trabalhando, e essa postura dessacralizadora do religioso está inserida em um contexto teológico seja qual for a sua crença ou descrença.

Cabe salientar a complexidade que é fazer humor com o texto bíblico, pois o toque entre o sagrado e o profano pode despertar o riso em muitos e a revolta em vários outros. Assim, o objeto de pesquisa, aqui apresentado, trata-se da personagem do *Pastor Adélio, o pastor mais sincero do mundo*, desenvolvida pelo humorista Márcio Américo. O que despertou o interesse em escolher a personagem como objeto de estudo foi justamente o tentar compreender o limiar entre o sagrado e o profano, sendo assim, o que se propõe nessa pesquisa é identificar as lacunas que a personagem do Pastor Adélio encontrou no texto bíblico e a forma como as utiliza para produzir humor. Há também a necessidade de se compreender o método que o humorista utilizou para criar a personagem do Pastor Adélio, e o porquê trabalhar com questões que envolvam religião e ou teologia.

Nesse íterim, compete aqui algumas ponderações em torno da Bíblia enquanto manifestação literária. A Bíblia sempre foi lida como uma unidade, uma obra que compila vários livros, a qual tem influenciado as sociedades ocidentais. Salma Ferraz infere que a Bíblia nos permite profundas análises críticas; ela é repleta de metáforas, simbologias, complexo sistema figurativo. Para a pesquisadora “a Bíblia é a arca maior da qual brota grande parte da literatura do ocidente” (FERRAZ, 2005, p. 22). Nesse mesmo entendimento, Harold Bloom, em entrevista à revista *Veja*, no ano de 2001, informa que não confia em nenhum tipo de religião institucionalizada, que para ele ler a Bíblia com enfoque literário é bem mais interessante do que na religiosidade. Nesse sentido, o escritor conceitua a Bíblia como “uma vasta antologia da literatura e toda a cultura”.³

No livro *Código dos Códigos – A Bíblia e a Literatura*, de Northrop Frye, o autor afirma que a Bíblia é “mais” que uma obra literária

³ BLOOM, Harold. Leio, logo existo. In. *Revista Veja*, SP, Abril – 2001, ano 34, p. 11-15

(FRYE, 2004, p. 44). Certamente a Bíblia é uma das obras mais importantes da literatura ocidental. Observando o seu aspecto literário, pode-se dizer que ela tem um caráter ficcional quando constatamos os seus mistérios, os enigmas e suspenses da história do cristianismo, principalmente quando se observa que as histórias podem ser parcialmente omitidas, contraditórias, cheias de “brechas” em que o leitor tem que decifrar.

É como afirma a professora Salma Ferraz em entrevista à revista Instituto Humanitas Unisinos - IHU ao responder a seguinte pergunta: “IHU On-Line – A senhora afirma que a Bíblia exige um leitor que saiba ler os silêncios, os segundos planos do texto, e que esse leitor achará o riso. Por que, nas escritas sagradas, o riso não é explícito?”

Na realidade, a leitura da Bíblia não é para qualquer um. É uma biblioteca que exige o tal leitor ruminante, termo usado por Machado de Assis, ou leitor modelo, termo cunhado por Umberto Eco. O problema é que muitos cristãos acham que o conhecimento da Bíblia entra via axila e que carregá-la debaixo do braço é atestado de conhecimento. José Saramago já afirmava, em seu ateísmo, o perigo de se ler a Bíblia como um fundamentalista, levando ao pé da letra tudo o que nela está. A leitura dela exige conhecimento, datação, contexto, identificando o que deve ser deixado de lado, o que deve ser mantido. Ao contrário do que é afirmado nesta pergunta, o riso está mais do que explícito na Bíblia. Acontece que as pessoas fazem uma leitura direcionada e dogmática desta biblioteca.⁴

No contexto da citação acima, pode-se dizer que a Bíblia precisa de um leitor que se dispa dos dogmas religiosos. Que consiga entendê-la como uma biblioteca carregada de sabedorias e de questionamentos. O que impede, geralmente, o entendimento da Bíblia enquanto literatura, é justamente a teologia, a crítica literária que, muitas vezes, ainda vislumbram a Bíblia como um livro religioso. Antônio Magalhães considera que nem a teologia e nem a literatura podem entender a canonicidade com um limite para as interpretações, pois limitam-se a uma única interpretação do texto bíblico, que é religiosa. “A questão da canonicidade jamais será entendida nem pela teologia, nem pela literatura, como limite das interpretações” (MAGALHÃES, 2000, p. 08).

Outrossim, para o pesquisador, professor Magalhães os personagens bíblicos influenciaram e colaboraram para a constituição de novas narrativas e novos personagens. E é nessa prerrogativa que o

⁴ Revista IHU – Online – Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/564507-o-humor-salva-entrevista-especial-com-salma-ferraz>, publicado em 17 de fevereiro de 2017.

humorista Márcio Américo vai criar a sua personagem, o Pastor Adélio, o qual se apropria de histórias bíblicas, aproveitando-se do imaginário popular, para assim dialogar criticamente com os textos sagrados.

É por meio de um distanciamento dogmático, com uma nova leitura, um novo olhar, uma visão paradigmática das narrativas bíblicas que a personagem do Pastor Adélio questiona a verdade absoluta, unívoca da teologia cristã. A partir de um preenchimento de brechas deixadas pelos textos sagrados ele, o pastor Adélio, vai dessacralizar o texto bíblico e imergir na verossimilhança da literatura humorística. Ao dessacralizar o texto, o Pastor Adélio implanta a dúvida do que antes, dentro da questão da fé, era indiscutível, assim, inverte esses valores e corrói dogmas sacramentados pela Igreja por meio do humor, do riso, da ironia e da sátira.

O humor e o riso, nas pesquisas acadêmicas, só foi se fazer presente nas últimas décadas, boa parte, nas disciplinas das ciências humanas, no âmbito da história, da literatura e da teoria literária. Isso reflete o meu interesse de pesquisa pelo humor e o riso e, sobretudo, a necessidade de estudá-los com lentes específicas, em contextos singulares e com foco na cultura de diferentes sujeitos. É justamente aqui que se coloca a pesquisa por ora apresentada. De semelhante modo, faz-se necessário olhar para o riso com a finalidade de atribuir a ele uma lógica heterogênea, pois o riso pode ter um caráter amigável, bondoso e sutil, mas também, e muitas vezes, o riso é agressivo, escarnecedor e sarcástico, sem contar que as formas de materialização do humor são igualmente multiformes.

Ao estudar o humor e o riso no personagem brasileiro, o Pastor Adélio, vale ressaltar o fato do Brasil ser um Estado laico⁵ e ter como premissa a confiabilidade à razão crítica e ao debate do destino da esfera secular do brasileiro. Isso indica uma atribuição de livre consciência do indivíduo a adesão, ou não, a uma religião. A laicidade teve grande importância social, mas, ainda hoje a religião católica é maioria no Brasil,

⁵ Apenas com o Decreto nº 119-A, de 17 de janeiro de 1890, de autoria de Ruy Barbosa⁵ que o Estado brasileiro tornou-se laico, o qual instaurou a separação entre a Igreja e o Estado. Não houve mudanças nas outras Constituições, atualmente a forma laica do Estado vem determinada no art. 19 da CF/88:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na formada lei, a colaboração de interesse público

porém, as religiões vêm sendo vista sob um novo olhar religioso, tomando como paradigma o texto bíblico.

É nesse novo que, atualmente, o uso das mídias eletrônicas pelas igrejas tem demonstrado uma transmutação na experiência religiosa, apontando assim para um novo paradigma religioso. As novas mídias, em especial a internet, mostram-se como um meio interessante de discussão. É nesse *ciberespaço* que as mais variadas formas de manifestação religiosa vêm aparecendo.

Nesse sentido, é possível perceber de forma paradigmática que o olhar religioso dos tempos tradicionais para os novos tempos digitais vislumbra as transformações de identidade religiosa no Brasil. Pelo dinamismo que incutiu na vivência cultural ao longo da história, os textos sagrados, a construção de um novo paradigma para esses textos garante uma dose de representatividade bem notória. Como afirma Ferraz:

[...] nos últimos 30 anos, dezenas de programas de humor ao redor do mundo, na televisão e na internet, tem no Cristianismo uma fonte inesgotável de paródia e riso. Cito alguns: Monty Python, George Carlin, *South Park*, *Os Simpsons*, *Porta dos Fundos*, Pastor Adélio, *Um sábado qualquer*.⁶

Corroborando com o que diz Ferraz, pode-se dizer que estamos vivenciando o surgimento de uma Teologia do Riso, em que todos, sem exceções, poderão fazer parte, “na qual ninguém herde pecado original e nenhum outro pecado que não lhe pertença [...] E que cada um seja responsável pelos seus atos[...]”⁷.

Para elucidar tais apontamentos, antes de qualquer coisa, é necessário compreender e conhecer o objeto de análise da pesquisa, o *Pastor Adélio: o pastor mais sincero do mundo*. Além de conhecer esta personagem cujo discurso apresentado tem como referência direta o texto bíblico, e que os vídeos postados na internet estão ligados a um humor satírico ateu, considero fundamental fazer uma breve contextualização do “mundo virtual”, bem como dos espaços virtuais destinados a falar de religião - a ciberteologia -, e dos espaços virtuais que contrapõem o discurso religioso - o ciberateísmo. Além dessa contextualização, o

⁶ Revista IHU – Online – Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/564507-o-humor-salva-entrevista-especial-com-salma-ferraz>, publicado em 17 de fevereiro de 2017.

⁷ Idem

capítulo I dessa dissertação também traz em seu desenvolvimento breves considerações acerca do ateísmo e o neoteísmo. Tendo como autores base para a discussão suscitadas nesse capítulo: Georges Minois com sua obra *História do Ateísmo*, o Padre Antonio Spadaro com a obra *Ciberteologia: Pensar o Cristianismo em Tempo de Rede*, Pierre Levy com *Cibercultura* entre outros. Cabe salientar que para o corpus da pesquisa aqui apresentada se optou em escolher os vídeos do Pastor Adélio que tiveram maior repercussão na internet, e que focavam na temática cristã.

Pondera-se aqui a relevância de se trabalhar fora do cânone literário em uma pesquisa acadêmica, principalmente em se tratando do riso dentro de uma esfera tão complicada que é a esfera do religioso. Para isso, trilhou-se um caminho, que será descrito no Capítulo II, cujo título é *Caminhos do Humor*, o qual tem como ponto de partida algumas considerações sobre a paródia que o Pastor Adélio faz da performance dos pastores neopentecostais e pentecostais, embora não se faça uma análise dessa paródia, e nem da performance pois o foco da análise é a pregação do Pastor, o discurso. Tais ponderações terão como base dois autores: Linda Hutcheon, com sua obra *Uma Teoria da Paródia* e Paul Zumthor com sua obra *Performance, Recepção, Leitura*.

Dando prosseguimento ao capítulo II da dissertação, sabemos que são vários os estudos sobre o riso e o humor, e que existem as mais variadas análises a respeito do riso, no entanto, não se tem o objetivo de esmiuçar essas análises, muito porque só o tema do riso e do humor oferecem inúmeras possibilidades de abordagem e análise. Então, o capítulo se subdivide em: *O Humor*; aqui tratar-se-á o humor com respeito às suas particularidades, porém com foco no tipo de humor que realmente interessa para o cumprimento de nossos objetivos de pesquisa. *Humor no Cristianismo*, que apresentará um breve estudo do humor na esfera do cristianismo, e *O Riso no Brasil: o caminho até a Rede*, onde se apresentará uma breve história do caminho do humor no Brasil até chegar nos tempos do uso das tecnologias digitais. Destacar-se-á nesse estudo os diferentes aspectos e suas semelhanças ao tratar do humor e de seu caráter. Pretende-se aqui evidenciar aqueles elementos que se consideram ser de maior relevância para o objetivo dessa dissertação, que é identificar as lacunas existentes no texto bíblico proferido no discurso da personagem do Pastor Adélio, para se reconhecer as características e o tipo de humor ao qual o Pastor se propõe fazer. Assim, explorar-se-á, com mais diligência, estudiosos cujas teorias contemplam as indagações mais importantes para essa investigação. Os autores que compõe a discussão desse Capítulo II são: Aristóteles; Michael Bakhtin; Bergson, Vladimir Propp; Georges Minois, Elias Thomé Saliba, os referidos autores são os de

maior relevância para a pesquisa. O capítulo também vai apresentando ao longo da discussão desenvolvida a uma exemplificação dos conceitos, fazendo um paralelo direto com a teoria ora apresentada.

No terceiro e último capítulo, trata-se da parte mais metodológica da análise. Para tratar do riso no cristianismo foi necessário optar por uma metodologia que pudesse dar conta de identificar o tipo de humor apresentado pela personagem do Pastor Adélio, seus limites e intersecções com o sagrado cristão e o humor. Nesse sentido, estabeleceu-se como critério metodológico usar a definição de *paradigma* desenvolvida na obra *Signatura Rerum*, de Giorgio Agamben, a qual mostra ao leitor que é possível escolher o que se quer como referência de paradigma, que mesmo optando por um método não é preciso negar o outro. Também far-se-á uso da definição fundamentada em artigo intitulado *Nome de Lugares: Confim*, de Massimo Cacciari, em que o autor desenvolve o conceito de *confim* e sua ligação com as aporias da contemporaneidade “globalizada”. Para o autor, “não pode existir *confim* que não seja *limen* e ao mesmo tempo *limes*”, isto é, “o *confim* nunca é uma fronteira rígida”, “não existe *confim* que não seja ‘contato’” (CACCIARI, 2005, p. 14), o que implica relação, duração e diferença.

Por conseguinte, com a intenção de alcançar o objetivo da pesquisa, já apresentado, será feita uma análise nas falas da personagem à luz do conceito de *confim*, soleira, entrelugar, para identificar no discurso as “brechas” encontradas pelo humorista nos textos bíblicos, bem como no contexto sócio-político-religioso da atualidade brasileira identificando as formas humorísticas utilizadas. Dessa forma, nesse último capítulo da dissertação, será feita uma abordagem dos conceitos de ironia, sátira, paradigma e *confim*, os quais darão sustentação à análise ora apresentada. Fecha-se o capítulo III com a análise mais detalhada de dois vídeos de maior repercussão na internet postado pelo Pastor Adélio: *Ló e Suas Filhas Taradas* e *Detonando os Ursinhos Carinhosos*.

Cabe salientar que se optou por apresentar um paralelo entre o discurso do Pastor Adélio, presentes nas esquetes virtuais, com os conceitos desenvolvidos ao longo da dissertação, nos capítulos I e II, assim, não se fará um capítulo único de análise.

Destaca-se que a Bíblia utilizada para todas as citações foi a Bíblia de Jerusalém, a escolha da referida Bíblia se deu pelo fato dela ser considerada uma das traduções brasileira que mantém a forma linguística mais próxima do original, como de tradução formal, assim, segundo Silva (2007, p. 15- 16) “[...] mantém repetições e redundâncias, busca na língua

de chegada o melhor vocabulário para produzir o original, mesmo que seja uma palavra pouco usada”.

CAPÍTULO I - RELIGIÃO E ATEÍSMO: EM TEMPOS DE REDE

*"Humorismo é a arte de fazer
côcegas no raciocínio
dos outros"*

Leon Eliachar

1.1 PASTOR ADÉLIO: UM CIBERATEÍSTA

Pastor Adélio é um ciberateísta, pessoa que utiliza as redes mundial de computadores para manifestar a sua descrença e ou contestar a crença do outro. O termo *ciberateísmo* fora cunhado pela professora doutora Salma Ferraz durante discussão em palestra na Semana de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2016. Conceito para o termo fora desenvolvido por mim e pela referida professora durante discussões sobre a pesquisa aqui apresentada.

Nesse sentido, considera-se a personagem do Pastor Adélio que fora criada pelo humorista paranaense, de Londrina, Marcio Américo Alves⁸ um ciberateísta. Marcio diz que suas leituras sobre religião, em especial sobre as seitas pentecostais e neopentecostais, fizeram com que resolvesse discutir o assunto de maneira mais ostensiva, usando as ferramentas digitais e que naturalmente acabou chegando à personagem do pastor. Segundo o humorista, “sempre soube que assuntos como religião e política podem ser discutidos através do humor, é um tipo de discussão que facilita o entendimento e atrai um outro olhar das pessoas.”⁹

Marcio Américo afirma que:

Como humorista pensei em falar deste assunto, a religião, de forma que não ficasse muito maçante, depois de ver os vídeos de alguns comediantes norte-americanos que defenestram Deus e a Igreja, pensei em fazer algo nesta linha, mas acabei desistindo, achei que ficaria parecendo proselitismo, então imaginei um pastor que

⁸ Pastor Adélio, portanto, é uma personagem criada pelo “humorista, dramaturgo, escritor, roteirista e ator”. O autor possui três livros lançados: *Preciso Dar um Jeito na Vida* (poesia – 1998), *Meninos de Kichute* (romance – 2003), adaptado para o cinema pelo diretor Luca Amberg e *Corações de Aluguel* (romance policial – 2007).

⁹ Entrevista concedida por e-mail em 25/06/2014

pudesse falar destes assuntos, um pastor ateu, e aí me veio o Pastor Adélio, o pastor que só fala a verdade.¹⁰

Quando perguntado sobre o que ele pensa sobre a Bíblia, o humorista responde da seguinte maneira:

[...] a bíblia é como um livro dos irmãos Grimm... deveria ser assim, mas graças a Constantino, o Imperador, ela acabou virando um negócio muito perigoso, um livro fácil de manusear, fácil de usar, é possível provar qualquer merda dentro da bíblia, veja, todas as religiões cristãs saíram deste livro. Mantenha distância.¹¹

Marcio Américo é um *vlogueiro*¹² ateu, ele mesmo se define ateu em sua página na *internet*:

Sou ateu a maior parte do tempo, quando tenho alguma recaída basta ler algumas páginas de *Deus uma ilusão* de Richard Dawkins ou fazer algumas perguntas pertinentes envolvendo sofrimento, tragédias naturais [...] que volto logo ao normal. Ser ateu tem vantagens e desvantagens. Uma das vantagens é que posso viajar sozinho, deus nunca me acompanha, e tem desvantagem, tenho que

¹⁰ (<http://marcioamerico.wordpress.com/2011/05/11/pastor-adelio/> Acesso em: 01/07/2014)

¹¹ Entrevista enviada por e-mail: 25/06/2014

¹² Vlogueiros são pessoas que acabam fazendo um vídeo de curta duração para o *YouTube*, acabam discutindo e dando opinião para diversos assuntos. *Vlog* é a abreviação de videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos. A grande diferença entre um *vlog* e um *blog* está mesmo no formato da publicação. Ao invés de publicar textos e imagens, o *vlogger* ou *vlogueiro*, faz um vídeo sobre o assunto que deseja. A plataforma, ou seja, o site que os internautas mais utilizam para publicar os seus vídeos é o *YouTube*. Para isso, o *vlogger* precisa criar um canal no site, que funcionará como um *vlog* para seus vídeos.

pagar minhas contas, não posso simplesmente dizer: “deus lhe pague”.¹³

No entanto, Marcio afirma que

em relação a Deus, sou tranquilo, nem entro numas com os crentes e teístas de plantão, [...]. eu nunca disse a um teísta: você pode até dizer que crê em Deus, mas ele não existe! Em contrapartida os crentes vivem me dizendo: você pode até não crer em Deus, mas ele crê em você!¹⁴

Ainda segundo o criador do Pastor Adélio, seu questionamento é para com a religião:

Os exegetas podem até entrar numas comigo, porém a história mostra que, quanto menos invasiva é a religião na vida das pessoas, melhor elas vivem, experimentam com mais intensidade e rapidez os avanços científicos, vivem a arte e a cultura plenamente.¹⁵

Atualmente, o Pastor Adélio está presente *YouTube*¹⁶, com o seu videoblog (*Vlog*) “Pastor Adélio”:

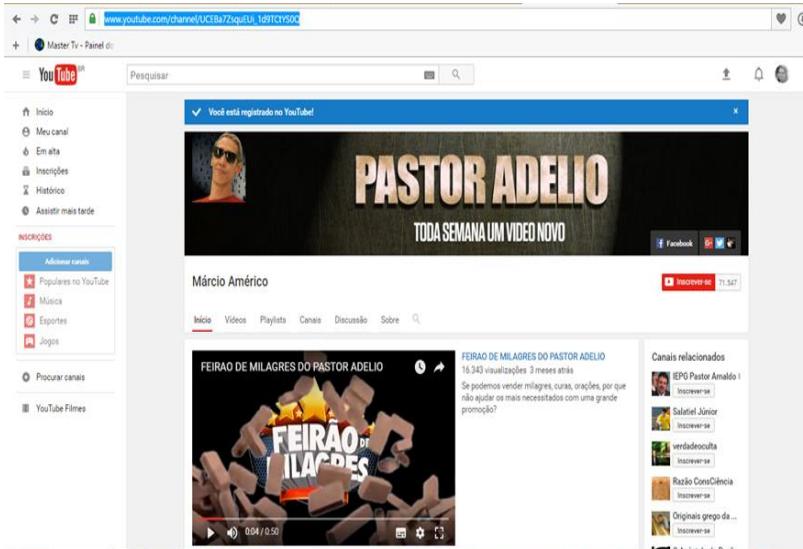
¹³ (<http://marcioamerico.wordpress.com/2011/05/11/pastor-adelio/> Acesso em: 01/07/2014)

¹⁴ Idem

¹⁵ Idem

¹⁶ **YouTube** é um *site* que permite que os seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Foi fundado em fevereiro de 2005. O YouTube utiliza os formatos Adobe Flash e HTML5 para disponibilizar o conteúdo. É o mais popular site do tipo devido à possibilidade de hospedar quaisquer vídeos. Hospeda uma grande variedade de filmes, vídeos e materiais caseiros. O material encontrado no YouTube pode ser disponibilizado em blogs e sites pessoais através de mecanismos (APIs) desenvolvidos pelo site.

Figura 1 - Página do Canal do YouTube do Pastor Adélio :



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCBa7ZsquEUi_1d9TCtYS0Q
 Acesso em 19/01/2017

Nesse espaço virtual é que se materializa o *Pastor Adélio: o pastor mais sincero do mundo!* Um pastor ateu, que interpreta um pastor neopentecostal – evangélico – e analisa trechos da Bíblia com humor satírico, numa linha crítica, com um discurso pesado e fazendo uso de muitos palavrões.

No *YouTube* o Pastor Adélio tem mais de 70 mil seguidores¹⁷, os quais participam de discussões sobre os vídeos ou solicitam mais postagens. Observe, na imagem a baixo, como o Pastor é instigado a se pronunciar e a postar novos vídeos.

¹⁷ Última visualização feita por mim fora em 20/02/2017

Figura 2- Página do YouTube do Pastor Adélio/discussões

The screenshot shows a web browser window displaying the YouTube discussion page for the channel 'Mateus Balves'. The address bar shows the URL 'www.youtube.com/user/mateusbalves/discussion'. The page features the YouTube logo, a search bar, and navigation tabs for 'Márcio Américo', 'Vídeos', 'Playlists', 'Canais', 'Discussão', and 'Sobre'. The 'Discussão' tab is selected. The main content area displays three comments from users: Marcos César (9 meses atrás), Ubiratan Von Mühlen (10 meses atrás), and Francisco de Assis Silva Araújo (6 meses atrás). Each comment includes the user's profile picture, name, time since posted, and the text of their comment. The comments discuss biblical interpretations and church practices.

Fonte: <https://www.youtube.com/user/mateusbalves/discussion> Acesso em 20/01/2017

Analisando a página do *YouTube* do Pastor Adélio encontramos vários vídeos com temática bíblica, sendo que o vídeo mais visualizado é o intitulado *Estupro* – fala da violência sexual sofrida por Diná, perícope bíblica encontrada em Gênesis (Gn 34,1-31) –, que conta hoje com quase meio milhão de visualizações¹⁸. O segundo vídeo mais visualizado dentro dessa temática é o intitulado *Como Falar em Línguas*, com 359.239 visualizações¹⁹. Esse vídeo trata das passagens bíblicas do livro de Atos, em (At 2, 1-11), onde podemos ver que o fenômeno produzido pelo Espírito Santo foi o falar nas línguas dos outros homens que haviam peregrinado até Jerusalém no Dia de Pentecostes para a adoração. O terceiro mais visualizado é o vídeo cujo título é *Ló e suas Filhas Taradas*, que está com 326.539 visualizações²⁰, nesse vídeo o Pastor Adélio fala da passagem bíblica de Gênesis (Gn 19,30-38). Há também o vídeo intitulado *Detonando Os Ursinhos Carinhosos*, perícope bíblica

¹⁸ Última visualização feita por mim fora em 20/02/2017

¹⁹ Idem

²⁰ Idem

encontrada em II Reis, (2º Rs 2, 23-25), com 94.622 visualizações. Tem ainda uma série de vídeos publicados, tanto no *YouTube* quanto linkados ao *Facebook*²¹, que falam sobre religião, no entanto, os vídeos aqui indicados são os de maior relevância para esta dissertação, os quais servirão de ponto de análise ao longo dela.

A escolha desses vídeos se deu devido à contemplação do objetivo da pesquisa que é identificar as lacunas que o Pastor Adélio encontrou no texto bíblico e a forma como as utiliza para produzir um tipo de humor, um humor irônico-satírico, cuja intenção é fazer uma crítica à sociedade.

O Pastor Adélio também está no *Facebook*, sua *timeline* conta com 75.204 curtidas e 1 milhão de seguidores, conforme publicação datada de 14 de janeiro de 2017. Na sua *timeline* o Pastor vincula seus vídeos, de temáticas diversificadas, sendo que os que mais nos interessam para esta pesquisa são os de temática cristã, que abordam perícopes bíblicas. Atualmente, Marcio Américo tem disponibilizado vídeos curtos, com média de 6 minutos cada, nos quais fala sobre religião e política.

Figura 3- Facebook Oficial do Pastor Adélio

Fonte: <https://www.facebook.com/PastorAdelio/?fref=ts> Acesso em 20/01/2017

²¹ **Facebook** é uma [rede social](#) lançada em [4 de fevereiro de 2004](#), operado e de propriedade privada da Facebook Inc.. Em 4 de outubro de 2012, o Facebook atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos, sendo por isso a maior rede social em todo o mundo.

Além dessas redes sociais, o ciberateísta Marcio Américo também tem conta no Instagram, local em que faz postagens sobre seus shows e fotos do Pastor Adélio, estando há menos de um ano no Instagram, não o movimenta muito e conta com 553 seguidores.

Figura 4 -Instagram Marcio Américo



Figura 5 - Postagem Instagram



Há também uma conta no *Twitter*, pouco usada, que conta com apenas 304 seguidores. Nela há uma frase que representa bem a personagem do Pastor Adélio, uma “figura” que não acredita em Deus ou deuses e muito menos na Bíblia. “Leio a bíblia como um advogado lê o Código Penal, procurando brechas pra me dar bem”. Essa frase representa bem a paródia que o Pastor Adélio faz em relação aos pastores evangélicos, os quais utilizam a Bíblia para convencer o seu público. A

personagem de Marcio Américo faz exatamente isso, mas ao inverso, pois deixa claro que está “ludibriando” quem está ouvindo-o.

Figura 6 - Twitter do Pastor Adélio

Fonte: <https://twitter.com/PastorAdelio> Acesso em 23/01/2017

Além da *Internet*, o Pastor Adélio também utiliza a ferramenta do *WhatsApp*, na qual criou um grupo intitulado “Adelistas” para se comunicar mais diretamente com o seu público. O grupo durou cerca de 8 meses, porém em novembro de 2016 o Pastor Adélio achou melhor cancelar o grupo, que contava com 250 participantes (limite máximo permitido para um grupo), pois não estava dando conta de administrar o volume de postagens que ocorriam, nele. Nesse espaço, a discussão sobre religião era mais aflorada, o ateísmo era a marca do grupo.

A personagem do Pastor Adélio levanta questionamentos por meio de um discurso embasado pelas perícopes bíblicas, com as quais ele vai induzindo seus ouvintes/ espectadores ao questionamento sobre o significado dos escritos da Bíblia. Em suas pregações há uma marca constante que é a negação da existência de Deus, e isso vai ao encontro do neoateísmo e consequentemente do ciberateísmo, posto que a discussão se dá dentro desse ambiente virtual. Pode-se dizer que o

ciberateísmo traz consigo uma intrigante provocação que nos leva a repensar o discurso da tradição religiosa, em que a comunicação da fé precisa ser renovada, pois há uma fragilidade no velho discurso religioso. Sendo assim, compreende-se que o fenômeno do ciberateísmo é uma realidade complexa, repleta de questionamentos, que por falta de uma literatura especializada, que dê conta do assunto, acaba por deixá-lo adormecido.

1.2 INTERNET

A *Internet* é parte ativa da vida contemporânea. Ela tem o poder de formar novas culturas, de exercer influência no modo de pensar de uma sociedade e ou de grupos. A Rede Mundial de Computadores é a atual responsável por disseminar informações de forma rápida pelo mundo, podendo assim atuar no comportamento de milhões de internautas. Esta ideia corrobora com o que diz Antonio Spadaro (2013, p. 7): “a *internet* não é um simples ‘instrumento’ de comunicação que se pode usar ou não, mas um ambiente ‘cultural’ que determina um estilo de pensamento e cria novos territórios e novas formas de educação [...]”

Pode-se dizer que as interações realizadas por indivíduos da nossa sociedade estão cada dia mais ligadas com a *Internet*, acarretando inclusive feitos sociais importantes e transformadores. A exemplo, podemos citar um dos movimentos sociais organizados e levantados por meio da Redes Sociais *Facebook* e *Twitter* no ano de 2010, a chamada “Primavera Árabe”, que foi uma onda de protestos organizados por internautas, no Oriente Médio e no norte do continente africano. Pode-se citar ainda as manifestações políticas organizadas pelos internautas no ano de 2013 no Brasil, assim como as manifestações disseminadas desde então, no país, tanto pela direita – que buscava o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff -, como pela esquerda – que buscava a manutenção da Presidenta, eleita pela maioria dos votos populares. As chamadas à população pelos movimentos sociais para irem às ruas se deu nas páginas das redes sociais. O que se percebe é que todos os movimentos sociais organizados pelos internautas tinham uma motivação em comum, um sentimento de insatisfação para com os políticos de seus respectivos países.

Nesse aspecto, constata-se que a *Internet* não é apenas uma forma de acesso à informação. Ela tem um poder de unir ou separar uma sociedade e por isso precisa ser vista como poderosa o bastante para promover mudanças significativas em qualquer parte do mundo. Pina Riccieri (2012 p. 8) afirma que a Rede Mundial de Computadores é um

“novo espaço antropológico com impacto direto e envolvente na vida das pessoas, portadora de ameaças e de potencialidades”. Corrobora-se com a ideia da pesquisadora, pois a vida moderna hoje gira em torno do mundo tecnológico, e a *Internet* é o carro chefe.

Várias são as instituições religiosas que já se deram conta dessa potencialidade e do poder da Rede Digital, vários grupos pertencentes a Igreja Católica possuem páginas na *Internet*, como a Bíblia Online; o próprio Papa Francisco possui uma página na rede social *Facebook*²². Porém, não só a Igreja Católica está vendo na *Internet* uma possibilidade para ampliar os seus fiéis, assim como de “comercializar a fé”, as religiões neopentecostais também vêm aderindo à Rede, são páginas e mais páginas nas Redes Sociais, no ciberespaço, local em que todos podem ter páginas com vídeos, blogs com depoimentos, e transmissões *online* de missas e cultos.

1.3 CIBERESPAÇO

William Gibson em 1984, no Romance *Neuromancer*, apresenta pela primeira vez o termo "ciberespaço" (ou *cyberspace*). Na obra, o autor retrata um futuro dominado por microprocessadores em que a informação é um produto de primeira necessidade. O pesquisador Pierre Lévy (1999, p. 17), define o ciberespaço como "o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores". Lévy (1999, p.32) afirma que:

As grandes tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento.

Dessa forma, a *Internet* pode ser vista como a infraestrutura de comunicação que sustenta o ciberespaço, fornecendo a sustentabilidade de se montar diversos ambientes, como a *Web*, os fóruns, *blogs*, os *chats* e o correio eletrônico, esses ainda são os exemplos mais comuns e disseminados. Em síntese, o ciberespaço é o ambiente e a *Internet* uma das infraestruturas. Para Lévy (1999), o ciberespaço é definido como o espaço de comunicação formado pela interconexão mundial dos

²² Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br> Acesso em: 05/04/2014
<https://www.facebook.com/Papa-Francisco-I-El-Jesuita-Página-Oficial-552418514789818/?fref=ts> Acesso em: 10/08/2016

computadores e das suas memórias, constituindo-se num espaço virtual de trocas simbólicas entre pessoas podendo ser entendido como o espaço de troca de informação na cultura contemporânea.

Um dos fenômenos mais intrigantes deste fim de século é sem dúvidas a relação da cultura com a tecnologia, vários setores da vida contemporânea estão sendo modificados, substituídos, complementados e ou articulados pelas tecnologias digitais. O ambiente virtual torna-se local de interação social. Nos ciberespaços há a constituição de relacionamentos os quais ganham a cada dia dimensões não só sociais como também de produção e de pesquisa nas mais diversas áreas, acarretando assim em uma ampla rede de comunicação e difusão de conhecimento. O ciberespaço não possui fronteiras.

1.4 CIBERTEOLOGIA

*Hoje, o maior desafio para a Igreja
não é aprender a usar a web para
evangelizar, mas sim viver e
pensar bem – até mesmo a fé –
no tempo da rede²³
Antonio Spadaro²⁴*

O vocábulo “ciberteologia” já fora utilizado para designar qualquer conteúdo teológico publicado na rede. Entretanto, é certo que a ciberteologia vai muito além da simples comunicação em rede, ela tem muito mais a contribuir com a sociedade quando não se a utiliza como forma de manipulação de massa.

A *Internet* tem hoje um grande impacto na vida moderna, ela tem o poder de modificar os pensamentos dos internautas, de modificar a forma como se pensa a fé. Para o Padre Spadaro, escritor do livro *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*, talvez seja a hora de se considerar a possibilidade de uma "ciberteologia" entendida

²³ <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508828-a-ciberteologia-das-redes> Acesso em: 03/01/2017.

²⁴ Antonio Spadaro é padre jesuíta, editor da revista italiana *La Civiltà Cattolica* e professor de literatura da Universidade Gregoriana, em Roma. Formado em filosofia, teologia e comunicação social, é mestre em teologia pela Universidade Lateranense e doutor na mesma área pela Gregoriana. Entrevista disponível em: <http://migre.me/dH7zH>. Acesso em: 01.09.11.

como uma inteligência da fé (*intellectus fidei*) no tempo da rede. A ciberteologia não é apenas um estudo social sobre *Internet* e religião, mas:

[...] permanece teologia no sentido em que corresponde à fórmula *fides quaerens intellectum*. A ciberteologia não é, pois, uma reflexão sociológica sobre a religiosidade na *internet*, mas resultado da fé que libera de si mesma um impulso cognitivo num tempo em que a lógica da rede assinala o modo de pensar, conhecer, comunicar, viver. (SPADARO 2012 p.41)

Na visão do autor, a ciberteologia é pensar a fé no tempo de rede, ela não é teologia da comunicação, mas sim um conhecimento que nasce da experiência da fé, a fé que busca compreender. Conforme o autor²⁵, o estudo ciberteológico é a experiência, experiência da fé e da Rede. Quando não se faz experiência da rede não se pode compreendê-la e nem realizar uma reflexão teológica expressiva.

No entanto, a Igreja ao se fazer presente no mundo virtual demonstra que há uma coexistência entre as diferentes mídias, uma vez que as “antigas” ainda continuam em cena. Na verdade, o que acontece é a existência da cultura da convergência²⁶, “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2008, p. 29). Sendo assim, pode-se perceber que o discurso da Igreja Católica nos meios midiáticos da atualidade e ainda nos tradicionais estão em convergência, e essa convergência consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais.

Fala-se claramente do mundo digital como um ambiente, não como um instrumento de um ambiente comum, mas onde as pessoas vivem, se expressam, pensam, se interrelacionam. A Igreja acaba por se inserir nesse ambiente, não simplesmente para usar a rede, mas sim viver neste ambiente, virtual, mas também real. E isso nos faz acreditar em uma mutação, a Igreja está se transformando, se moldando, para que a rede seja um espaço verdadeiro de vida. Isso significa que é preciso vivenciar

²⁵ Conferências ministrada por Antonio Spadaro, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T86F2-_G-4g Acesso em: 03/01/2017

²⁶ Por convergência, Jenkins (2012, p. 29) conceitua: Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando.

a rede, sentir e compreender como as questões religiosas hoje também se exprimem na rede.

Visto que há uma significativa mudança no modo de se fazer religião nos dias atuais, percebe-se que os eventos religiosos, como cultos, novenas, homilias que no passado poderiam ser “assistidos” somente nas igrejas, nos templos, em conjunto com a comunidade, no meio tecnológico poderiam ser assistidos pela televisão, ouvidos no rádio ou lidos no jornal, hoje as tecnologias digitais estão aí ocupando esses espaços de fé. Na contemporaneidade, com os avanços tecnológicos, as religiões perderam as fronteiras, pois hoje os eventos religiosos podem ser vistos com interatividade na *internet*, como por exemplo em blogs pentecostais e neopentecostais onde o fiel pode comentar, sugerir, reclamar ou elogiar os assuntos ali tratados, as programações religiosas chegam as pessoas, que antes tinham poucas chances de conhecê-las, por meio de canais de *internet*, como as redes sociais, *blogs*, *youtube*, *sites*, entre outros.

Na visão de Spadaro²⁷, o bem e o mal, no fundo, encontram-se na rede como se encontram na vida física. Por isso, para a Igreja estar na Rede significa, em primeiro lugar, escutar, ouvir o que dizem os homens, como vivem neste ambiente, quais são as tensões profundas da humanidade que emergem, sem se deixar amedrontar pelo mal, procurando também perceber o bem, procurando ter uma visão evangélica do modo como o homem se exprime hoje, inclusive no ambiente digital.

Por outro lado, o que se verifica é uma banalização da fé e a mercantilização da graça. Segundo Azevedo²⁸:

A graça já não é concedida por Deus, ela é conquistada por um baixo preço através da manipulação de jejuns, “correntes de orações,” “cultos de descarrego”, “cultos da conquista” das “novenas”, etc. Tem sempre uma “noite” para cada necessidade. O que você quiser é só frequentar o culto certo, e Deus não tem escolha, tem que atender. A igreja já não é o lugar “aonde você vai para servir” ela se tornou a prateleira onde se vende

²⁷ Conferências ministrada por Antonio Spadaro, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T86F2-_G-4g Acesso em: 03/01/2017

²⁸ Azevedo, Neilton Santos. O FENÔMENO RELIGIOSO NA PÓS-MODERNIDADE (2008) disponível em: <http://religare.blogs.sapo.pt/35170.html> Acesso: 12/12/2016

bênçãos, milagres, curas, CDs, DVDs, livros de todo tipo, objetos ungidos e sagrados e todo tipo de bugigangas que alimentam a volúpia de alguns que enriquecem enquanto prometem prosperidade para os outros.

Desse modo, percebe-se que o sagrado passou a ser uma mercadoria comercializada como qualquer outro produto nos meios digitais. Há uma utilização capitalista do fenômeno religioso virtual por muitas sociedades, as sociedades atuais e ditas ocidentais regem-se num sistema aonde o dinheiro e o capital são uma manifestação de poder. Por isso, Divindade, Profetas e Símbolos tornam-se, literalmente, moedas de troca. No entanto, sabe-se que a comercialização da fé não é algo somente do nosso tempo, pois encontra-se na Bíblia uma passagem que já indica o uso da fé como comércio, em Mateus 21, 12-13, episódio *Os vendedores expulsos do Templo*²⁹:

12. Então Jesus entrou no Templo e expulsou todos os vendedores e compradores que lá estavam. Virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. 13. E disse-lhes: “Está escrito: Minha casa será chamada casa de oração. Vós, porém, fazeis dela um covil de ladrões!”

Desse modo, pode-se dizer que a comercialização da fé, ou a exploração dela já vem dos tempos dos escritos bíblicos, o que mudou é a forma como ela está sendo feita. Há a modernização da comercialização da fé nos tempos de Rede. Dentro de um paradigma de evolução digital da religião, pautado no princípio de oferta, proveniente da abertura do mercado religioso, tornou o mercado mais competitivo, deixando as organizações religiosas mais ativas na mobilização de seus fiéis, com o intuito de mantê-los, e na conquista de novos adeptos, que do ponto de vista mercadológico tende a incrementar as taxas de participação religiosa da população.

No entanto, para Spadaro³⁰, o ambiente digital ajuda em nossas comunicações, ainda que vivamos de um modo diferente, conseguimos comunicar-nos, sem as barreiras do espaço e do tempo, graças à *Internet*. Para o autor ainda é preciso compreender que o ambiente digital não

²⁹ Bíblia de Jerusalém, p. 1741.

³⁰ Conferências ministrada por Antonio Spadaro, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T86F2-_G-4g Acesso em: 03/01/2017

substitui o ambiente físico, que não há substituição, mas sim uma convergência. Ainda segundo o autor:

[...] a tecnologia exprime o desejo do homem por uma plenitude que sempre o supera tanto em nível de presença e relações quanto em nível de conhecimento: o ciberespaço ressalta nossa finitude e exige operar num campo em que a espiritualidade e a tecnologia se cruzam.

A afirmação acima nos faz pensar que Spadaro, teólogo e padre jesuíta, pode ter uma visão “romântica” do mundo virtual em relação à Igreja, posto que nesse ambiente a espiritualidade está na maioria das vezes em busca de congregar mais fiéis e em ampliar a sua divulgação, assim como a comercialização de indulgências.

Pensar a Igreja com o olhar de Spadaro é acreditar que a Igreja, com cerca de dois mil anos de experiência ligada à comunicação de mensagens e às relações pessoais e comunitárias, e a *Internet*, estavam destinadas a relacionar-se, porque aquilo que funda a Rede são as relações. Pensemos nas amizades, nas relações entre pessoas, e a comunicação de uma mensagem. E aquilo que funda a Igreja são as relações de comunhão e a comunicação da mensagem evangélica. Portanto,

A Igreja está naturalmente presente onde o homem desenvolve a sua capacidade de conhecimento e de relações; desde sempre ela possui no anúncio de uma mensagem e nas relações de comunhão os dois pilares fundamentais de sua existência. Eis porque a Rede e a Igreja são duas realidades “desde sempre destinadas a se encontrar (SPADARO, 2012, p. 24)

Ainda segundo o Padre³¹ “para a Igreja não basta a conexão. Diria que a Igreja não pode reduzir as relações eclesiais a meras conexões, a Igreja tem consciência de que a experiência de comunhão que vive é um dom do Espírito.” No entanto, o fato é que as organizações religiosas estão procurando explorar as novas ferramentas digitais que as incluem no mundo virtual, como, por exemplo, a própria Igreja Católica, que já utiliza os mais diversos meios digitais para atrair e/ou manter os fiéis em

³¹ Idem

comunhão com os pensamentos religiosos. Sendo assim, podemos falar em vários “*cibers*” da Igreja Católica. Ciberteologia (que é também o nome de uma revista). Ciberigreja. Cibercatequese e Ciberpastoral. O Padre Spadaro nesse ambiente cibernético foi o criador do *blog Cyberteologia.it*, uma página do Facebook intitulada *Cybertheology*, uma conta no *Twitter* (@antoniospadaro), o diário *The CyberTheology Daily*³²

Nesse interim, caminhamos para uma mudança paradigmática no modo de evangelização da Igreja Católica, pois vivemos na atualidade um processo de midiatização da sociedade, em que, por meio das tecnologias digitais e da *internet*, uma nova relação fiel-igreja se torna expressiva e cada vez mais visível. Já para Spadaro

[...] a rede não é um novo “meio” de evangelização, mas antes de tudo um contexto no qual a fé é chamada a se exprimir não por uma mera vontade de presença, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida dos homens”. (SPADARO (2012, p. 25)

Ainda segundo o padre, o desafio da Igreja não deve ser de que modo “usar” bem a Rede, como se acredita, mas é como “viver” bem na época da Rede. “Este é o verdadeiro desafio: aprender a ser *wired*, conectado, de maneira fluida, natural, ética e, até mesmo, espiritual; experimentar a Rede como um dos ambientes da vida”.³³ De toda forma, dentro do tema Igreja Católica e *Internet*, percebe-se como a instituição religiosa, não perdendo a sua essência, está tentando se adaptar a esta realidade de redes sociais digitais e de *web*.

Portanto, para Spadaro³⁴, a ciberteologia não é uma teologia da comunicação, nem uma teologia contextual. Ela é fundamental para um diálogo da fé com o ser humano e o mundo de hoje, portanto, ela é dialógica.

1.5 ATEÍSMO E NEOATEÍSMO: BREVES CONSIDERAÇÕES

³² <http://www.cyber-theology.net> É um serviço de curador de conteúdo. (SPADARO 2012 p. 13)

³³ Conferências ministrada por Antonio Spadaro, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T86F2-_G-4g Acesso em: 03/01/2017

³⁴ Idem

*Diz o insensato em seu
coração: não há Deus*
Salmo 14, 1

O que se pretende aqui é apresentar uma breve consideração sobre o ateísmo e o neoteísmo, para se fazer compreender o surgimento do ciberateísta.

O termo ateu vem do grego, *atheos*, significa “sem deus”, é a rejeição ou a negação na crença em divindades ou seres superiores. A crença no divino, no sobrenatural, no sagrado e no transcendental é algo que para muitas pessoas parece ser estranho, antinatural e muitas vezes incompreensível, essas são as percepções sentidas por aquele que não crê, o ateu.

A história do ateísmo é bastante vasta e vem de longa data. O Ateísmo na Antiguidade não era definido como a total negação de um Deus, mas como uma forma de impiedade, não porque o acusado era um descrente em Deus, apenas não acreditava nos deuses do acusador. Porém, as pesquisas sobre essa forma de ateísmo são raras. Corrobora com essa ideia o historiador Sergio da Mata, quando afirma que a definição de ateu na Antiguidade não era muito clara, soando como uma acusação vaga de impiedade que persistiu durante a Idade Média e parte da Idade Moderna. (MATA, 2010, p. 96)

Ser ateu sempre teve uma conotação negativa, podendo ser evidenciada pelos termos que designam a descrença, os quais têm em sua formação “um prefixo privativo ou negativo: a-teísmo, des-crença, agnosticismo, in-diferença” (MINOIS, 2014 p. 12). Essa conotação pejorativa, segundo Minois, se deve a “herança de muitos séculos de perseguição de desprezo e ódio por todos aqueles que negam a existência de Deus e se viam, assim irremediavelmente amaldiçoado.” (Ibid. p. 2).

O ateísmo atual pode ser definido como uma negação da existência de Deus ou deuses, que surge com o Iluminismo dos séculos XVII e XVIII. É a partir dos filósofos iluministas que a não crença em Deus se estabelece. Para Minois (2014, p.3):

[...] o homem ateu nega a existência de um ser sobrenatural que intervenha em sua vida, mas seu comportamento não se apoia em tal negação; ele a assume, seja como um dado fundamental (ateísmo teórico), seja inconscientemente (ateísmo prático).

Assim, o ateísmo prático foi negligenciado. Para Minois, cada civilização traz em si referências à descrença e à crença no materialismo. “O ateísmo, independente das religiões, pode ser concebido como a grandiosa tentativa do homem de criar um sentido para si mesmo, de justificar para si mesmo a sua presença no universo material, de nele construir um lugar inexpugnável”. (MINOIS, 2014, P.4).

Foi a partir do século XIX, com a Revolução Industrial que o ateísmo ganhou mais força, pelas teorias da evolução de Darwin, pelo socialismo de Marx e o materialismo de Feuerbach, em que as informações e pensamentos científicos aparecem colocando em dúvida a real existência divina. Para Sartre, no ateísmo não há regras *a priori* ou valores absolutos que podem ser invocados para governar a conduta humana e que os humanos estão ‘condenados’ a inventar estes por si mesmos, tornando o "homem absolutamente responsável por tudo que ele faz" (SARTRE, 2001, p.32). Conquanto, o ateu seria a pessoa que afirma não ter religião e/ou não ter crenças teístas; são os que rejeitam uma divindade e uma religião.

Atualmente, religiões estão se moldando à economia de mercado para atender as necessidades de uma sociedade contemporânea, pois é preciso seguir os avanços em nível tecnológico bem como de comunicação. Corroborar-se dessa forma com a afirmação de Galindo:

A religião como produtora de sentido encontra-se agora diante de “novos concorrentes” que falam sobre o tempo presente. Isso é um novo habitar da contemporaneidade, onde a busca por experiências máximas foi deslocada da religião, para instituições não religiosas ou ainda por uma religião privatizada, pensada aos moldes do mercado e do consumo, atendendo ao fiel consumidor e na busca por torná-lo em um consumidor fiel. (GALINDO, 2013,p.11)

É claro que estamos diante de novos cenários, onde há novos fiéis, novas formas de cultuar, e novos “perfis” de Deus. Faz sentido ressaltar que o ateísmo que é apresentado nas Rede Mundial de Computadores já é um efeito das mutações do ateísmo no tempo, e apresenta-se como uma forma popularizada de autores contemporâneos. E essa popularização nada mais é que o retrato da leitura de autores neoteístas, os quais adequaram os discursos afim de torná-los mais simples e consequentemente mais acessíveis aos leitores.

O ateísmo no ambiente virtual trabalha com conceitos do senso comum. O termo neoateísta é basicamente um neologismo, entretanto, se justifica mais por causa das polêmicas e militância provocadas, em que o neoateísmo teve uma divulgação maior com o advento das mídias eletrônicas, principalmente na *Internet*. Para a pesquisadora Clarissa De Franco, o neoateísmo tem como características cinco fatores:

1) características de movimento social; 2) estado secular que dá proteção e força aos ateus, relegando os religiosos para lugar da obsolescência; 3) passagem do paradigma filosófico para o científico na defesa do ateísmo, com penetração pelo senso comum; 4) cenário de terrorismo religioso, que assustou o mundo com mais intensidade desde 11/09/2001, e 5) *Internet*, que possibilita a formação de redes e o espraiamento das ideias ateístas, focando no público jovem (FRANCO, 2014, 13)

Tais fatores nos fazem pensar a Rede Mundial de Computadores como um espaço social. Nesse aspecto corrobora-se com a ideia de Galindo, quando afirma que: "esta é a sociedade do agora, do presente, da cotidianidade, do instantâneo, da velocidade dos fatos e dos acontecimentos, sem passado e sem futuro, apenas do aqui e agora" (2013, p.3). É a sociedade do mundo conectado.

1.6 CIBERATEÍSMO

Pode-se correr o risco em afirmar que a civilização do século XXI é ateia, sim, já que o conteúdo do discurso, mesmo quando ainda se fala de Deus, não é mais religioso, mas político, econômico, sociológico. Não se trata, porém, do ateísmo racional, sonhado por muitos, que traria ordem e progresso à humanidade. Por certo, a fragmentação da razão não favoreceu nem as religiões, nem o ateísmo teórico, enquanto visão do mundo no qual o próprio ser humano autojustifica a sua existência e a do conjunto do universo. Porém, o que se verifica é um ateísmo descrente da razão, um ateísmo que não pronuncia seu nome, conquistador sem o querer, sem premeditação, e sem mesmo ter consciência da sua força.

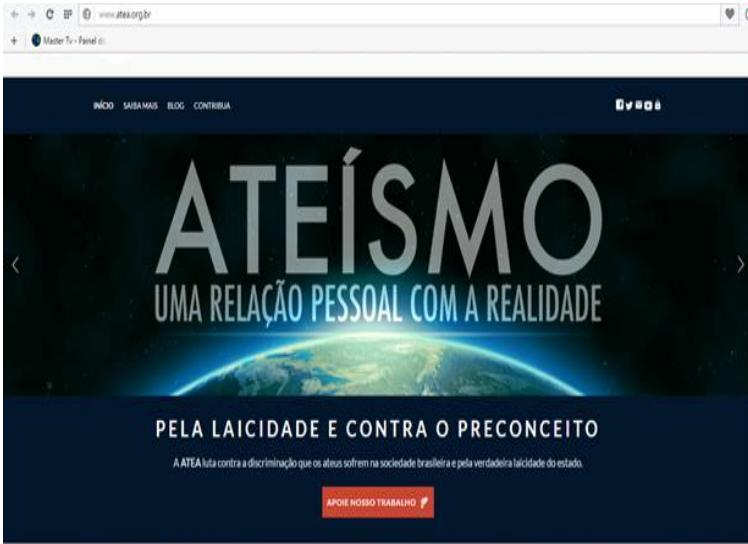
Muito embora a obra do pesquisador George Minois não contemple o movimento neoateísta, pois sua obra "História do Ateísmo" é anterior aos ataques de 11 de setembro de 2001, considerado um marco

para o início do neoteísmo, Minois retrata os dois últimos decênios do século XX que são marcados pelo declínio do combate contra a religião. Para o pesquisador, as duas últimas décadas do século XX foram marcadas pelo sentimento de impotência e de inutilidade que deixaram os espíritos apáticos. Não obstante, tem-se uma exacerbação no sentimento antirreligioso, no início do século XXI. (2014, p. 594).

É justamente nesse período que, no do Brasil, o ateísmo/neoteísmo começa a se organizar, embora que tardiamente. Não porque não tivéssemos ateus antes, mas a organização do ateísmo em associações surge somente com o advento da *internet*, uma vez que esta propiciou a um pequeno grupo, e espalhado territorialmente, o poder para se contatar e se organizar. A ATEA³⁵ é um exemplo disso.

³⁵ A Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos é uma entidade sem fins lucrativos sediada virtualmente no site <https://www.atea.org.br/>, registrada na Receita Federal - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) sob o número 10.480.171/0001-19 e no 1º Oficial de Registro de São Paulo/SP. A ATEA surgiu da necessidade crescente de ateus se organizarem e conta atualmente com mais de 12500 associados de todo Brasil (dados de Abril de 2014). Foi criada em 31 de agosto de 2008 por Daniel Sottomaior, Alfredo Spínola e Mauricio Palazzuoli. É uma associação de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem cunho político ou partidário, com a finalidade de desenvolver atividades no campo da ordem social que busquem promover o ateísmo, o agnosticismo e a laicidade do Estado. A ATEA está representada na Comissão de Direito e Liberdade Religiosa da OAB/SP, no Centro de Promoção da Liberdade Religiosa & Direitos Humanos do governo do Estado do Rio de Janeiro e no Comitê de Liberdade Religiosa do Estado do Rio Grande do Sul. É uma associação de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem cunho político ou partidário, com a finalidade de desenvolver atividades no campo da ordem social que busquem promover o ateísmo, o agnosticismo e a laicidade do Estado. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/ATEA.ORG.BR/about/?ref=page_internal. Acesso em 10/12/2016

Figura 7 - Uma das capas da página oficial do Facebook ATEA



Fonte: <http://www.atea.org.br> Acesso em 20/01/2017

Figura 8 - Página de Facebook Oficial da ATEA



Fonte: <https://www.facebook.com/ATEA.ORG.BR/?fref=ts> Acesso em 20/01/2017

É possível perceber confrontos antirreligiosos nas redes sociais. Com o surgimento de pessoas e ou grupos com contestações em torno do texto bíblico e das práticas neopentecostais - os pastores e suas pregações -, que utilizam vídeos no *Youtube* para divulgar suas opiniões, tornando-os famosos dentro da rede, muitas vezes, por suas irreverências e ou humor satírico, como é o caso do Pastor Adélio, objeto de pesquisa dessa dissertação.

Por meio de blogs, páginas na *Internet*, posteriormente, em redes sociais, renova-se um movimento antirreligioso, que contrapõe a “palavra de Deus”, é no universo virtual, do século XXI que surge então essa nova vertente dentro do próprio ateísmo/neoteísmo, que chamamos de Ciberateísmo. Nesse espaço virtual, em que se pode falar de tudo, as críticas às religiões são fortemente desenvolvidas, no entanto, o que mais interessa para a pesquisa aqui desenvolvida são as páginas ateias que falam de religião, com enfoque nos textos bíblicos, mas que usam o humor como dispositivo para o riso e para a crítica social. Algumas páginas estão nas redes sociais, outras no canal do *Youtube*; são elas: Humor Ateus Sem Censura, nela há uma variedade de imagens que estão relacionadas à religião, à política e principalmente à uma crítica aos pastores evangélicos, observemos a imagem a baixo:

Figura 9 - Página de Facebook do Humor Ateu sem Censura



Fonte: <https://www.facebook.com/humor.ateu.sem.censura> . Acesso em: 19/11/2016

Podemos observar na imagem a representação da Santa Ceia, que originalmente fora pintada por Leonardo Da Vinci, sendo uma encomenda da Igreja de Santa Maria Delle Grazie, a tela retrata o momento em que Jesus Cristo aponta seu traidor segundo a passagem bíblica João 13: 21. No entanto, na página do Humor Sem Censura a imagem está, humoristicamente, com novos personagens, com rostos de pessoas conhecidas da atualidade, representantes religiosos que se destacam por suas pregações como é o caso dos pastores evangélicos aqui representados, os padres católicos mais bem quistos na atualidade e o Papa Francisco que vem tendo grande popularidade mundial, os quais representam a igreja católica, há também jornalistas e políticos representados; no centro, no lugar da personagem principal que é Jesus Cristo, a imagem traz um humorista vestido de Diabo com uma expressão de humor satírico. No entanto, a tela está representada com apenas 11 “apóstolos”, discípulos do diabo, já a imagem original tem os 12 apóstolos. A imagem original segue abaixo:

Figura 10 - Pintura Santa Ceia de Leonardo Da Vinci



Fonte: <http://www.infoescola.com/pintura/a-ultima-ceia/> Acesso em: 19/11/2016

Observando as duas imagens pode-se perceber que a intenção do moderador da página Humor Sem Censura quis chamar a atenção de seus leitores para o que vem ocorrendo com os seguidores das religiões – cristãs e neopentecostais - o endeusamento de seus representantes. E

apresenta outros personagens como a mídia que hoje tem o poder de guiar os pensamentos da população e o político pertencente a “bancada evangélica” na câmara dos deputados, estes com o poder de decidir a vida do povo. Sendo assim, o moderador da página se mostra incrédulo com as religiões, a mídia e a política nacional, e utiliza o humor para expor suas ideias. A página tem diversas postagens nessa linha de pensamento.

Outra página no *Facebook* interessante é a Inca Venusiano, onde em sua *timeline* apresenta imagens de humor criticando as religiões e com um alvo principal os evangélicos.

Figura 11 - Facebook Inca Venusiano



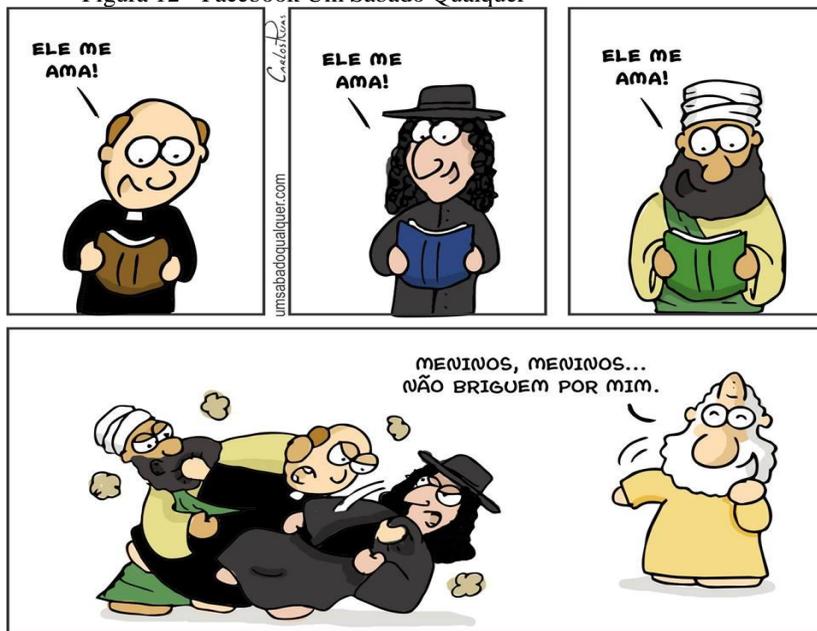
Fonte: <https://www.facebook.com/oincavenusiano/photos> Acesso em: 10/01/2017

Na imagem, observa-se que o título da Bíblia está escrito de forma equivocada “BÍBRA CRENTi”, que está sendo segurada por homem que por suas vestes pode-se inferir que seria um pastor ou um fiel neopentecostal e ou pentecostal. A criança faz uma pergunta “PAIÊÊÊ,

QUAIS MINORIAS NOSSA RELIGIÃO DISCRIMINA? Mas não há resposta, apenas o olhar do pai. Esse tipo de imagem é comumente encontrado nessa página, bastante polêmica, pois ela tem como característica principal demonstrar por meio de caricaturas o evangélico como um ser inculto e intolerante para com as minorias religiosas, mas que tem grande preocupação com a “salvação”.

Também encontramos páginas que falam sobre religião, com uma crítica mais sutil, um humor mais brando, como é o caso de *Um Sábado Qualquer* do cartunista Carlos Ruas que em sua página de *Facebook* e em seu site na *Internet* o desenhista criou uma série de tirinhas temáticas com personagens bíblicos como por exemplo: Deus, Jesus, Caim, Luciraldo (o diabo), entre outros. Quase sempre, suas tirinhas apresentam personagens das religiões, seu principal personagem é o Deus judaico-cristão. Nessas tirinhas pode-se perceber o uso de passagens bíblicas para levantar questionamentos recorrentes a partir dos dogmas cristãos, bem como pontos de vista desenvolvidos com muito humor, mas críticos.

Figura 12 - Facebook Um Sábado Qualquer



Fonte: <https://www.facebook.com/umsabadoqualqueroficial/photos>
 Acesso em: 22/01/2017

Saindo das páginas da rede social, indo para o *Youtube*, há o canal de vídeo mais visitado, no Brasil, que é o do coletivo “Porta dos Fundos” com mais de 12 milhões de inscritos. O grupo posta em média dois vídeos por semana no seu canal no *Youtube*, os quais ganham facilmente grande repercussão tanto entre brasileiros quanto estrangeiros. Boa parte dos vídeos postados pelo coletivo são vídeos de temática cristã.

Figura 13 - Canal do YouTube do Porta dos Fundos/ Vídeo Os Dez Mandamentos



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=eLawrQ1KQno&list=PLT0Smhj8chMWJVvQFIMLEeJ0n7ruyNfao> Acesso em 22/01/2017

Nesses vídeos a crítica ao cristianismo é uma das marcas, utilizando algumas passagens bíblicas as quais são parodiadas com humor, mas com referências consistentes e muitas vezes polêmicas, como forma de expor questionamentos pertinentes com o momento social, político e religioso vivido pelo Brasil. Sobre o *Coletivo Porta dos Fundos* há uma dissertação de mestrado que faz um estudo sobre o grupo, desenvolvida pelo pesquisador André Silveira, intitulada *Riso e*

subversão: O cristianismo pela Porta dos Fundos, a qual pode servir para maiores esclarecimentos e ou aprofundamentos.³⁶

Figura 14 - Canal do YouTube do Coletivo Porta dos Fundos



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/user/portadosfundos>
Acesso em 22/01/2017

Nessa linha de humor, mais pesado, entra o Pastor Adélio, como já apresentado no início do capítulo. Um ciberateista que vai utilizar das facilidades que a *Internet* proporciona para dar visibilidade aos seus vídeos e difundir o seu discurso. O que vai marcar o ciberateísmo é justamente o uso dessa facilidade, como por exemplo nos vídeos do Pastor Adélio, que geralmente são monólogos, discursados para uma câmera, antes chegar a seus espectadores/fiéis, onde o seu discurso pode ser visualizado antecipadamente, para se fazer as adaptações, escolher as melhores falas, e regravá-las, se for o caso, para então postar o vídeo no ciberespaço. Tudo pode ser editado, diferentemente dos cultos feitos ao vivo, em que os pastores dialogam diretamente com seus fiéis.

A *Internet* vai oferecer diversos recursos ao ateu/neoateu para difundir os pensamentos, mensagens e questionamentos aos mais diversos lugares. O poder de alcance da internet é ainda inigualável, a rede mundial de computadores tornou-se uma “arma” que pode ser usada por qualquer

³⁶ Silveira, André Luiz da Silveira. *Riso e subversão: O cristianismo pela Porta dos Fundos*. Florianópolis, 2016, UFSC. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/167729/339984.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 06/06/2016

pessoa, e é justamente com essa arma que pastores humoristas vão utilizar para difundir os pensamentos ateístas por meio de um humor, no caso do Pastor Adélio, um humor satírico e irônico. Adélio foi o primeiro personagem brasileiro a utilizar desse espaço virtual para dar visibilidade ao seu discurso ateísta, contestador sobre religião.

Figura 15 - Canal do YouTube do Pastor Adélio

The image is a screenshot of a YouTube channel page. At the top, the browser address bar shows 'www.youtube.com/user/mateusbalves/about'. The YouTube logo is in the top left, and the search bar contains 'pastor adélio'. The channel banner features a woman's face on the left and the text 'PASTOR ADELIO TODA SEMANA UM VIDEO NOVO' in large, bold letters. Below the banner, the channel name 'Márcio Américo' is displayed, along with a subscriber count of 72,258 and a view count of 9,888,222. The page includes navigation tabs for 'Início', 'Vídeos', 'Playlists', 'Canais', 'Discussão', and 'Sobre'. A 'Links' section lists 'Facebook', 'WordPress', 'Twitter', and 'Google+'. On the right, there is a 'Canais relacionados' section with several other channels listed. The left sidebar contains a 'PLAYLISTS' section and a list of subscribers.

Fonte: <https://www.youtube.com/user/mateusbalves/about> Acesso em 15/02/2017

Na imagem acima, pode-se observar a quantidade de inscritos, as visualizações da página e a data da primeira postagem. Também os links que estão vinculados ao canal do Pastor Adélio, como o *Facebook*, *Twitter*, *Google+* e *WordPress*. Esses dados demonstram a visibilidade da página, e como há adeptos a novos questionamentos ao texto bíblico. Um detalhe que chamou a atenção, que daria um novo estudo, é em relação aos comentários e aos inscritos nas páginas do Pastor que são na sua grande maioria homens, os quais corroboram com o pensamento questionador e inquietante do discurso do Pastor Adélio.

Com os avanços tecnológicos, dentro desse universo virtual páginas ateias que tratam de religião de forma crítica e humorística não faltam, a intenção aqui foi de apontar algumas das mais visualizadas e curtidas no momento. Há, porém, outras de menor repercussão como: *Eu, ateu*; *Em nome do troll*; *Bar do Ateu*; *Os Crente Pira*; *Cansei de Religião*; *Sem Deus no Coração*; *Evangelize-me Se For Capaz*; *Canal AntiFé* do *Youtube* (página pouco acessada, mas relacionada a *vlogs*); *ARCA* -

Associação Racionalista de Céuticos e Ateus (página do *Youtube* com pouco acesso, mas de *vlogueiros*). Em todas essas páginas seus moderados podem ser considerados ciberateístas.

Presencia-se, portanto, uma mudança paradigmática na forma de se comunicar, pois há uma consolidação no uso das novas tecnologias, mais precisamente com o uso da *internet*, já que nesse espaço virtual o processo de comunicação acaba por se tornar mais rápido, de fácil acesso e disponível para aqueles que queriam emitir opiniões e oferecer conteúdo sem qualquer tipo de restrição. Essa rede de informação democratizou os acessos, diversificou os assuntos e informações em todo o mundo; por vezes instantaneamente.

Nesse universo, o ciberateísta tem a liberdade de participar, ler e escrever mensagens, postar imagens e até construir *websites* para se posicionar sobre a sua visão das religiões e emitir opiniões do porque não seguem nenhuma delas. Os ciberateístas podem ser encontrados nesse universo virtual em grupos organizados, comunidades virtuais, ou na forma individual. Certamente a facilidade de encontrar pessoas com pensamentos semelhantes e a possibilidade do anonimato tornou a da *Internet* um local propício para aqueles que não creem em um deus se encontrarem.

CAPÍTULO II - CAMINHOS DO HUMOR

O homem é o único ser vivente que ri.
Aristóteles

As reflexões apresentadas nesse segundo capítulo tomam como ponto de partida vários estudos sobre o riso e o humor. Sabemos que existem as mais variadas análises a respeito do riso, no entanto, o objetivo é destacar nesse estudo os diferentes aspectos e suas semelhanças ao tratar do humor e de seu caráter. Pretende-se aqui evidenciar aqueles elementos que se considera de maior relevância para o objetivo dessa dissertação, que é identificar as lacunas existentes no texto bíblico proferido no discurso da personagem do Pastor Adélio, para se reconhecer as características e o tipo de humor que o Pastor se propõe fazer.

Antes de adentrar nos teóricos que vão nortear as análises apresentadas nessa dissertação é de extrema importância que se informe ao leitor duas questões fundamentais para o entendimento da personagem do *Pastor Adélio, o pastor mais sincero do mundo*. Primeiramente, o Pastor Adélio, enquanto personagem, é uma paródia da performance dos pastores neopentecostais, pois utiliza a repetição com diferença e o caráter crítico da paródia para criar a personagem. O humorista Marcio Américo utiliza a paródia a partir de um olhar mais crítico, para assim dessacralizar a personagem na imitação do Pastor da vida real, tal qual conhecemos. Percebe-se, ainda, como as problemáticas e as críticas feitas às instituições sociais, Família, Igreja e Estado, criam um aspecto mais universal, devido ao uso de paradigmas, como base para a construção da personagem tão polêmica do Pastor Adélio.

Segundo Bakhtin, um uso mais geral da paródia corresponde a uma prática de imitação ou transformação caricatural, isto é, “estilização paródica” como a recriação polêmica de uma linguagem representada e denunciada no discurso. A “paródia retórica”, que corresponderia a uma destruição, formal e negativa do discurso a outrem, a qual estaria ligada à paródia moderna, pois pode ser caracterizada por seu conceito positivo de carnavalesação. Muito Embora o carnaval não seja um fenômeno literário, mas um tipo de espetáculo sincrético de caráter ritual, a literatura se apodera dele: “é a essa transposição do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos carnavalesação da literatura” (BAKHTIN: 1981, p. 105). O mais interessante na visão bakhtiniana sobre a paródia não é seu exato significado, mas a visão de mundo, as implicações culturais e

ideológicas a que ela remete, pois ela implica em posturas culturais, sociais e políticas.

Linda Hutcheon, em sua obra intitulada *Uma Teoria da Paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*, afirma que a paródia é uma forma de imitação, porém, caracterizada pela inversão irônica, ou seja, paródia é uma repetição com uma distância crítica. Hutcheon busca na raiz etimológica da palavra elementos para resgatar o seu sentido inicial. Vejamos:

No entanto, *para* em grego também pode significar “ao longo” e, portanto, existe uma sugestão de um acordo ou intimidade, em vez de um contraste. É este segundo sentido esquecido do prefixo que alarga o escopo pragmático da paródia de modo muito útil para as discussões das formas de arte modernas [...]. Nada existe em *paródia* que necessite da inclusão de um conceito de ridículo, como existe, por exemplo, na piada, ou *burla*, do burlesco. A paródia é, pois, na sua ironia “transcontextualização” e inversão, repetição, repetição com diferença. Está implícita uma distanciação crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora, distancia geralmente assinalada pela ironia. [...] O prazer da ironia da paródia não provém do humor em particular, mas do grau de empenhamento do leitor no “vai-vem” intertextual (bouncing) para utilizar o famoso termo de E. M. Foster, entre cumplicidade e distanciação. (HUTCHEON, Linda, 1985, p. 48)

A autora conceitua o termo paródia como um contraste entre um texto confrontado com outro, com a intenção de caricatura ou zombaria. É uma das maneiras de estabelecer um vínculo entre a arte e o mundo. Dentro da esfera popular a paródia é uma reação crítica e criativa em relação à sociedade e à cultura predominante, estabelecendo entre o humorista e sua plateia um relacionamento dialógico entre a identificação e a distância.

Partindo do contexto de paródia aqui apresentado³⁷, analisando a personagem do Pastor Adélio percebe-se que a personagem se configura

³⁷ Para maior aprofundamento sobre a Paródia indica-se a leitura da obra mencionada no texto, *Uma Teoria da Paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*, de Linda Hutcheon, publicado no ano de 1985.

como uma paródia, por meio da imitação, da caricatura e da zombaria que ele faz do pastor evangélico. Pode-se observar que em todas as esquetes do Pastor Adélio ele estabelece a relação com o pastor da vida real. De início, em todos os vídeos, o Pastor aparece em um cenário que representa um local sagrado, de cunho religioso. Esse se apresenta como um elemento contrastante - irônico - entre o cenário em que o pastor está inserido para pronunciar seu discurso, um cenário idílico, edênico, e a postura de um cinismo, diria diabólico, do pastor, que ao mesmo tempo satiriza o pastor da vida real.

Figura 16 - Pastor Adélio dando um recado/ Página Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/PastorAdelio> Acesso em: 12/12/2016

Figura 17 - Imagem do vídeo Pastor Adélio - A Lógica de Deus/ YouTube



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Ugu5B9mzU6g> . Acesso em 15/01/2017

Nas figuras acima é possível observar a caracterização da personagem com indumentárias e maquiagens - incorporando assim a caricatura de um pastor. Toda a caracterização se assemelha aos cultos religiosos existentes na vida real, divulgados nas TVs, rádios, e, agora, na *Internet*. A sacada inteligente do humorista está na performance, em que ele se transforma em um pastor que só fala a verdade, utilizando das prerrogativas do humor satírico como fonte primordial para o seu trabalho.

O segundo ponto fundamental para entendimento da personagem do Pastor Adélio é a questão da ideia de performance, que embora sempre esteve no centro da teoria do texto poético oral cunhada e difundida por Zumthor, a performance tornou-se, ao longo dos tempos, importante fenômeno de comunicação em toda e qualquer manifestação de

linguagem, seja ela oral ou escrita. O conceito de performance, segundo Zumthor (2005, p. 55-56):

A performance é a materialização (a “concretização”, dizem os alemães) de uma mensagem poética por meio da voz humana e daquilo que a acompanha, o gesto, ou mesmo a totalidade dos movimentos corporais [...] Ora, nosso velho corpus poético medieval só tem “forma” nesse sentido; sua forma é alguma coisa que está se fazendo pela mediação de um corpo humano; esse corpo, através da voz, do gesto, de cenário onde ele se coloca, está em vias de realizar as sugestões contidas no “texto”.

Ainda Zumthor (2007, p. 30)

As regras da performance – com efeito, regendo simultaneamente o tempo, o lugar, a finalidade da transmissão, a ação do locutor e, em ampla medida, a resposta do público – importam para a comunicação tanto ou ainda mais do que as regras textuais postas na obra na sequência das frases: destas, elas engendram o contexto real e determinam finalmente o alcance.

Dessa forma, a performance está para o narrador da mesma forma que a voz está para o “ouvinte cúmplice”³⁸, ao passo que, a narrativa oral em presença, não se desvincilha do corpo no ato de sua transmissão. Logo, performance consiste em um diálogo entre os participantes da ação, interprete e ouvinte, em que esses exercem papéis de mesma relevância. O ouvinte é uma das principais peças da performance oral, pois cabe a ele o papel de interferir e, de acordo com seu horizonte de expectativas, inferir significado ao que ouve. Para tal, a circunstância da performance mostra-se imprescindível, pois modifica, inteiramente, o todo envolvido na voz de um determinado momento.³⁹

Embora Zumthor se debruce no entendimento de performance vislumbrando a poesia, o seu conceito de performance se encaixa bem no que o humorista Marcio Américo realiza com a personagem do Pastor

³⁸ A presente expressão encontra-se na abertura do capítulo 11 – *A performance – da obra A letra e a voz* (1993), de Zumthor.

³⁹ Para se compreender como maior profundidade o sentido de performance eu indico a leitura da obra *Performance, recepção, leitura* de Paul Zumthor.

Adélio, pois a personagem produz um monólogo, em que o Pastor Adélio se dirige diretamente ao ouvinte, como se estivessem frente a frente, como pode ser confirmado nos vídeos do *Pastor mais sincero do mundo*, em que o discurso desenvolvido pelo interprete suscita questionamentos religiosos que para o entendimento do ouvinte vai depender muito da capacidade de compreensão, do seu conhecimento do texto bíblico, bem como dos paradigmas existentes.

Feito tais colocações acerca da Paródia e da Performance, acredito que estas são indissociáveis do discurso proferido pela personagem. Entender o discurso da personagem, conseguir localizar o tipo de humor produzido e encontrar as lacunas deixadas pelo texto bíblico só serão possíveis se entendermos que a paródia e a performance caminham lado a lado com o discurso do Pastor mais sincero do mundo.

Ademais, tendo esse entendimento, e ao se olhar a Bíblia enquanto literatura, observa-se que diálogo paródico já está impregnado no texto da sagrada escritura, podendo ser percebido em todas as tramas, que se concebidos fora da tradição religiosa, podem facilmente ser considerados como uma narrativa literária, posto que já possuem uma trajetória criativa, com um dialogismo que remonta a um tempo de judaísmo arcaico.

2.1 O HUMOR

Não há comicidade fora daquilo que é humano, o homem não é apenas o único animal que ri, no entanto, o único que faz rir.
(Bergson)

Partamos, pois, da Poética, de Aristóteles, na qual encontram-se as origens das reflexões teórica acerca do cômico, ainda que o espaço destinado ao trato específico do gênero seja restrito. O cômico, desde sua origem, é tido como elemento que denota certa “inferioridade” do humano, configurando-se como “[...] imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é o ridículo”⁴⁰.

Na obra *República*, Platão acaba antecipando o princípio de análise sugerida por Aristóteles quando afirma que o riso está quase sempre

⁴⁰ ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril, 1984, p. 243.

ligado à reprovação do vício. Para Aristóteles, a alegria induzida pela zombaria é sempre uma expressão de desprezo. É rir da desgraça do outro.

Para Aristóteles “a comédia trata do que é risível, e o risível é um aspecto do vergonhoso, do feio ou do baixo. Chegamos a rir de outras pessoas, porque elas exibem alguma falta ou marca constrangedora que, enquanto não dolorosas, as torna ridículas. Dessa forma, são especialmente risíveis os inferiores em algum sentido, sobretudo os moralmente inferiores, embora não os completamente depravados”⁴¹.

No capítulo 5 de *Poética*, Aristóteles diz que a comédia é a representação de homens baixos; contudo ela não cobre tal baixaza; o cômico consiste em um defeito ou torpeza que não causa dor nem destruição; um exemplo evidente é a máscara cômica.⁴²

Por assim dizer, a máscara é a mimeses de um rosto feio e defeituoso – constata-se que, em grego, rosto e máscara têm o mesmo significado expressado pela palavra: *prosopon*. Fazer graça de um rosto distorcido, feio produz um riso bastante menosprezador, a máscara pode ser tomada como um exemplo de como devemos entender o *geloion*⁴³ em geral, pois a agressividade, o desprezo e o desdém, sem dúvida têm uma forte ação.

Questões físicas que denotam algum tipo de deformação ou algo que marque a característica de uma determinada pessoa, comum ou de ordem pública, como políticos e religiosos, pode ser constatada em vícios de comportamento e entram para o rol de possibilidades para se fazer escárnios, piadas desde que não lhes cause dor. Para Aristóteles é na comédia que a personagem se constitui a partir do verossímil.

Podemos fazer a analogia das questões levantadas por Aristóteles com o objeto da pesquisa, no vídeo intitulado *Jesus Vota no Pastor Adélio* - publicado em 2014 -, mas muito atual em virtude do cenário político brasileiro da atualidade. Vejamos um trecho da transcrição do áudio do referido vídeo:

[...] esse povo do Satanás deu para falar que eu vou entrar para a política para melhorar a vida do povo brasileiro... Que mentira, meu irmão!!! Sim, é verdade, eu vou entrar para a política, eu sou candidato, mas não vou ajudar ninguém, meu irmão... Eu vou ajudar eu mesmo!! Eu caguei pro povo brasileiro! Eu, com meus companheiros da

⁴¹ Aristóteles 1984, p44

⁴² Aristóteles, cap. 5, 49 a –b

⁴³Significado de *geloion*, em grego: o risível; o ridículo em línguas latinas.

bancada evangélica, meu irmão, cagamos pro povo brasileiro, quanto pior melhor pra nós! O que nós queremos é estender o poder para nós em todo o Brasil [...]”⁴⁴

Na transcrição percebe-se que a personagem do Pastor Adélio constrói a comicidade em função da falta de caráter dos políticos, principalmente de políticos religiosos, como é o caso da bancada evangélica no Congresso Nacional. O Pastor trata o político como uma deformidade, embora de caráter, e não física, por conta dos vícios de comportamentos. Também, trata o povo com escárnio, como aquele que em tudo crê.

Skinner, em *Hobbes a Teoria Clássica do Riso* (2002), aborda as relações filosóficas de Hobbes e a cultura humanística da Renascença em que se configura como discurso persuasivo a “crença de que o riso pode ser usado como uma arma potente em debates legais e políticos” (SKINNER, 2002, p.09). Essa crença pode ser concretizada diante da sociedade atual, principalmente nos meios religiosos e políticos, em que os humoristas nacionais e internacionais fazem uso do riso para persuadir sua plateia a rir das mazelas religiosas e políticas vivenciadas. Um exemplo nacional, pode-se citar o grupo Porta dos Fundos que utiliza da prática humorística para criticar acontecimentos sociais em que envolve tanto a religião quanto os acontecimentos políticos. Bem como o Pastor Adélio, que por meio de um discurso irônico sobre a sua candidatura à política induz o seu ouvinte ao riso, não aquele gargalhar, mas aquele riso desconfiado, desolado: “[...] Prepare o seu coração e o seu título de eleitor, eu sou candidato ao Senado da República, eu serei o Senador de Cristo [...]”⁴⁵. É o riso que nós brasileiros temos em função da política atual, um riso de raiva, de desgosto. Corrobora-se com a perspectiva da teoria clássica, o riso é a reprovação do vício, é o desprezo por aquele que possui comportamentos ridículos.

Skinner vai dizer que a teoria é um conjunto de características comuns ao riso presente nas obras de diversos estudiosos de Platão a Quintiliano. Seus estudos indicam o quanto o fenômeno do riso está presente no Renascimento. Para ele é clara a aproximação de Hobbes com a perspectiva do riso em Aristóteles: *A Natureza Humana*. O riso acaba por expor o que está inerente e ao mesmo tempo devastador no homem.

⁴⁴ Jesus Vota no Pastor Adélio: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nXXYNV1RC8o> Acesso: 15/08/2016.

⁴⁵ Idem, 2’43 – 2’54

O retorno ao ponto de vista clássico sobre o riso revelado por Skinner deixa claro o quanto o riso pode ser aprazível e desdenhoso, podendo fazer parte de uma vida em sociedade, que fora aceito nas primeiras décadas do século XVII. (SKINNER, 2002, p.54)

Já, em relação ao cômico e o trágico, Mikhail Bakhtin, em sua obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, afirma que tanto o trágico como o cômico, ambos, coexistiam na cultura antiga, que não havia uma oposição entre tais elementos. Aponta como exemplo dessa coexistência, o drama satírico que acompanhava as trilógias trágicas.

Depois da trilogia trágica vinha o drama satírico que a completava no domínio do riso. O sério antigo não temia absolutamente o riso e as paródias, ele exigia mesmo um corretivo e um complemento cômicos. É por esta razão que não podia existir no mundo antigo oposição entre as culturas oficial e popular tão nítida como na Idade Média. (BAKHTIN, 2013, p. 104)

No contexto grego, o fato é que se até os deuses puderam ser objeto do riso cômico, percebe-se que nos homens reside, ao lado da força que leva ao *pathos* heroico e à grave dignidade, a aptidão e a necessidade do riso.

Seguindo esse pensamento, para Bakhtin, é possível dizer que o cômico e o trágico, o riso e o sério, se complementavam, que não existia ainda uma sobreposição do tom sério sobre o cômico os quais se manifestavam em harmonia, e isso só era possível porque estavam livres do dogmatismo. Porém, a situação é diversa no contexto da Idade Média assim como nos séculos seguintes.

Michael Bakhtin (2003 p. 03), em seus estudos aponta para a forma como o espaço destinado à investigação do cômico tornou-se bastante limitado, que “[...] uma investigação profunda dos domínios da literatura cômica tem sido tão pouco e tão superficialmente explorada”. O russo ainda aponta para o caráter não oficial do riso:

[...] o riso popular e suas formas constituem o campo menos estudado da criação popular. A concepção estreita do caráter popular e do folclore, nascida na época pré-romântica e concluída essencialmente por Herder e os românticos, exclui quase totalmente a cultura específica da praça pública e também o humor popular em toda a

riqueza de suas manifestações. Nem mesmo posteriormente os especialistas do folclore e da história literária consideraram o humor do povo na praça pública como um objeto digno de estudo do ponto de vista cultural, histórico, folclórico ou literário. Entre as numerosas investigações científicas consagradas aos ritos, mitos e às obras populares líricas e épicas, o riso ocupa apenas um lugar modesto. (BAKHTIN, 2013, p. 03)

Bakhtin constata que o domínio burguês da cultura e da estética modernas trata o riso popular de forma deturpada, pois “o mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época.” (BAKHTIN, 2013, p. 03) Pode-se dizer, então, que o riso é uma das principais formas pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo, sobre a história, sobre o homem, assumindo “um profundo valor de concepção do mundo”.

Bakhtin, ao questionar-se acerca da rejeição que Rabelais sofre a partir do século XVIII, ele nos oferece uma explicação: se o riso no Renascimento é uma “concepção de mundo” pela qual se pode exprimir e apreender a verdade na sua totalidade,

A atitude do século XVII e seguintes em relação ao riso pode ser caracterizada da seguinte maneira: o riso não pode ser uma forma universal de concepção do mundo; ele pode referir-se apenas a certos fenômenos *parciais* e parcialmente típicos da vida social, a fenômenos de caráter negativo; o que é essencial e importante não pode ser cômico; a história e os homens que a encarnam (reis, chefes de exército, heróis) não podem ser cômicos; o domínio do cômico é restrito e específico (vícios dos indivíduos e da sociedade); não se pode exprimir na linguagem do riso a verdade primordial sobre o mundo, apenas o tom sério é adequado; é por isso que na literatura se atribui ao riso um lugar entre os gêneros menores, que descrevem a vida de indivíduos isolados ou dos estratos mais baixos da sociedade; o riso é ou um divertimento ligeiro, ou uma espécie de castigo útil que a sociedade usa para os seres inferiores e corrompidos. De uma maneira um pouco esquemática, naturalmente, essa

é a definição da atitude do séculos XVII e XVIII em relação ao riso. (BAKHTIN, 2013, p. 57-58)

O estudioso identifica no riso o seu caráter festivo assim como a sua capacidade de ridicularizar, aclarando sua ambivalência que está na multiplicidade e na negação do dogmatismo, da verdade absoluta e do estético. Diferentemente de Aristóteles, que aborda o cômico como capacidade apenas de ridicularização.

O que marca a separação entre o riso observado e descrito por Bakhtin e o riso moderno não é o fato de aquele riso ser gratuito, desinteressado, e este ser, de certa forma, engajado. Mas sim, o fato de que o riso renascentista, segundo o autor, possuía uma função criadora, regeneradora, que, para os indivíduos modernos, é bastante difícil de ser compreendida, uma vez que estamos habituados a ver o riso de zombaria como expressão unicamente denegridora. A feição utópica desse riso, cuja força residia na ambivalência das representações do baixo corporal, da degradação física e do grotesco, desapareceu no riso moderno, quando a concepção de vida da humanidade modificou-se (BAKHTIN, 2013, p. 61).

É possível observar na teoria de Bakhtin (2008) que, na Idade Média, o riso é concebido como uma sensação social e universal. Dessa forma, o riso é patrimônio do povo, característica que o torna instrumento de poder para àquele que ri. “O riso é uma posição estética determinada diante da realidade, mas intraduzível à linguagem da lógica, isto é, é um método de visão artística e interpretação da realidade [...]” (BAKHTIN 2013, p. 188). Para o filósofo, o riso tem o poder de libertar não apenas da censura exterior, mas também da censura interior, parte intrínseca ao ser humano que é capaz de regular as suas ações como, por exemplo, o medo, que, há muitos anos, montou guarita no espírito humano.

Para Bakhtin (2013), o riso dessacraliza e relativiza as verdades estabelecidas e as coisas sérias, dirige-se ao superior, à Igreja, às divindades, aos Estados. Para o autor a ambivalência do riso é clara pois ele demonstra uma opinião sobre um mundo em plena evolução, no qual se incluem todos aqueles que riem. Nessa lógica, ao conceber o mundo de forma diferente, não séria, o riso nos permite acessar os aspectos do mundo em uma totalidade e não individualizada. Manifestando-o, entra-se em harmonia com o todo, por isso, o povo quando ri torna-se indivisível, completamente oposto àqueles que se julgam sérios e poderosos.

Nesse aspecto é possível compreender a personagem do *Pastor mais sincero do mundo*, pois ele relativiza as verdades tidas com absolutas

pelos crentes. Ao propor um Pastor que só fala a verdade e utilizar passagens bíblicas para comprovar o seu discurso, ele dessacraliza o texto bíblico e provoca o riso,- não em todos, é claro, mas aquele que rir com o Pastor Adélio consegue se libertar das amarras da religião -, esse riso compara-se ao riso descrito por Bakhtin.

No vídeo *Pegadinha de Deus*, postado em 2015, que conta com 87.969 visualizações, mais de 5 mil curtidas positivas e com apenas pouco mais de 100 curtidas negativas, o Pastor Adélio com toda a sua irreverência, seu linguajar popular, como muitas gírias e bordões, apresenta a história de Abraão, que consta no Antigo Testamento, em Gênesis 22, 1 – 13. Na transcrição do vídeo temos a história contada pelo Pastor Adélio, atentemos ao que ele discursa:

- O que você quer Jeová?’ – Ai o Jeová meio segurando pra não rir:
- Abraão, quero que faça um negocio pra mim, HAHHAHA uma coisa boa, cê vai pegar seu filho Isaac...
- Uhh, Isaac, o filho que cê me deu?!
- Isso
- E o que que o senhor quer que eu faça com ele Jeová?
- Cê vai sacrificar ele pra mim.
- Sacrificar Jeová? Mas... O senhor acabou de me dar esse filho.
- Foda-se, você sacrifica e mata ele!
- Mas pra que jeová?
- É um teste que eu to fazendo com você, é tipo um ENEM, entendeu? É o ENEM de Jeová, média 5 cê passa. Vou testar a sua fé.
- Mas Jeová, você sabe tudo, pra que que precisa testar a fé?
- Ooorrh Abraão o seguinte, se você não fizer o que eu to mandando eu eueueuu... bloqueio você no facebook. – Porra ai pegou pro Abraão.
- Bloqueou no facebook ai eu não quero, tem que tá na página do Jeová. – Tá bom, pegou Abraão e construiu a porra do altar, madeira, pedra pra caralho, fogo, não entendi direito o fogo, se era isqueiro, como fazia o fogo nessa porra. Hora que ta com o filho lá pra fazer... imagina a cena meu irmão... O cara está com o filho no altar, com a faca na mão, pronto pra matar o próprio filho. Quer dizer, não precisa estudar muito a genealogia pra

saber da onde vem a família Nardoni né?! O Jeová também não fica muito atrás, não gosta de criança. Ai a hora que ele tava pra matar, entra Deus:

-Para para para para tudo, para para tudo para HÁ, é gadinha de Jeová hei éé. Héé, não precisa matar não, ali a ovelhinha, mata a ovelhinha.

O Abraão... Imagina a situação do Abraão, vai lá e mata a porra da ovelha, e Jeová fica feliz porque ele voltou a se divertir com o brinquedinho dele chamado ser humano⁴⁶.

Agora comparemos com a passagem bíblica menciona pelo Pastor Adélio: Gênesis 22, 13⁴⁷:

1 Depois desses acontecimentos, sucedeu que Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: “Abraão!” Ele respondeu : “Eis-me aqui!” 2 Deus disse: “Toma teu filho , teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te indicarei.” 3 Abraão se levantou cedo, selou seu jumento e tomou consigo dois de seus servos e seu filho Isaac. Ele rachou a lenha do holocausto e se pôs a caminho para o lugar de Deus lhe havia indicado. 4 No terceiro dia, Abraão, levantando os olhos, viu de longe o lugar. 5 Abraão disse a seus servos: “Permaneço aqui com o jumento. Eu e o menino iremos até lá, adoraremos e voltaremos a vós.” 6 Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre seu filho Isaac, tendo ele mesmo tomado nas mãos o fogo e o cutelo, e foram-se os dois juntos. 7 Isaac dirigiu-se a seu pai Abraão e disse: “Meu pai!” Ele respondeu: “Sim, meu filho!” – “Eis o fogo e a lenha,” retomou ele, “mas onde está o cordeiro para o holocausto?” 8 Abraão respondeu: “É Deus quem proverá o cordeiro para o holocausto, meu filho”. E foram –se os dois juntos. 9 Quando chegaram ao lugar que Deus lhe indicara, Abraão construiu o altar, dispôs a lenha, depois amarrou seu filho Isaac e o colocou sobre o altar, em cima da lenha. 10 Abraão estendeu a mão e apanhou o cutelo para imolar seu filho. 11 Mas o anjo de Iahweh o

⁴⁶ Transcrição do Vídeo A Pegadinha de Deus. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=fYYRrYPj-Zk&t=8s> Acesso: 03/12/2016

⁴⁷ Bíblia de Jerusalém. Ed. Paulus – 2002. P. 61-62.

chamou do céu e disse: “Abraão! Abraão!” Eles responderam: “Eis-me aqui!” 12 O Anjo disse: “Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus: tu não me recusaste teu filho, teu único”. 13 Abrão ergueu os olhos e viu um cordeiro, preso pelos chifres num arbusto; Abraão foi pegar o cordeiro e o ofereceu em holocausto no lugar de seu filho.

Será que seríamos capazes de rir da perícópe bíblica, aqui apresentada, ao lermos o texto na Bíblia? Creio que não. No entanto, ao lermos, ou melhor, assistirmos o vídeo do Pastor Adélio já é possível rir, rir do texto bíblico, rir da situação, por conta da dessacralização do texto, das inferências de nosso tempo, - menção à pessoas e situações atuais, como os Nardoni, condenados pelo assassinado da filha de 5 anos -, rir da própria linguagem, e da própria verdade imbuída no texto bíblico que cai por terra com os questionamentos postos pelo Pastor Adélio. Assim, despertando o riso irônico, satírico. Seus seguidores demonstram a satisfação com o vídeo postado:

Figura 18 - Página do YouTube/ Pastor Adélio: Pegadinha de Deus



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=fYYRrYPj-Zk&t=186s>

Acesso em: 05/02/2017

Analisando as mensagens postadas, confirmando o riso, é possível inferir que as causas para o riso são, de modo geral, diversas e que

dependem muito do contexto ao qual estejam inseridas. As condições de produção do discurso cômico variam não apenas em função do tempo e espaço, pois também derivam de situações distintas, embora o humor e o riso apresentem-se como partes de um mesmo objeto. As pessoas riem de alegria, de medo, de ódio, de desespero e até de tristeza, as motivações para esse fenômeno se apresentam ligadas ao espaço de experiência adquirida por cada pessoa da sociedade. Portanto, pode-se afirmar que o riso é um elemento determinado pela cultura.

Pensando no texto bíblico, pode-se encontrar o humor na Bíblia, embora ele não seja evidente para todos os leitores da atualidade, os quais estão acostumados com o humor escrachado, justamente devido ao fato da coexistência ou justaposição na Bíblia entre o cômico e o trágico. Corroborando com esse pensamento Auerbach (2015), em *Mimesis*, quando afirma que os autores bíblicos estavam “a conjugar – sem distinguir gêneros, como os gregos – o sublime com o trivial ou o cômico com o trágico”. (AUERBACH, 2015, p. 520)

Se, por um lado, Bergson diverge da concepção bakhtiniana acerca do cômico, por outro, ambos estão de acordo ao defenderem que o riso se dá pela interação entre os indivíduos. Bakhtin afirma que o riso é social, universal. Ao encontro de tal afirmação, Bergson também destaca sua nuance social, como pode ser observada no fragmento abaixo:

[...] O riso parece precisar de eco [...]. O nosso riso é sempre o riso de um grupo [...]. Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobretudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social. [...] O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. (BERGSON 1980, p. 13-14)

De fato, a proposta de Bergson, explicitada na obra, *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*, é de justamente entender o riso dentro dessa perspectiva. No entanto, verifica-se que o teórico apresenta um estudo limitado, ao passo que se propõe tratar de uma “totalidade” deste elemento e não a atinge, mesmo que se reconheça seu tom social. Ademais, Bergson não considera que o riso esteja em constante metamorfose de acordo com as variações sócio-temporais. Nessa perspectiva, incorre, a meu ver, no equívoco de tomá-lo como fenômeno estático.

O autor de *O Riso*, traça uma visão diferenciada de Bakhtin, pois, para Bergson, o riso é o ingrediente que serve de corretivo para o cômico. O riso é reconhecido por significações positivas, regeneradoras e criadoras. Para o autor, o cômico se caracteriza como traço inerente ao homem, ou seja, o homem ri de si mesmo. Vejamos:

Já se definiu o homem como um “animal que ri”. Poderia também ter sido definido como um animal que faz rir, pois se outro animal o conseguisse, ou algum objeto inanimado, seria por semelhança com o homem, pela característica impressa pelo homem ou pelo uso que o homem dele faz. (BERGSON, 1980, p 7)

Sendo assim, o estudioso, indica três princípios básicos em que as situações cômicas podem se desenvolver. Para o autor não há comicidade fora daquilo que é humano, o homem não é apenas o único animal que ri, no entanto, o único que faz rir. Assim, a comicidade presente em qualquer objeto, ou animal, só existirá se estes se assemelharem com o homem, trata-se aqui do primeiro princípio.

Para Bergson, a comicidade presente em qualquer objeto, ou animal, só existirá se estes se assemelharem com o homem, trata-se aqui do primeiro princípio. O autor afirma que a comicidade para produzir efeito tem que se desvincular dos sentimentos do coração, “anestesia momentânea do coração” (BERGSON, 1980, p. 19), pois só será possível rir de uma pessoa que requer piedade se esses sentimentos forem esquecidos momentaneamente. Assim, o maior adversário do cômico é a emoção, pois o riso é isento de emoção, em que aquele que ri paira sobre o objeto do riso. O vínculo emocional constitui um obstáculo à comicidade, pois permite uma proximidade ao riso. O desmascaramento cômico carece da superioridade daquele que ri frente ao objeto do riso, pois o riso decorre de uma relação distanciada entre ridente e risível. Estamos diante do segundo princípio.

O terceiro princípio, o autor assegura que nosso riso está sempre ligado ao grupo a que pertencemos, pois sempre que rirmos há a necessidade de entendimento. Segundo Bergson (1980, p.2), não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano. “Uma paisagem poderá ser bela e graciosa, insignificante ou feia, nunca será risível”. Portanto, o papel do riso é social, ele é o produto das ideias e dos costumes da sociedade, por isso é preciso estar dentro do contexto, pois o que pode ser risível para alguém pode não ser para outrem, ou o que faz rir a um

pode fazer rir a tantos outros. Nesse aspecto, representa os conflitos sociais, pois trata de exercer o controle social através da manifestação de aprovação ou reprovação, baseando-se na noção de ridículo ou de temor. Por isso o riso transforma-se em instrumento de luta e oposição ao controle social assim como aos conflitos inerentes a uma sociedade. Quando os três princípios coexistirem haverá certamente a possibilidade de o riso acontecer.

Ortiga (1992, p. 46), em sua tese de doutorado, aponta as indagações de Bergson sobre o sentido do riso em que especifica as suas características gerais. Essas corroboram com os três princípios bergsonianos mencionados anteriormente. A saber:

Primeiro, o riso é comportamento humano por excelência, pois o homem ri do próprio homem. Na realidade, Bergson reafirma a característica aristotélica da inerência humana do riso. A insensibilidade, segundo traço distintivo, corresponde à imobilidade ou à contumácia do coração, assinalada por Hobbes, sendo uma forma de resistência à ação do risível. Aquele que ri guarda distância, pois a empatia é antagônica do riso, que “s’adresse à l’intelligence pure”. Terceiro: Bergson inaugura um intelectualismo sociológico, o riso como efeito que se produz no indivíduo e cuja produção não depende apenas dele, mas de um mecanismo gerado pela natureza ou por uma tradição de vida em sociedade. Dessa maneira, o riso configura-se num produto vectorial, norteador no indivíduo por uma consciência coletiva. Por último, ao afirmar que “a rigidez é o cômico e a correção dela é o riso”, Bergson recupera a divisa “ridendo castigat mores” de Lucílio, mais tarde adotada por Jean de Santeuil para a “*commedia dell’arte*”. Fixa sua função de castigo infligido pela sociedade (agressão coletiva) em decorrência da falta de elasticidade e adaptação, enfim, de toda sorte de dissidências individuais (marginalidade) atentatória à vida social. (ORTIGA, 1992, p. 46)

No contexto da citação acima, pode-se dizer que o riso tem um caráter ritualístico. A própria autora vê, no riso, um corretivo, uma reação da natureza frente ao vício cômico. Dessa forma, aponta mecanismos da

comicidade diante da exposição social do indivíduo. São eles: a rigidez mecânica, a distração, a repetição, o isolamento e a lógica dos sonhos.

Na rigidez mecânica o riso é causado pela inflexão da vida na direção mecânica. “O mecânico calcado no vivo, eis uma cruz onde é preciso se deter, imagem central, donde a imaginação irradia em direções divergentes” (Bergson, 1980, p. 27). Já, a distração pode estar relacionada ou não a essa inflexão. Por isso, a distração despertará o efeito cômico quando conhecermos a suas origens. O efeito da repetição torna-se cômica a partir do entendimento de que a vida jamais se repetirá. Assim, quanto mais complexa e natural for a repetição, mais comicidade ela despertará. O isolamento também tem o caráter cômico, pois a sociedade não aceita aquele que se isola, pois, o riso está vinculado aos costumes, ideias e preconceitos existentes na sociedade, assim, aquele que se isola torna-se ridículo perante a sociedade.

É possível relacionar o riso evidenciado por Bergson com o objeto da pesquisa aqui apresentado, o Pastor Adélio. Pois é preciso se distanciar do coração - “anestesia momentânea do coração” - para compreender o pastor, no que se refere ao humor e ao riso relacionados ao texto bíblico, não como uma forma de fuga e nem de afastamento do que está lá, escrito na Bíblia, mas sim despertando um olhar diferenciado, um olhar contemporâneo. No caso do *Pastor mais sincero do mundo*, que “só fala a verdade”, é fundamental esse distanciamento do coração para com o religioso, daquilo posto como verdade no texto bíblico. Se o riso tem um caráter social, humano, como afirma Bergson, o homem seria a peça propulsora desse riso, uma forma de libertação.

Vladmir Propp (1992), filólogo russo, apresenta em sua obra, *Comicidade e Riso*, uma investigação e um balanço crítico sobre o que já fora escrito sobre o cômico. O autor reuniu e sistematizou exemplos do humor e da comicidade em autores como Gógol, e alude à teoria de Bergson sobre o riso. O riso está ligado emotivamente com o objeto de riso, envolvendo compaixão, raiva e piedade.

Para Propp, rir e zombar são processos diferentes, no entanto, há uma ligação desse tipo de riso com a comicidade que se dá pelo fato de esta ser frequentemente vinculada à ideia de desnudamento de defeitos perceptíveis ou não, os quais são ocasionadores do riso. Nessa perspectiva, o autor classifica o riso de acordo com as formas do cômico que, por sua vez, indicariam o germe do riso, levando-o a pensar em uma única teoria da comicidade: a causa tipificando o feito. Para o autor o riso de zombaria estaria mais ligado à comicidade.

O riso de zombaria ou derrisão - também definido assim pelo autor - é encontrado quando há um desnudamento de uma deformidade humana

frente à vida. Segundo Propp, o rizo de zombaria está permanentemente ligado à esfera do cômico, o autor afirma “que o vasto campo da sátira baseia-se no riso de zombaria, e este tipo de riso é o que mais se encontra na vida.” (PROPP, 1992 p. 28). O autor sistematiza o material estudado conforme o objeto de derrisão. Dessa forma, será possível verificar que do homem se é capaz de rir em quase todas as suas manifestações, excluindo-se, no entanto, o que ocupa o domínio do sofrimento. Para o autor, o homem pode tornar-se objeto do riso tanto na vida física quanto na moral, assim, aquele que zomba comporta-se da mesma maneira tanto na vida como na arte. Vladimir Propp (1992) nos faz um questionamento: do que o homem ri? Responde-nos que a causa mais comum e natural do riso humano advém de tudo aquilo que é ridículo. Demonstrando que, para ele “o riso é a punição que nos dá a natureza por um defeito qualquer oculto ao homem, defeito que se nos revela repentinamente” (p. 44). Para Hartmann (apud PROPP, 1992, p. 44), “A comicidade repousa nas fraquezas e nas misérias humanas”.

Nesse aspecto também conseguimos visualizar a representação da personagem do Pastor Adélio, o qual faz uma paródia da personificação do pastor neopentecostal, que, muitas vezes, se ocupa em enganar os fiéis com seus discursos, que geralmente recaem sobre as fraquezas e as misérias vivenciadas por seu seguidor. No entanto, o Pastor Adélio vai deixar bem claro que está enganando, e por isso vai se utilizar dessas situações para zombar dos fiéis, e demonstrar com o seu discurso como é possível enganar a quem quer que seja com a Bíblia. Atentemos para a primeira parte da transcrição do vídeo Pastor Adélio Mostra o Inferno Real⁴⁸:

Olá, meus irmãos, Pastor Adélio está de volta. Meu irmão, esta semana eu tenho ouvido aí reclamações, estou muito triste, estou sendo processado. Processo aí de tudo quanto é lado, meus irmãos. Agora o que mais me deixou triste, meus irmãos, consternado mesmo, foi pessoas me compararem a Valdomiro, a Silas Malafaia, a Edir Macedo, meus irmãos. Disseram que eu sou da mesma laia dessas pessoas. Quem me dera, meu irmão, eu conseguir ser como esses homens, meu irmão. Ainda tenho um pouco de escrúpulo, meu irmão. Outro dia aqui na igreja, uma aposentada, uma veia fudida, dessa

⁴⁸ Vídeo Pastor Adelio Mostra o Inferno Real: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4kEiNc9b-Wc&t=1s> Acesso em: 10/10/2016

que não tem dinheiro pra usar uma calcinha da Marisa, daquela que não tem dinheiro pra comprar um detergente bom, compra aquele da Kombi, se vê que é gente fudida... veio me dar a aposentadoria, fiquei com dó, meu irmão, não peguei. Você acha que o Silas Malafaia faria isso, meu irmão? Ele pegaria! Esses caras estão pegando até tele-sena vencida, meu irmão. E o Pastor com pena de podre é igual padeiro com pena de gordo, não funciona, meu irmão.

No contexto da citação acima, percebe-se que o cômico amplia os defeitos para explicitar o ridículo expresso nas atitudes humanas. No caso, o Pastor Adélio reforça a visão que se tem desses pastores, os quais fazem tudo por dinheiro mexendo com a fé das pessoas. A comicidade pode se concentrar, também, numa correlação da natureza física e da natureza espiritual do homem, em situações em que a natureza física desnuda os defeitos da natureza espiritual. Desse modo, ao observarmos o discurso do Pastor Adélio em seus vídeos de temática cristã é possível identificar essa comicidade que fala Propp.

Para Z. Podskâlski (apud PROPP, 1992, p. 88), a questão do exagero é um ponto chave para caracterizar as representações da imagem cômica e a situação cômica. Assumindo esta perspectiva, Propp (1992) afirma que existem três formas de exagero que produz e efeito cômico: a *caricatura*, a *hipérbole* e o *grotesco*.

A *caricatura*: segundo Propp, a melhor definição da essência da caricatura foi dada por Púchkin e mais tarde confirmada por Bergson, (apud Propp, 1992, p. 89): “a arte da caricaturista consiste em captar um pormenor, às vezes imperceptível, e torná-lo evidente a todos através da ampliação de suas dimensões”, entretanto, alguns pontos positivos sobre a imagem construída são resguardados.

A *hipérbole* é uma variedade da caricatura que ressalta exageradamente os aspectos negativos, não aproveitando nenhum aspecto positivo. Ela pode ser tanto heroizante como depreciativa. Ocorre com um exagero de um todo, ela é ridícula somente quando ressalta as características negativas e não as positivas. Gógol, não emprega com objetos satíricos, mas, às vezes, utiliza como comicidade (PROPP, 1992, p. 90).

O *grotesco* delimita-se com o terrível, pois consiste na forma mais extremada de exagero, ele aumenta o alvo de relato em uma proporção monstruosa. Ultrapassando assim o limite do real para entrar no fantástico. Entende-se que o limite entre o grotesco e a *hipérbole* é

convencional, que além do exagero no grotesco ele também é cômico, pois encobre o princípio espiritual e revela os defeitos. Ele se torna terrível quando o princípio espiritual se anula no homem. O grotesco assume a forma preferida de comicidade do *epos* popular na Antiguidade. É por essas questões que a representação dos loucos é terrivelmente cômica (PROPP, 1992, p. 92).

Continuando a refletir sobre o riso, para Propp (1992) os caracteres cômicos não existem por si só, eles têm relação com as atividades do homem no mundo social. O autor afirma que “a estultice, a incapacidade mais elementar de observar corretamente, de ligar causas e efeitos, desperta o riso” (PROPP, 1992, p.105).

Seria o alogismo a forma mais comum de comicidade na vida real? Segundo o autor, o alogismo pode ser manifesto ou latente. Quando manifesto, é cômico até mesmo para aqueles que veem ou sentem sua manifestação. Quando latente, exige um desmascaramento e o riso surge no momento desse desnudamento. O sujeito-agente sente quando o desmascaramento acontece para si, vivenciando na própria pele. Já, para o sujeito observador, o espectador ou o leitor, o desmascaramento de um alogismo pode acontecer por uma tirada espirituosa de um interlocutor, revelando a inconsistência do juízo de quem pratica (PROPP, 1992, p. 105). Muitas vezes, o fato de demonstrar incapacidade em relacionar causas com efeitos, basta para despertar o riso, o qual surge no momento em que a ignorância oculta se manifesta subitamente nas palavras ou nas ações do tolo.

No caso da mentira, para ser cômica, deve ser pequena e não levar a consequências trágicas. Além da mentira, Propp (1992) aponta outros procedimentos linguísticos de comicidade: os trocadilhos (também chamados de calembures), os paradoxos, as tiradas, bem como algumas formas de ironia.

Assim, o autor afirma que o riso de zombaria é o mais frequente, sendo este o tipo fundamental de riso humano. Propp (1992) também aborda a questão do caráter contagiante do riso: nós rimos no momento em que transferimos nossa inteligência dos fenômenos de caráter espiritual para as formas exteriores de sua manifestação; então acontece o riso.

Além do riso de zombaria, o autor aponta mais cinco tipos, seriam estes: O **riso bom**, que nasce de uma indignação benevolente; o **riso cínico**, que incentiva os sentimentos maldosos por meio dos defeitos aumentados, com enfoque nas coisas ruins e maldosas. Para contrapor a esses, tem-se o **riso alegre**, que advém da alegria que nasce do próprio indivíduo. Há também o **riso ritual**, que é projetado de forma obrigatória

em cerimoniais. Por fim, **o riso imoderado**, que se caracteriza pela ausência de limites quanto à intensidade, esse se assemelha ao riso desbragado presente em Rebelais, cuja forma é a mais censurada na atualidade segundo Propp (PROPP, 1992, p. 167). É possível, então inferir que a personagem do Pastor Adélio além de produzir o riso zombeteiro, também desenvolve o riso cínico e o riso imoderado, para comprovar tal afirmação basta assistirmos um dos vídeos do *Pastor Adélio, o pastor que só fala a verdade*, que logo se percebe os três tipos de riso:

O riso zombeteiro:

O dom de línguas aparece pela primeira vez na Bíblia, no Livro de Atos, que é um evento que tinha lá, um tal de pentecoste, que tava aquele bando de discípulo semianalfabeto reunido, mas tinha gente de vários país, vários estrangeiros.. Do nada meu irmão, os discípulos começaram a falar em línguas e todo mundo entendia meu irmão, foi o acontecimento da semana, saio na “Cara”, saio no blog do “UOL”, foi foda! Só que meu irmão... Hoje em dia pergunto pra você: Que estrangeiro frequenta uma igreja evangélica meu irmão? Mas nem paraguaio frequenta isso aqui meu irmão! Então se eu quiser ver um monte de gente sem instrução, fudida, feia, falando uma língua que eu não conheço, eu vou na 25 de março meu irmão. E olha, eu vou dizer pra você, a maioria dos fiéis aqui na minha igreja, que se propõe a falar em línguas, são pessoas que no seu idioma nativo, o português, falam coisas como “prástico”, “probrema”, “istrupo”, “ispait”, “maumita”...

O riso cínico:

Então meus irmãos, se você que falar em línguas, fala, mas cê sabe que é uma fraude, mas continue falando, eu acho ótimo isso. Jamais meu irmão, pra realmente falar em línguas, jamais procure uma escola de idiomas, eu desaconselho meu irmão, porque se você quiser falar em línguas através da escola de idiomas você vai realmente apreender o idioma estrangeiro meu irmão, e isso vai fazer com que você tome contato com outras culturas, vai ampliar o seu conhecimento, vai te dar novas ferramentas pra você absorver conhecimento meu irmão. E isso vai fazer você pensar meu irmão, isso

vai despertar em você uma adormecida curiosidade intelectual meu irmão, e isso vai fazer com que você se afaste de mim, isso me mata meu irmão!!! Não faz isso comigo meu irmão, cê me mata!!!

O riso imoderado:

Faça meu irmão, porque acreditando nisso, você vai acreditar em mim, se eu falar pra você que curo AIDS você vai acreditar meu irmão, você vai acreditar que é possível ver a imagem de Jesus Cristo no cú de uma capivara. E aí meu irmão, quando eu disser pra você: “Vote naquele político”, você vai votar meu irmão, porque você apreendeu a acreditar em mim. E aí pouco a pouco nós vamos tomando conta desse país, até transformar o Brasil em um grande e interminável culto.

Precisa ficar assustado não meu irmão! Essas coisas vão acontecer, e eu falo isso pra você meu irmão, não é pra você ficar assustado, tomar posição, não meu irmão! Eu só falo isso porque cê sabe, com o pastor Adélio, só a verdade!!!

Analisando as citações acima, essas que são transcrições de parte do vídeo do Pastor Adélio - *Como Falar em Línguas*⁴⁹ - observa-se que o Pastor vai desconstruir a história de forma humorística, para alguns, utilizando da zombaria como é possível constatar na primeira citação, ele zomba do fiel que acredita na passagem bíblica, ele mostra que é tudo enganação, zomba do povo que fala errado de acordo com a gramática da língua portuguesa. Na segunda citação, pode-se perceber o tom cínico com que ele trata o fiel em função da perícopes bíblica e diz ao seu fiel que se ele for para escola aprender idiomas ele ficará inteligente e que assim poderá contestar o pastor. Na terceira citação, trata-se do riso imoderado, aquele exagerado, que faz uso de palavras sem qualquer moderação, ultrapassando todos os limites do real.

Também cabe ressaltar a forte recorrência ao grotesco. Para Propp, o grotesco é “o grau mais elevado e extremo do exagero” (1992, p. 91). No Pastor Adélio esse tipo de mecanismo se faz presente sobretudo quanto ao vocabulário. As artimanhas do humor utilizado pelo Pastor

⁴⁹ Vídeo foi publicado em 2013, que atualmente conta com 362.965 visualizações no YouTube, o qual trata da perícopes bíblica, em Atos 2 vrs 1- 47. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rzb3nyYSXe8> Acesso em: 09/02/2017.

Adélio ficam claras sobre não existir qualquer intenção em minimizar o efeito impactante do vocabulário sobre o leitor. Ao inserir expressões de caráter popular, chula, de baixo calão, nota-se a tentativa da personagem de conquistar o gosto de seu ouvinte, um ouvinte mais extrovertido e despido de dogmas, mais disposto à diversão que a qualquer julgamento moral. O uso das expressões polêmicas aparece com maior naturalidade e produzem efeito risível. Palavras como “cu”, “fodendo”, “porra”, “caralho”, são proferidas ao longo dos vídeos do Pastor Adélio ampliando o efeito dessa comicidade.

O exagero cômico pode também ser percebido pelo uso de hipérboles, de farto uso nas expressões de cunho popular. Tal recurso pode ser notado em passagens como: “mama mia fudeu este cabacinho”; “estou muito puto, meu irmão” entre tantas outras.

Vale ressaltar mais alguns pontos abordados por Propp (1992) acerca dos instrumentos linguísticos de comicidade. O primeiro aspecto tratado por esse autor é o calembur (jogo de palavras), o qual surge do emprego de meios propriamente linguísticos que acabam por gerar o cômico. Para ele, “no calembur o riso é despertado quando em nossa consciência o significado mais geral da palavra passa a ser substituído pelo significado exterior, ‘literal’”. (PROPP, 1992, p. 121).

Um segundo aspecto diz respeito ao paradoxo, o qual possibilita o riso caso a contraposição seja inesperada. Há, também, um terceiro, a ironia, que se aproxima do paradoxo. Segundo Propp (1992 p.125), “se no paradoxo conceitos que se excluem mutuamente são reunidos apesar de sua incompatibilidade, na ironia expressa-se com as palavras um conceito, mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário”.

Pensando nessa premissa, em que o recurso de utilização do riso, como instrumento de crítica social, revela-se em uma prática muito antiga, faz-se então possível citar os estudos de Georges Minois (2003), que em sua obra *História do Riso e do Escárnio* destaca o interesse pelos estudos do riso e do humor, descreve o riso através dos tempos, desde a Grécia antiga até o século XXI.

Minois, ao apresentar as múltiplas faces do riso demonstra a complexidade e a pluralidade cultural que envolve o ato de rir. Nos mostra que nem sempre a relação do riso está atrelada ao prazer, ou ao bom humor. Às vezes, o riso se apresenta de uma forma violenta, contraditória, em situações que a presença do riso não caberia, como por exemplo o riso sardônico que não é um riso que vem de algo bom, puro, ao contrário, vem de uma violência. O riso sardônico hoje é atrelado à zombaria, aquele

que zomba de forma amarga, frente a uma situação desesperadora. Uma profunda ironia, cinismo e sarcasmo está presente nesse riso.

Para Minois (2003), escrever sobre o riso não é uma tarefa muito fácil, vejamos o que ele diz:

Dissertar sobre o riso é, com frequência, frustrante, já que é preciso abster-se de citar uma multidão de anedotas e segurar o riso para relatar como riam nossos ancestrais. Esperamos, apesar de tudo, que o nosso propósito faça sorrir, voluntária ou involuntariamente. (MINOIS, 2003, p. 17)

[...] para nós, o humor não tem idade nem pátria. Ele adquire formas diferentes, mas um camponês egípcio do Médio Império pode muito bem ter um senso de humor tão desenvolvido quanto Oscar Wilde. O tempo não vem ao caso. (Idem)

O autor aborda o riso como uma ferramenta que pode ser utilizada em várias situações, como por exemplo: em uma revolução, uma zombaria, ou, pensando hoje, pela “direita” e pela “esquerda”, como forma de menosprezar, ou de engrandecimento. Enfim, o riso pode nascer das coisas mais diferentes e triviais, inclusive pode ser involuntário e voluntário.

Para Minois, o riso é:

Alternadamente agressivo, sarcástico, escarecedor, amigável, sardônico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia. É isso que faz sua riqueza e fascinação ou, às vezes, seu caráter inquietante [...] (MINOIS, 2003, p. 15-16)

Segundo Minois, a partir do século V a.C., na Grécia Antiga, passa-se a valorizar mais o riso inteligente, um riso irônico, pois já está acontecendo uma mudança de paradigma sobre o riso, possivelmente em virtude do crescimento da *pólis*, por esse ângulo há uma mudança de entendimento de como deve ser o riso.

Apesar dessa mudança no tratar o riso, o mais agressivo permaneceu e até hoje ainda ronda a nossa sociedade, que passa por um

momento de “civilização” do riso, em que tudo deve estar dentro do politicamente correto, ou seja, não se pode ferir outrem com o riso. Portanto, o riso politicamente correto vem ganhando espaço e o humor mais agressivo, ácido, vem perdendo seu lugar, acarretando assim debates sobre o que é o humor, o riso, do que se pode rir e fazer humor.

Para o Minois, o riso presente no século XX “[...] é um riso de humor de compaixão e ao mesmo tempo de desforra diante de reveses acumulados pela humanidade ao longo dos séculos e das batalhas contra a idiotia, contra a maldade e contra o destino” (MINOIS, p. 558). Minois (2003, p. 559) ainda afirma que

[...] o humor sociológico requer a participação ativa do ouvinte, sua cumplicidade. Ele gera uma simpatia, vinda da solidariedade diante das desgraças e dificuldades do grupo social, profissional, humano. É então que se percebe a dimensão defensiva do humor, arma protetora contra a angústia (MINOIS, 2003, p. 559).

Para ele “são as desgraças do século que estimulam o desenvolvimento do humor, como um antídoto ou um anticorpo diante das agressões da doença. Ele penetra em todos os domínios, em todas as corporações profissionais” (MINOIS, 2003, p. 559).

2.2 HUMOR NO CRISTIANISMO

*Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses
que governam o mundo... Quando ele
gargalhou, fez-se a luz... Ele gargalhou
pela segunda vez: tudo era água.
Na terceira gargalhada, apareceu
Hermes; na quarta, a geração;
na quinta, o destino; na sexta,
o tempo. Depois pouco antes do
sétimo riso, Deus inspira
profundamente, mas ele ri tanto
que chora, e de suas lágrimas
nasce a alma.⁵⁰*

⁵⁰ Fragmento de um papiro de autor anônimo, datado do Século III, o papiro de Leyde. In MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escrânio*. São Paulo: Unesp, 2003, p. 21.

A epígrafe, citada acima está escrita no papiro alquímico que data do Século III, o papiro de Leyde⁵¹. Observando o que diz o papiro pode-se pensar que Deus, todo poderoso, cria o mundo a partir de suas risadas; que Deus possui a capacidade de rir. Segundo Minois (2003, p.22)

[...]o filósofo Próclus, no século V a. C., fala de um poeta órfico que atribuía o nascimento dos deuses ao riso da divindade soberana e o nascimento dos homens e as suas lágrimas. Proximidade do riso e das lágrimas, natureza misteriosa e origem divina do riso: esses temas são recorrentes nas mitologias do Oriente Médio. Nós os reencontramos na Fenícia, onde um riso ritual acompanha o sacrifício de crianças, na Babilônia e no Egito, onde os sacerdotes de Tebas saúdam as benesses do Nilo com uma gargalhada. Nesses países, o riso pertence à deusa Maat; ele manifesta a alegria de viver, a confiança no futuro, o combate contra os poderes da morte.

Diante do exposto, há de se fazer um questionamento, é possível rir do texto bíblico? Salma Ferraz, em seu artigo *É certo que riste: humor no cristianismo*⁵², afirma que “sim, e há muito humor” (FERRAZ 2014, p. 123).

Georges Minois (2003, p. 115) também afirma sim: “É claro que há riso na Bíblia! Os hebreus são homens como os outros, e esse condensado de sete a oito séculos de sua literatura contém, sem dúvida, a mesma proporção de riso e de lágrimas que os escritores dos povos vizinhos”. Para Ferraz (2014, p. 124) “isto ocorre justamente pela “extraordinária flexibilidade da Bíblia, com a qual se pode fazer qualquer coisa”.

Na introdução do livro *A História do Riso e do Escárnio*, de George Minois, o autor nos alerta que o riso tem um lado revolucionário e subversivo. Segundo o crítico “... o riso está a cavalo sobre uma dupla verdade. Serve ao mesmo tempo para afirmar e subverter” (2003, p. 16). Indica ainda que o riso se encontra na encruzilhada do divino e do diabólico. No capítulo *A Diabolização do Riso na Alta Idade Média*,

⁵¹ Idem.

⁵² Artigo publicado no livro *Escritos Luciféricos*, de Salma Ferraz e Raphael Novaresi Leopoldo, Editora Edifurb, 2014.

Minois afirma que o cristianismo não era propício ao riso, tal fato se explica uma vez que para a Igreja o riso relaciona-se com o pecado original: antes de pecarem os homens eram perfeitos, conheciam tudo e não tinham motivos para rir.

E eis Adão e Eva no paraíso terrestre. De que eles poderiam rir? São perfeitos, eternamente belos, eternamente jovens; eles se movimentam, asseguram-nos os teólogos, em um jardim de delícias onde tudo é harmonia; nenhuma fealdade, nenhum mal: o riso não tem lugar no jardim do Éden. Nem sequer o riso de satisfação: há satisfação quando alguma carência é suprida; ora, o paraíso conhece a plenitude permanente” (MINOIS, 2003, p.112).

Para Minois (2003), o riso na criação divina aparece apenas como sinônimo de subordinação. O riso existente no Éden surgirá no sentido mais agressivo apenas após o pecado de Adão e Eva, quando a natureza humana entrará em desarmonia e desequilíbrio, surgindo como resultado de um ato pecaminoso, que provocaria a expulsão do Homem do Éden. Daí sua natureza diabólica:

É a desforra do diabo, que revela ao homem que ele não é nada, que não deve seu ser a si mesmo, que é dependente e que não pode nada, que é grotesco em um mundo grotesco.

Agora, pode-se rir. Há de quê: rir do outro, desse fantoche ridículo, nu, que tem um sexo, que peida e arrota, que defeca, que se fere, que cai, que se engana, que se prejudica, que se torna feio, que envelhece e que morre – um ser humano, bolas!, uma criatura decaída.”(MINOIS,2003, p.112).

Na perspectiva da citação, por conseguinte, para a Igreja o riso é visto como algo nefasto, pois ele só existe por meio das imperfeições humanas: é o ser humano rindo de suas próprias fraquezas. O riso se comporta como um movimento perturbador da estabilidade e de descontrolo das emoções, por isso seria necessário manter o controle sobre o riso. Podemos perceber essa visão na seguinte passagem em Minois (2003, p. 159):

A visão oficial e séria do mundo, representada pela estética clássica insiste, ao contrário, no permanente, no estável, no identificável, no diferenciado, e só vê, no grotesco popular, grosseria, insulto, sacrilégio, vontade subversiva de rebaixamento. Ela mantém apenas o “alto”, desprezando o “baixo”, [...] A visão séria é acompanhada de interditos, restrições, medo e intimidação. Inversamente, a visão cômica, ligada à liberdade, é uma vitória sobre o medo.

Certamente, não foi a graça divina que levou à hegemonia cristã na Idade Média. Ao contrário, foram questões políticas que fizeram com que Constantino I, no início do século II, aceitasse a nova religião. Porém, o cristianismo só se estabeleceu como religião oficial, em Roma, no ano 380 d. C. prescrito pelo Imperador Teodósio I. O riso acabou sendo banido e demonizado na ascensão do cristianismo.

O primeiro riso a nos ressoar que vem da Bíblia é o riso criticado, mas não censurado, de Sara. A perícopre encontra-se em Gênesis 18⁵³, *A aparição de Mambré*:

3 [...] E disse: “Meu senhor, eu te peço, **se encontrei graça a teus olhos**, não passes junto de teu servo sem te deteres. [...]

9. Eles lhe perguntaram: “Onde está Sara, tua mulher?” Ele respondeu: “Está na tenda”. 10. O hospede disse: “Voltarei a ti no próximo ano; então tua mulher Sara terá um filho”. Sara escutava, na entrada da tenda, atrás dele. 11. “Ora Abraão e Sara eram velhos, de idade avançada, e Sara deixara de ter o que têm as mulheres. 12. **Riu-se, pois Sara** no seu íntimo, dizendo: “Agora que estou velha e velho também está o meu senhor, terei ainda prazer?” 13. Mas Iahweh disse a Abraão: “**Por que se ri Sara**, dizendo: “Será verdade que vou dar à luz, agora que sou velha?” 14. Acaso existe algo de tão maravilhoso para Iahweh? Na mesma estação, no próximo ano, voltarei a ti, e Sara terá um filho”. 15. **Sara desmentiu: “Eu não ri”**, disse ela, porque tinha medo; mas **ele replicou: “Sim, tu riste.”** 16. Tendo-se levantado, os homens partiram de lá e chegaram a Sodoma. (BÍBLIA, Jerusalém. Genesis. 2006 p. 56. Grifos meus)

⁵³ Bíblia de Jerusalém , 4ª impressão, 2006. Ed. Paulus. (p. 56)

Em, Genesis 21 temos o nascimento de Isaac, filho de Abraão e Sara⁵⁴. “3. Ao filho que lhe nasceu, gerado por sara, Abraão deu o nome de **Issac**. [...] 6. E Disse Sara: Deus me deu **motivo de riso**, todos os que o souberem **rirão comigo**”. O filho recebe o nome de Isaac, que em hebraico significa “**Deus ri**”, em lembrança do cepticismo de Sara (BÍBLIA, Jerusalém. Genesis. 2006 p. 56. grifos meus).

Analisando os episódios, descritos acima, aponta-se para uma intenção humorística quando lidam com a promessa de gravidez de Sara e o nascimento de Isaac, num momento em que Sarah estava fora da idade de ter filhos (Gn 17, 4-5). Supõe-se que uma vez que ambos Abraão (Gn 15, 4) e Sara riu (Gn 18, 12-13) na perspectiva de um nascimento, anunciado por Deus, eles mostraram um senso de humor (Gn 17, 17). Dessa forma, nos faz pensar que Deus deve ter um grande senso de humor, já que ele deu a Abraão um filho na velhice e cujo nome é associado ao riso.

No entanto, em contraste com este ponto de vista, parece claro que o Deus deu comando a Abraão, ou seja, ordenou-o que chamasse o menino 'Isaac' (yishāq), que vai servir ao plano de salvação, alegre, no futuro para seu povo, Israel. Nesse interim, o riso não representa uma característica pessoal de Deus, divindade. Agora, se Sarah está rindo com a perspectiva de ter um filho, nascido de seu ventre, nessa idade, deve ser entendido como um gesto humorístico inocente, porque o Senhor teria transformado um problema (a elevada idade de Sara e de Abraão), ela questionou rindo de tudo isso! (Gn 18, 10-15); colocando-nos no lugar de Sara, quem não riria? O texto bíblico aponta o riso de Sara como um ato de zombaria, que Sara estaria zombando da promessa do Senhor.

Para Minois (2003, p. 113) “a história de Sara é ridícula.” Para ele é preciso interpretar esse riso, que para os exegetas tornou-se uma questão importante. Pois para ele [...] “há uma distinção entre riso bom e riso mau. De acordo com Alcuim, o riso de Abraão é bom, é um riso de alegria, o de Sara é mau, e é por isso que ela é repreendida” (2003, p. 113). Nas discussões sobre se há humor na Bíblia apresenta-se a necessidade de se “distinguir entre o humor que acreditamos encontrar nela, com nossa sensibilidade atual, e o humor que os redatores voluntariamente aí colocaram, mesmo que isso não nos faça rir mais” (MINOIS, 2003, p. 114).

As discussões que permeiam os estudos sobre o humor sempre recaem na questão se há ou não humor na Bíblia. Há passagens bíblicas

⁵⁴ Idem, p. 60

que podem ser interpretadas como humoristas ou não, tudo vai depender do ponto de vista de quem ler, e qual o interesse na leitura. Vejamos algumas perícopes em que o riso está presente:

No Antigo Testamento

Saltam-nos aos olhos os textos do Eclesiastes, severo e pessimista, autor do século IV a.C.: Eclesiástico (**Ec 2, 2**): "Do riso eu disse: 'Tolice!' e da alegria: 'Para que serve?' ". (p. 1073) Eclesiástico (**Ec 3, 4**): O autor também reconhece haver "tempo de chorar, e tempo de rir" (p. 1074). Eclesiástico (**Ec 7, 3-4**): "Mais vale o desgosto do que o riso, pois pode-se ter a face triste e o coração alegre. O coração dos sábios está na casa em luto, o coração dos insensatos está na casa em festa" (p. 1078). A ideia de que até mesmo Deus ri é mencionada várias vezes nos Salmos. Vejamos alguns: Em Salmos (**Sm 2, 4, 5**), o salmista diz: "O que habita nos céus ri, o Senhor se diverte às custas deles. E depois lhes fala com ira, confundindo-os com seu furor" (p. 864). Em Salmos (**Sm 37, 13**): "mas o Senhor ri às custas dele, pois vê que seu dia vem chegando" (p. 899). Em Salmos (**Sm 59, 9**): "E tu, Iahweh, tu ri à sua custa, tu te divertes com todas as nações" (p. 923)!⁵⁵

As perícopes acima indicam que um dia o Senhor riu dos inimigos. Claro que o tipo de riso aqui descrito não é de uma risada daquela de se divertir, é muito mais um sarcasmo, um escárnio. O salmista está descrevendo uma risada desdenhosa, sardônica que visa os ímpios que não percebem a inutilidade se Deus não as aprovas.

Todavia, não falta no Antigo Testamento a referência ao riso sadio, decorrente dos benefícios de Deus, como, por exemplo, o Salmo 126, 2, "Quando Iahweh fez voltar os exilados de Sião, ficamos como quem sonha: a boca se nos encheu de riso, e a língua de canções..." (p. 1000). É o riso dos exilados que voltaram da Babilônia no século VI a.C., riam de alegria.

Silveira (2015), em sua dissertação de mestrado, intitulada *Riso e subversão: O cristianismo pela Porta dos Fundos*, aponta-nos algumas perícopes bíblicas que possuem um humor mais extremo no Velho Testamento, vejamos:

Deus castiga com hemorroidas: "Porém a mão do Senhor se agravou sobre os de Asdode, e os assolou; e os feriu com hemorroidas, em Asdode e nos seus termos" (1 Samuel 5:6), que não deixa de ser uma punição deveras engraçada. O termo hemorroidas está na Nova Tradução na Linguagem

⁵⁵ Grifos meus

de Hoje (NTLH), já na Bíblia de Jerusalém a tradução é menos humorística, afligiu com tumores. Quando Ló e sua família fugiam da destruição de Sodoma e Gomorra, sua mulher olhou para trás, o que havia sido dito para não fazer: “a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal” (Gênesis 19:26), [...] as filhas de Ló que o embebedam e dormem com o pai nos versículos seguintes. Situação assustadora e que pelo exagero se torna também risível é a passagem de quando Eliseu se vingava de garotos por o chamarem de calvo: “Eliseu virou-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome de Iahweh. Então, saíram duas ursas e despedaçaram quarenta e dois deles.” (2 Reis 2:24). Duas ursas devorando quarenta e dois garotos em nome do Senhor pode ser uma imagem devastadora, mas por ser tão *nonsense* acaba se tornando mais engraçada que terrível e fonte de paródias e piadas. (SILVEIRA, 2015, p. 27)

Nessas passagens, pode-se perceber a presença de um humor satírico, em que Iahweh é um Deus que pune. Para se compreender as perícopes bíblicas é preciso se permitir vislumbrar o humor contido nelas. Salma Ferraz (2014), em seu artigo *É certo que ristes: Humor no cristianismo*, nos apresenta em sínteses um condensado de ações presentes no Livro Gênesis, em que o ciclo do enganador e do enganado estão presentes no início da Bíblia:

A serpente enganou Eva, que enganou a Adão que acusou Eva que acusou a Serpente. Sara riu da promessa de HHVH lhe dar um filho na sua velhice. Jacó enganou Isaac, roubou a primogenitura de seu irmão Esaú e se fez passar por ele perante o seu pai. Mais tarde Jacó é enganado por Labão que lhe dá como esposa Lia no lugar da amada Raquel. As matriarcas disputam a atenção sexual do Patriarca colhendo Mandrágoras, uma espécie de Viagra da época. O Patriarca também é enganado por seus filhos, liderados por Judá que vendem José como escravo para mercadores do Egito. José do Egito engana seus irmãos ao não se revelar para eles. Judá engana sua nora Tamar ao não dar seu terceiro filho como esposo para esta,

desrespeitando a lei do Levirato. Tamar por sua vez engana a seu sogro e agora viúvo Judá, disfarçando-se por uma meretriz e tendo um filho dele, o que lhe vai garantir sua descendência. (FERRAZ, 2014, p. 122 e 123)

Por conseguinte, pode-se dizer que o Antigo Testamento condena o riso vazio, mas reconhece a legitimidade do riso alegre provocado pelas dádivas de Deus. No entanto, para muitos é complicado entender e buscar o humor na Bíblia, isso se dá pela estranheza no assunto ou até mesmo na falta de compreensão textual. Há ainda a questão religiosa que “cega” o leitor da Bíblia, direcionando a leitura para uma visão litúrgica.

Já o Novo Testamento tem poucas passagens em que a comicidade, o humor e o riso se fazem presentes. Os escritores do Novo Testamento pouco se referem ao riso. Porém, é possível apontar algumas passagens em que o riso leviano nesta vida, que pode ser de decepção, como também de pranto, agora pode preparar o riso futuro:

No Novo Testamento

Lucas (**Lc 6, 21**): "Felizes vós, que agora chorais, porque haveis de rir" (p. 1798). S. Tiago (**4, 9**) exorta os pecadores "Entristeci-vos, cobri-vos de luto e chorai. Transforme-se vosso riso em luto e vossa alegria em desalento" (p. 2110). Há também alusão ao riso escarneador, como ocorreu em casa de Jairo, onde Jesus ressuscitou uma menina: Marcos (**Mc 5, 39**): "Entrando disse: 'Por que este alvoroço e este pranto? A criança não morreu; está dormindo'. E caçoavam dele" (p. 1766).⁵⁶

Ferraz (2014) também aponta que há riso no Novo Testamento, ainda que menos agressivo. Vejamos:

No Novo Testamento também há riso. Afinal o que fazia aquele misterioso homem nu⁵⁷, que aparece seguindo a Jesus no momento trágico de sua prisão no Horto das Oliveiras que aparece em Marcos 14: 51? E o Apóstolo Pedro, medroso e mentiroso com medo do simples cantar de um galo (FERRAZ, 2014, p. 131-132).

⁵⁶ Grifos meus

⁵⁷ Marcos (14: 51-52) "Um jovem o seguiu, e sua roupa era só um lençol enrolado no corpo. E foram agarrá-lo. Ele, porém, deixando o lençol, fugiu nu." (Bíblia de Jerusalém, 1998, p. 1782)

Como se vê, o Novo Testamento é sóbrio a respeito da temática. Condena o riso maldoso e vazio, como fazem os autores do Antigo Testamento.

A Bíblia emprega muitos tipos de humor, mas seu propósito não é entreter. O objetivo principal da Bíblia é orientar hebreus de como viver a vida ideal. Muito do humor encontrado na Bíblia tem um propósito: Para demonstrar que o mal está errado e até mesmo ridículo, às vezes. As punições para os transgressores são frequentemente concebidas para zombar deles.

Com base no que foi dito até agora, é possível dizer que o riso tem um caráter histórico, uma vez que cada época elege de acordo com os paradigmas hodiernos seus objetos de derrisão; e que rir é uma atividade social e todos os homens têm a capacidade de rir, embora, muitas vezes não o façam.

O que torna intrigante estudar o humor e o riso é justamente a sua aceitação e a sua negação, pois o humor relaciona-se com as nossas posturas, o nosso jeito de agir, de pensar, de sentir e de produzir conhecimento. Minois (2003) afirma que para algumas teorias, o riso seria uma manifestação de orgulho, de vaidade e de desprezo. “A visão oficial e séria do mundo, representada pela estética clássica, insiste no permanente, no estável, no identificável, no diferenciado e só vê no grotesco insulto, sacrilégio, vontade subversiva de rebaixamento” (MINOIS, 2003, p. 102).

Temos o retrato da proibição do riso pelo cristianismo em determinado momento histórico, na obra *O Nome da Rosa*, do escritor Umberto Eco, obra que posteriormente fora utilizada como base para a produção do filme *O Nome da Rosa*. Para o autor “o riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor a Deus” (ECO, 1983, p. 533). Umberto Eco, em *O Nome da Rosa*, filme e livro, retrata a obra *A Poética* de Aristóteles quando fala da comédia, retratando-a como uma obra proibida que em virtude da Inquisição, não se conseguiu recuperar. Eco traça uma história repleta de assassinatos que estão em torno de um segredo: *O Livro II da Poética*⁵⁸ de Aristóteles. Observemos uma passagem do livro quando o

⁵⁸ “A Poética foi elaborada por Aristóteles como um conjunto de cadernos destinados à educação, uma espécie de “livro do professor”, ou guia do mestre na orientação dos discípulos em aula. É bastante provável que em algum ponto o trabalho original de Aristóteles foi dividido em dois, e cada um “livro” constituía um rolo de papiro separado. A razão dessa suposição é que hoje se sabe que a obra não está completa, falta uma segunda parte, toda dedicada à comédia. Há

frei Guilherme de Baskerville indaga o monge Jorge⁵⁹ sobre o que conteria o suposto livro, e ele responde:

O riso é a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne. É o folguedo para o camponês, a licença para o embriagado [...] aqui a função do riso é invertida, elevada à arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos. Faz-se dele objeto de filosofia, e de pérfida teologia. [...] este livro poderia ensinar que se libertar do medo do diabo é 27 sabedoria. [...] O riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor de Deus. [...] E este livro, justificando como remédio milagroso a comédia, a sátira e o mimo, que produziriam a purificação das paixões através da representação do defeito, do vício, da fraqueza, induziria os falsos sábios a tentarem redimir (com diabólica inversão) o elevado, através da aceitação do baixo. (ECO, 1983, p. 532-533-536)

Nesse livro, supostamente, Aristóteles teria escrito sobre o riso. O medo do que estaria escrito faz com que se desejasse sua extinção. O antigo bibliotecário do mosteiro, o “venerável” Jorge é o responsável por sua proteção, que para proteger os monges do conhecimento da literatura inadequada e sua difusão pelo mosteiro, aqueles que tinham o livro em suas mãos eram assassinados. Claro que depois de rirem do que liam, morriam por causa de um veneno que absorviam ao manusear o livro e colocá-los na língua para conseguir virar as páginas.

Por se tratar de uma religião repleta de severidade e austeridade não se permitia o riso, e só com a violação de tabus poderia se fazer rir. Assim, quanto mais séria fosse a religião, mais a sua inversão provocaria

suspeitas de que um documento chamado *Tractatus Coislinianus* traga o conteúdo resumido do livro perdido. Já o conteúdo que sobreviveu também ficou perdido por um bom tempo, até que na época da Renascença descobriu-se uma versão em árabe composta por Averróis.” Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/poetica-obra-de-aristoteles/> Acesso em: 05/02/2017

⁵⁹ Cabe salientar que na tradução para a língua portuguesa da obra *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, os personagens Guilherme e Jorge são, respectivamente, frei Willian e o beneditino George de Burgos no texto original.

o riso. Na obra, o escritor apresenta uma releitura, com uma visão crítica, do período feudal, nele, o riso, que encontrava a sua libertação na plebe alienada. Pecebe-se que o riso era visto como uma ameaça para a sociedade, pois há uma preocupação recorrente diante das obras de humor e das manifestações humorísticas, porque a visão sobre a arte era de algo ameaçador, que corrompe e um obstáculo ao conhecimento. Por isso, no período retratado na obra de Umberto Eco o monges eram os únicos letrados em um mundo em que nem os servos e nem os nobres sabiam ler, dessa forma, ao povo também se negava o conhecimento.

Eco também retrata Aristóteles com um pensamento diferente da ordem, uma das passagens interessantes da obra está na fala de frei Guilherme, em que ele defende a comicidade encontrada nas obras de Aristóteles, e especialmente posicionando-se favorável ao conhecimento:

Aqui Aristóteles vê a disposição ao riso como uma coisa boa, que pode mesmo ter um valor cognoscitivo, quando através de enigmas argutos e metáforas inesperadas, mesmo dizendo-nos as coisas ao contrário daquilo que são, como se mentisse, de fato nos obriga a reparar melhor, e nos faz dizer: Eis, as coisas estavam justamente assim, e eu não sabia” (ECO, 1983, p. 522)

Umberto Eco fala dos perigos de se estudar a obra de Aristóteles, especialmente o *Livro II da Poética*, pois se pode adquirir sabedoria e legitimar a ordem.

Não importa se durante a festa produzir-se-á na terra a epifania do mundo do avesso [...] o riso libera o aldeão do medo do diabo, porque na festa dos tolos também o diabo aparece tolo, portanto, controlável. Mas esse livro poderia ensinar que libertar-se do medo do diabo é sabedoria. Quando ri [...] o aldeão se sente patrão [...] este livro poderia ensinar aos doutos os artifícios argutos, e desde então ilustres, com que legitimar a inversão. (ECO, 1983, p. 533).

No entanto, pode-se dizer que o livro de Umberto Eco é marcado pelas situações cômicas, por meio de uma estética dramática. Tem o riso como eixo central pelo qual a narrativa se desenrola. A personagem frei Guilherme é marcada por uma fina ironia, que se completa com o olhar sarcástico e com o riso, no canto da boca. O mesmo riso protagonista do

caos e do detrimento dos dogmas, como recuso da dúvida e gerador de descrença.

Segundo Minois, o mundo cômico foi excluído do domínio sagrado e tornou-se a caracterização essencial da cultura popular que evoluiu fora da esfera oficial. A religião popular medieval é marcada pela integração entre a seriedade cristã e o cômico. A Igreja do período medieval acabou tendo que aceitar as manifestações festivas do povo e criou as suas próprias festas religiosas. “O mais eficaz é criar festas cristãs para substituir as pagãs. O povo não vê aí inconveniência, desde que se divirta. É preciso, portanto, aceitar a presença do riso”(MINOIS, 2002, p. 183).

O que se percebe é que os líderes religiosos cristãos querem fazer parecer que não há humor no Cristianismo, mas isso não significa que não haja humor na Bíblia e na própria essência da religião como podemos perceber na passagem do livro História do Riso e do Escárnio de Minois, quando afirma que o verdadeiro cristianismo é sorridente, como provam “os sorrisos de Francisco de Assis e de Francisco de Sales, os alegres abraços de celebração e os risos dos presbitérios” (MINOIS, 2003, p11)

Já o sentido transgressor do riso é visto por Bakhtin nos espetáculos cômicos da Idade Média. Nas formas dos ritos, o autor define o carnaval como a segunda vida do povo. Pois o riso nesse caso seria festivo, alegre e benfazejo, um riso coletivo, social e com o caráter subversivo à hierarquia. Por isso, para Bakhtin (1999, p.08), “todas as formas e os símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados de lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder”. Esse riso seria ainda “[...] burlador, e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (p.10).

Todavia, quando o riso passa a pertencer às festas religiosas e quando a Igreja e o poder institucionalizam o riso, ele perde o sentido transgressor, pois ele vai reforçar a ordem existente. Umberto Eco também corrobora com essa ideia, pois para ele o fato de as festividades populares serem controladas pela Igreja, o riso perde o poder transgressor. Para Eco, (1983, p. 532):

[...] a Igreja em sua sabedoria concedeu o momento de festa, do carnaval, da feira, essa ejaculação diurna que descarrega os humores e retém de outros desejos e de outras ambições [...] Mas desse modo o riso parece coisa vil, defesa para os simples, mistério dessacralizado para a plebe.

Para Minois (2003), o riso já não mais ameaça a ordem social. Com o passar dos tempos, o riso foi utilizado em diferentes funções, em benefício da transgressão da ordem ou a serviço do poder. Estando aí a dimensão ambivalente e contraditória do riso. Ora desprezado, ora bem aceito, só dependia da resiliência da sociedade. Minois (2003), ainda chamou de sociedade humorística a da nossa época, em que dispõe de um riso industrializado, fabricado com o objetivo de consumo, aquele riso que hoje está impregnado na indústria cultural.

Antônio Magalhães (2016) vai dizer que é preciso ler os textos bíblicos em seus interstícios, em sua possibilidade de nos convidar não somente à servidão doutrinária sisuda, mas ao riso, simplesmente ao riso sobre nossos heróis. Para o pesquisador, pensando em textos bíblicos,

[...] em I Samuel: 21, Davi em uma de suas fugas, o Davi era um fujão, Davi de Saú ele tem uma aparição na narrativa como um louco, doido varrido, alguém que perdeu o bom senso, ele grita... Frans Krisma, teólogo do antigo testamento, vai dizer que esse texto é um exemplo clássico do humor, texto tem que ser lido com humor em torno do herói. Os Salmos, Salmos:2, Deus rir dos que protegem o mal; Salmo 37 ele rir dos que amaldiçoa; Salmo:59 os que zombam, ele zomba... Primeiro Reis, em Crônicas, tem um texto interessantíssimo, sobre uma oferta a Baal e Baal não consome a oferta, não queima... um profeta tirando um sarro danado [...] A trajetória de Jonas é engraçadíssima, ele é outro fujão... Então, humor e religião, é preciso ver a contravenção naquilo em que víamos somente doutrina, confirmação das nossas certezas. É preciso fazer uma exegese dos textos, e nessa exegese trabalharmos com a reconfiguração aquilo que constituía a “plana” dos heróis... É preciso ter a capacidade de Sara...⁶⁰

Assim, com as mudanças de paradigmas ocorridas ao longo da história, ao colocar o humor na função de apaziguar o medo da subversão, se tira o caráter artístico do riso, e nos dias atuais, é justamente esse humor que vem sendo atacado. Mas qual é a nossa reação em relação ao caráter artístico e transformador do humor? O humor é só aquele que nos faz dar

⁶⁰ Palestra Proferida no II Simpósio Internacional da ABHR / XV Simpósio Nacional da ABHR – UFSC – 2016.

risadas, é aquele que aquieta, que apazigua ou é também aquele que nos faz pensar, discutir? Deixo aqui esse questionamento a fim de refletirmos!

2.3 O RISO NO BRASIL: O CAMINHO ATÉ A REDE

*O riso é a mais útil forma da crítica,
porque é a mais acessível à multidão.
O riso dirige-se não ao letrado e
ao filósofo, mas à massa, ao
imenso público anônimo.*
Eça de Queiroz

Falar do riso e do humor na cultura brasileira logo nos remete aos comediantes atuais, porém, cabe salientar uma obra que chama muito a atenção que é a do pesquisador Elias Thomé Saliba, intitulada *Raízes do Riso: A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. Nela o autor se propõe a estudar a representação humorística brasileira durante a *Belle Époque* e nos primeiros tempos do rádio, fornecendo ao leitor um panorama da produção humorística brasileira ao longo do século XIX, abarcando desde os folhetos cômicos do período regencial, pasquins, rodapés dos pequenos jornais até o surgimento das primeiras revistas ilustradas, que começaram a proliferar graças ao desenvolvimento da impressão e reprodução aos tempos da rádio e da TV. Suportes de difusão do humor diferentes dos tempos atuais, em que a *internet* domina fortemente.

No final do século XIX uma parte da campanha abolicionista e da campanha republicana foi feita por meio de charges, essa manifestação, considerada intelectual, era uma manifestação produzida para um determinado grupo, os leitores dos jornais da época, e que saberiam compreender a linguagem do humor explicitada nas charges. Essa linguagem humorística tida como invertida precisava ser lida por alguém que saiba dá significado a ela caso contrário a charge não surtiria nenhum efeito.

No entanto, a sociedade da *Belle Époque* brasileira não era muito próxima da linguagem humorística, os romances, as epopeias eram mais apreciadas e o humor que não se encaixasse nesses moldes estéticos eram desprezados. O humor aparecia de verdade no teatro de revista e em locais em que só homens poderiam frequentar.

É em um período conturbado de final da *Belle Époque*, que coincide com a vigência do surrealismo europeu, que eclode a Semana de Arte Moderna, movimento que retrata a sociedade e a política brasileira, porém contribuindo, mesmo que involuntariamente, para a discriminação dos humoristas, chargistas e autores de textos humorísticos do teatro de revista.

Como atesta Saliba (2002), os intelectuais da época afirmam que os humoristas não escrevem literatura, nesse sentido percebe-se o descaso da alta literatura pelos autores dos textos de humor. Os escritores de produções humorísticas acabam dessa forma relegados, esquecidos e até mesmo marginalizados, talvez devido à própria momentaneidade dos textos humorísticos.

Os problemas existentes em relação ao tipo de riso, produzido pelos artistas da época, era decorrente da visão entre o “riso bom” e o “riso mau” da representação humorística, que por sua vez, advinha do humor francês, o mau riso, irônico e satírico. Para Saliba (2002) havia uma resistência em

[...] estabelecer uma fronteira, já que ela implicava um exercício de distanciamento do sujeito – exercício já quase impossível no século do romance engajado e do mergulho naturalista -, de qualquer modo o cômico tolerado era aquele que provocava o “bom riso”, aquele que não exprimia rancor, que não se dirigia contra a “algo” ou “alguém” em especial, aquele que não degradava o objeto risível. (SALIBA, 2002, p.46)

Ainda nesse aspecto, Silveira (2015) reitera que o riso, na atualidade, sofre com essa relação, para ele é “possível identificar que o humor aceitável naquele período era de afirmação e não de subversão.” (SILVEIRA, 2015, p. 39).

Saliba (2002) ratifica a importante contribuição dos humoristas e de suas produções para a modernização do país, para o nascimento de um jornalismo novo e empreendedor, para as primeiras manifestações do cômico no teatro, na imprensa, no rádio e no cinema. Da imprensa escrita até a *internet* dos dias de hoje, as mídias estiveram sempre muito ligadas ao humor. O fortalecimento deste tipo de imprensa influenciou vigorosamente os futuros humoristas brasileiros, que, nas primeiras décadas do século XX, seriam os pioneiros do humor no rádio brasileiro e no cinema.

Durante a Era Vargas, funda-se a Rádio Nacional – primeira estatal brasileira – que foi também a pioneira na área humorística. Os primeiros

anos da rádio no Brasil mostram uma relação muito próxima entre a comédia e a radiodifusão. No entanto, o advento do Rádio veio somente nos anos 30, quando uma explosão de audiência consolidou seu espaço.

Foi em 1950 que aconteceu no Brasil as primeiras transmissões televisivas. Porém, somente em 1953 é que surgem na TV os primeiros programas humorísticos. Os programas pioneiros foram *Circo do Arrelia*, da TV Paulista e *A Praça é Nossa*, de Manoel da Nóbrega. Em 1956, surge o Chacrinha, na TV Tupi. Nos anos seguintes estreiam na TV Rio os programas humorísticos: *Noites Cariocas*, com Chico Anísio interpretando quatro personagens, e *O Riso é o Limite*, uma parceria entre Péricles do Amaral e Chico Anysio que durou até 1963⁶¹.

Os programas como o “Balança mais não cai”, gravados em auditórios, com plateias faziam críticas à sociedade, mantendo a função de protesto do humor. O quadro “Primo Rico e Primo Pobre”, que chegou a ser reproduzido pela TV Globo, é um dos exemplos de humor que tocavam na ferida da sociedade brasileira do período. Mas, nem mesmo a principal produtora da época conseguiu resistir ao desgaste que as comédias tiveram com a popularização da televisão e o surgimento do cinema novo, bem mais politizados.

Com a chegada dos “anos de chumbo”, durante a ditadura militar, o humor assumiu uma forma de protesto e continuou a pleno vapor com publicações alternativas. A tolerância para com o humor na ditadura, ao contrário do que todo mundo pensa, foi a única área de expressão que ainda conseguia passar alguma informação, mensagem ou crítica, porque a inteligência militar achava que era preferível permitir que as pessoas brincassem, rissem, que transformassem aquilo em uma coisa risível, que vai passar, do que guardassem aquele rancor e acabassem fazendo uma revolução.

Na década de 1960 tem-se o surgimento das revistas e jornais humorísticos como: “O Pasquim”, na equipe de jornalista estavam nada mais, nada menos que Millôr Fernandes e Ziraldo, que se tornaram referência para o humor brasileiro. Os humoristas Hubert, Reinaldo e Cláudio Paiva, egressos do jornal *O Pasquim*, se reuniram para produzir um novo jornal mensal de humor o tabloide fora conhecido como *O Planeta Diário*, desde sua primeira edição, o jornal estabeleceu um

⁶¹ <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/chico-anysio/trajetoria.htm>

padrão de humor gráfico, baseado na sátira aos jornais "sérios", diferente de tudo que se conhecia⁶².

Com o fim da ditadura militar, programas foram criados em diferentes formatos seguindo a linha de esquetes como a *TV Pirata* ou a linha "citcom" como o programa *Sai de Baixo* da TV Globo. A novidade trouxe uma mudança significativa na hora de produzir o humor. Assim, com a chegada da *internet*, o humor passou a ter uma maior liberdade⁶³, que na *internet* os humoristas podem postar o que quiserem e não necessitam de patrocínio para divulgação. É o caso dos *stand up*, dos vídeos (curtos) postados nas redes sociais e ou nos canais de vídeo como o YouTube.

Essa retomada de identidade do humor vai resgatar a linguagem de burla, de transgressão, da desordem, há uma quebra de um padrão de expectativas. É esse paradoxo do humor brasileiro, enquanto os formatos mudam, a função de quebrar padrões da sociedade diminuindo as distâncias sociais permanecem. Saliba (2002) assinala que os humoristas não tiveram dificuldades em se adaptar aos meios que então surgiam, graças à experiência que haviam acumulado:

[...] a mistura lingüística, a incorporação anárquica de ditos e refrãos conhecidos por ampla maioria da população, a concisão, a rapidez, a habilidade dos trocadilhos e jogos de palavras, a facilidade na criação de versos prontamente adaptáveis à música, aos ritmos rápidos da dança e aos anúncios publicitários (SALIBA, 2002, p.228).

No livro *Raízes do Riso* o autor afirma que o humorismo em todas as suas formas articulou a dimensão da narrativa histórica do país muito difundida no imaginário da sociedade brasileira. O autor enfatiza que é pelo riso que o Brasil descarrega no humor a distância e as abstrações sociais, destacadas pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, no livro *Raízes do Brasil*⁶⁴.

⁶² Mais informações sobre o jornal O Planeta Diário podem ser encontradas no seguinte link:

http://midiaalternativabybc.blogspot.com.br/2007_06_01_archive.html

⁶³ Muito embora, alguns humoristas passem a sofrer impugnações, processos, eles ainda continuam a postar seus vídeos!

⁶⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras, 2008, São Paulo, 220 páginas.

Porquanto, Saliba reforça a função social do riso no humor dos textos jornalísticos do Brasil da *Belle Époque*, demonstrado pelo caráter de ataques persistentes às instituições e às figuras políticas do final do século XIX e início do XX:

[...] o mais interessante nessa produção é que, embora a chacota seja dirigida contra algo ou alguém, há sempre alguns momentos nos quais seus autores parecem perder o controle - momentos em que é possível desnudar ou desmistificar, para além dos meros objetos da sátira ou da derrisão, alguns aspectos ou elementos coletivos ou sociais. (SALIBA, 2002, p. 57).

Mesmo havendo os problemas em relação ao tipo de humor que se produzia, o que Silveira (2015) destaca é que:

Passado mais de um século, o chamado “mau riso”, o riso crítico, fora dos padrões de comodidade e questionamentos, ainda é alvo de críticas, desconfortos e desprezo por parte dos mais conservadores. Em 1911, um ensaio do frei Pedro Sinzig, citado por Saliba, demonstra algumas características que ainda se alastram na sociedade brasileira, passados um século. Ele se manifestava “contra as revistas ilustradas a serviço do demônio, o remédio são as revistas ilustradas a serviço de Deus” (2002, p. 112). Essas manifestações contrárias às ilustrações, poderiam tranquilamente fazer parte de um discurso fundamentalista a respeito dos vídeos com temática cristã do Porta dos Fundos. Passaram-se décadas, mas algumas referências do que é um “bom riso” e um “mau riso” continuam vigentes e suscitando discussões, contrariedades, identificações e questionamentos. (SILVEIRA, 2015, P. 39)

Percebe-se, portanto, que o *chiste* está presente na sociedade brasileira até os dias atuais, simples ou complexos, irônico ou escrachado,

como forma de protesto ou para trazer um sorriso aos brasileiros. Segundo humorista Hubert, em entrevista à Katarina Farias⁶⁵:

[...] é aquela velha história, o humor tem dois tipos, humor engraçado e humor sem graça, por mais que a gente esteja mudando, e estando no século XXI ainda continua valendo essa grande regra: quando é engraçado é engraçado, quando não é não é!”

Da TV à *Internet*, vários são programas que adentram na questão humorista no Brasil, mas os que mais interessam para a pesquisa aqui desenvolvida são justamente os que têm uma pegada humorística religiosa.

Dos humoristas nacionais mais conhecidos certamente encontre-se Chico Anysio, um humorista versátil, criador de vários personagens, dentre eles: *Divino*, um guia espiritual que não possui religião, dá preferência em suas consultas às mulheres; *Véio Zuza*, personagem que representava um preto velho que estava sempre dando conselhos para os habitantes de Chico City, cujo bordão era "*Hehehe. O Véio entende, meu fio...*"; *Painho* é um pai de santo baiano e homossexual. Personagem que atraía pessoas importantes da sociedade baiana sempre requisitando os serviços de *Painho* para que ele falasse da sorte e futuro de cada um através dos búzios. Esses três personagens, representavam um mundo religioso diferente da esfera do cristianismo.

No entanto, há dois personagens que chamam mais a atenção em relação a questão religiosa cristã. A personagem de *Padre Miguel*, um religioso que sabia como se livrar das artimanhas do diabo, que fazia qualquer coisa para conseguir atender aos fiéis. Já, seu personagem *Tim Tones*, um personagem capaz de provocar o riso a partir de questões religiosas. O quadro humorístico era também uma clara alusão ao programa do famoso televangelista Rex Humbard⁶⁶, que tinha seus

⁶⁵ Disponível em: <http://www.pilha.vrc.puc-rio.br/humorismo.html> - A HISTÓRIA DO HUMOR BRASILEIRO. Acesso em 10/09/2016

⁶⁶ Rex Humbard, o primeiro televangelista do mundo e pioneiro em programas de TV evangélicos, morreu de causas naturais em 21 de setembro de 2007. Ele tinha 88 anos. Humbard, mencionado pela revista *U.S. News & World Report* como “Um dos 25 Maiores Arquitetos do Século Americano”, é citado como o primeiro evangelista de TV dos EUA. Em 1949, Rex Humbard iniciou programas de rádio e TV a partir da filial da CBS em Indianapolis, Indiana, e o mundo reparou. <http://juliosevero.blogspot.com.br/2007/09/rex-humbard-primeiro-televangelista-do.html>

programas apresentados em vários países, inclusive no Brasil. Exibido em meados dos anos 80, o quadro causou forte reações no meio evangélico. O nome de *Tim Tones* foi inspirado no controverso *Jim Jones*, americano que se dizendo mensageiro divino convenceu uma centena de seguidores de sua seita a cometer suicídio coletivo. *Tim Tones* aproveitava boa parte de seus cultos para vender toda sorte de produtos e quinquilharias da fé. Sempre acompanhado de sua esposa e de seus sete filhos. O quadro de *Tim Tones* era para simular um teleculto de verdade. O bordão mais famoso de *Tim Tones* foi "vamos correr a sacolinha!"⁶⁷. Chico Anyisio faz uma sátira, com muito sarcasmo ao parodiar os pastores evangélicos que, para o humorista, único interesse dos pastores era de arrecadar ofertas, suas críticas eram ferrenhas.

Ainda na TV, mas dando um pequeno salto no tempo, um quadro do programa *Tá no Ar: a TV na TV*, da Rede Globo, causou repercussão na *Internet*. Muito previsível já que os humoristas Marcelo Adnet e Marcius Melhem tiveram a ousadia de mexer em um tema envolvendo questões religiosas – o comportamento dos evangélicos. O quadro fez uma sátira da série americana *Friends*, que passou a se chamar *Crentes*. No quadro, os personagens com nomes bíblicos usam termos conhecidos entre os evangélicos como vigília e escola dominical.

O que se percebe no programa humorístico “Tá no Ar” é que seu maior alvo é o excesso de religião na TV. Um programa cheio de artimanhas, que trabalha a temática religiosa de forma a suscitar o riso em plena TV aberta. Desde 2014, quando fez a sátira ao programa americano, vem causando várias discussões. Em 2015, provocou novamente com outras esquetes que seguiam o mesmo objetivo, como o programa em que a travesti Rogéria narra a Bíblia. O quadro ganhou o nome de “A Bíblia Segundo Rogéria”, onde ela usa o vocabulário e gírias de homossexuais para contar histórias como de Adão e Eva e de Moisés.

Agora, nesse ano (2016) o programa voltou a usar expressões conhecida dos evangélicos para satirizá-los no quadro “Assembleia de Ateus”. Não o bastante, Adnet representa um pastor evangélico, imita o jeito característico das falas dos pastores da Igreja Universal. Usando uma série de menções ao ateísmo, o texto do quadro propõe uma troca de expressões comuns para os evangélicos por “equivalentes” ateístas.

Por exemplo, o “aleluia” foi substituído por “eureca”. As orações terminam com “Em nome de Darwin, de Newton e de Albert Einstein” e

⁶⁷ Vídeo do Personagem pode ser acessado em :
<https://www.youtube.com/watch?v=NgRhZfpNfzs>

o amém virou “a Nietzsche”. O cenário mostra um local que lembra um templo, que implicitamente seria da Assembleia de Deus. A pintura no teto do templo, ao invés de imagens religiosas, tinha uma tabela periódica dos elementos químicos. No lugar da Bíblia, é feita a leitura da “Segunda lei de Newton”. O quadro finaliza com um “período de louvor”, só que a Darwin e não a Jesus⁶⁸.

Com o passar do tempo e as mudanças midiáticas, a nova onda humorística agora está presente na *Internet*. Na mesma *vibe* dos personagens *Tim Tones*, nos anos setenta, e de *Crentes*, já na atualidade, surgem na *Internet* humoristas que exploram as questões religiosa como possibilidade de provocar o riso. *Pastor Adélio: o pastor mais sincero do mundo* é uma dessas personagens, a qual é o objeto central da pesquisa aqui desenvolvida.

Nas esquetes, a personagem faz uso do sarcasmo e da sátira de forma bastante incisiva em relação ao que está escrito na Bíblia, para ela tudo pode ser comprovado pelo livro sagrado. É preciso deixar claro que o humorista não parodia o texto bíblico, ele o satiriza, no entanto, a paródia está justamente em relação a performance do pastor evangélico, aquele que aparece na TV, os televangelistas. O Pastor Adélio utiliza as tecnologias como meio de divulgação, seu primeiro vídeo foi postado em 2009. A temática utilizada para a criação das esquetes do Pastor Adélio é basicamente de cunho religioso, há também outras de cunho mais político e social, com questões polêmicas da atualidade que envolvem a política nacional. No entanto, os vídeos mais acessados são realmente os de cunho religioso.

⁶⁸ O esquetes podem ser assistidos no canal da Rede Globo:
<https://globoplay.globo.com/v/3364906/>

Figura 19 - Vídeo YouTube: O Pastor Mais Cara de Pau do Mundo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hJIAFai1Hg0&t=4s> Acesso em: 10/02/2017

Muitas são as polêmicas que envolvem as personagens, tanto Chico Anysio, como Adnet idealizador do *Tá no Ar*, assim como o Pastor Adélio, que muitas vezes precisam se defender na justiça contra processos, pois são processados pelos pastores que se sentem ofendidos com seus vídeos. Falar de religião com humor é algo que na sociedade atual se considera politicamente incorreto.

Não muito diferente do Pastor Adélio, surge o Grupo Porta dos Fundos: o coletivo de humor, no ano de 2012. Foram 37 esquetes que depois se transformaram em um livro cujo o título é *Porta dos Fundos*. Silveira, estudioso que desenvolveu pesquisa sobre o grupo, afirma que:

A liberdade que a *internet* propicia, sem dúvida, foi um dos trunfos do grupo, aliado à qualidade técnica, e a atores e redatores reconhecidos por sua atuação humorística, que contribuíram para a divulgação inicial dos vídeos. Os humoristas Fábio Porchat, Marcos Veras e Gregório Duvivier, já eram conhecidos por um número considerável de público por trabalhos na TV, no teatro e no cinema. E também Antônio Tabet, que já tinha um número significativo de seguidores no seu site de humor

Kibe [...] notar o estilo do grupo e o enfoque da sua proposta, quando alfinetam os censuradores da moral e dos bons costumes.(SILVEIRA, 2015, p.61)

Um dos vídeos mais assistidos e comentados do grupo foi o vídeo *Especial de Natal*⁶⁹. Segundo Silveira, “o vídeo sofreu uma série de críticas negativa por parte de religioso e do público. A indignação chegou ao arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Odílio Scherer, que publicou crítica ao grupo”. Ainda segundo Silveira, inclusive o Pastor e deputado federal Marco Feliciano entrou com ação solicitando uma indenização de 1 milhão contra o grupo, pois afirmou que

[...] o conteúdo altamente pejorativo, utilizando-se inclusive de palavras obscenas, e de forma infame atacou os dogmas cristãos e a fé de milhares de brasileiros que comungam deles, ferindo dialeticamente o direito fundamental à liberdade religiosa (SILVEIRA, 2016, p. 1003).

Nesse contexto, o que se percebe é que os aspectos religiosos podem suscitar o riso e isso tem sido explorado há muito tempo, tanto por escritores, em suas produções literárias, quanto por humoristas, em esquetes para as TVs e Canais na *Internet*. Os pastores de denominações pentecostais e neopentecostais são capazes de utilizar os textos bíblicos para, de certo modo, conduzir a ação dos fiéis de acordo com seus interesses pessoais. Os humoristas, aqui mencionados, acabam utilizando essas mesmas artimanhas para parodiá-las, ironizá-las e ou satirizá-las.

Dessa forma, corrobora-se com Mora (2003, p. 08) quando afirma que o que caracteriza o humor satírico é “o caráter didático que faz com que a literatura se extravase, saia dos seus limites para afetar a realidade extraliterária”. O humor satírico tenta, de certa forma, ultrapassar o espaço físico do papel, mexer com o mundo real para, de uma maneira ou de outra, suscitar o riso crítico acerca de normas sociais, do homem, da sociedade, de valores, visões de mundo, tipos de governo, entre outras possibilidades de tudo o que pode ser risível.

Já Turner (2014, p. 155) destaca que “o objetivo [de uma produção satírica] não é humilhar, mas incomodar e fazer as pessoas se abrirem para formas alternativas de pensamento”. Percebe-se assim que a sátira tem uma dupla função: fazer com que o público descubra possibilidades de

⁶⁹Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2VEI_tn090c

outro ponto de vista ou mesmo descobrir que há hipóteses com relação a determinado assunto, isto é, abrir-se para além do óbvio.

Vários outros formatos de humor estão presentes em nosso tempo, a *Charge* o *Stand Up*, também fazem parte da vida humorista virtual e real da sociedade. Querer explorar a todos nesse subcapítulo é muita pretensão, por isso optou-se por apontar um breve caminho que o humor, o riso, vem trilhando no Brasil, a partir de alguns pontos que se considerou mais relevante. Diante de tudo o que até aqui já foi posto, corrobora-se com o pensamento de Saliba, escritor de *Raízes do Riso*, quando em entrevista à Márcia Junques⁷⁰, é questionado sobre o que seria o humor tipicamente brasileiro, e afirma:

Eu acho que é difícil definir uma vocação típica do humor, não só brasileiro, mas de qualquer outra cultura, porque o humor é uma modalidade de experiência tão diversa, tão multifacetada, que é difícil teorizar sobre ele. Mas eu arrisco: eu acho que o humor brasileiro típico é paródico. Mas não paródia no sentido original, de “canto paralelo”. A vida do brasileiro é tão cheia de incongruências que, para fazer humor, ele faz uma paródia da vida real. Eu me lembro aqui, por exemplo, da frase do Paulo Emílio Salles Gomes analisando o Mazaropi e a chanchada: ele dizia que nossa capacidade paródica resulta “daquela nossa incapacidade criativa de copiar...” Eu acho que isso tem a ver com a nossa história brasileira, porque, se a realidade já é engraçada, basta que façamos uma paródia do real.

No contexto da citação acima, pode-se dizer que não há um gênero humorístico tipicamente brasileiro. Sendo assim, acredita-se que no gênero humorístico praticado pelo *Pastor Adélio*, o *pastor mais sincero do mundo* tenha em seu cerne o gênero humorístico televisivo, radiofônico e literário. Ademais, por mais que os formatos tenham se modificado é possível dizer que a forma de provocar o riso ao longo dos anos sempre esteve associada à crítica elaborada através da sátira e da ironia acerca de temas polêmicos da sociedade, dentre eles a religião e a política.

⁷⁰ Entrevista disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br>

CAPÍTULO III - INSTRUMENTALIZAÇÃO DO RISO: A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

*Pois de muitas coisas agora já
podemos rir. De outras
jamais poderemos.*
Millôr Fernandes

Para tratar do riso no cristianismo foi necessário optar por uma metodologia que pudesse dar conta de identificar o tipo de humor apresentado pela personagem do Pastor Adélio, seus limites e intersecções com o sagrado cristão e o humor. Assim, estabeleceu-se como critério metodológico usar a definição de *paradigma* desenvolvida na obra *Signatura Rerum*, de Giorgio Agamben, a qual mostra ao leitor que é possível escolher o que se quer como referência de paradigma, que mesmo optando por um método não necessariamente é preciso negar o outro.

Também far-se-á uso da definição desenvolvida em artigo intitulado *Em Nomes de lugar: confim* de Massimo Cacciari, em que o autor desenvolve o conceito de *confim* e sua ligação com as aporias da contemporaneidade “globalizada”. Para o autor, “não pode existir confim que não seja *limen* e ao mesmo tempo *limes*, isto é, “o confim nunca é uma fronteira rígida”, “não existe confim que não seja ‘contato’” (CACCIARI, 2005, p. 14), o que implica relação, duração e diferença.

Por conseguinte, como o que se propõe nessa pesquisa é identificar as lacunas que o Pastor Adélio encontrou no texto bíblico e a forma como as utiliza para produzir um tipo de humor, para tanto, será feita uma análise nas falas da personagem à luz do conceito de confim, soleira, entrelugar, para identificar no discurso as “brechas” encontradas pelo humorista nos textos bíblicos, bem como no contexto sócio-político-religioso da atualidade brasileira identificando as formas humorísticas utilizadas. Dessa forma, nesse último capítulo da dissertação, será feita uma abordagem dos conceitos de Ironia, Sátira, Paradigma e Confim, os quais darão sustentação à análise ora apresentada.

3.1 A IRONIA

Partamos da origem da palavra Ironia [grego=‘dissimulação] que tem seu primeiro registro na obra República de Platão (séc. IV a.C.), onde tinha aproximadamente o significado de “superficial e desonesto modo de entender as pessoas”. Nos diálogos platônicos o próprio Sócrates toma o papel de *iron* ou “dissimulador” e, assumindo pose de ignorância e demência, pergunta sobre questões aparentemente inócuas e ingênuas que gradualmente solapam o caso de seu interlocutor e o prende (através das admissões posteriores) para dentro da verdade (CUDDON, 1999, p. 427).

No entanto, delimitar-se-á a abordar a ironia e suas facetas interdisciplinares pelo viés da linguagem e da interação verbal enquanto forma de comunicação repleta de intenções. Dessa forma o que se pretende aqui não é explorar historicamente a ironia, mas sim apontar o conceito no qual será utilizado para desenvolver uma análise sobre os vídeos produzidos pelo humorista Marcio Américo, na personagem do *Pastor Adélio: o pastor mais sincero do mundo*, pois só fala a verdade, somente a verdade, cuja afirmação pode ser encontrada nos vários vídeos postados pelo humorista, nele, ironicamente, o Pastor fala de certa forma a verdade, pois informa ao seu ouvinte/expectador/seguidor que por meio da palavra da Bíblia ele provará aquilo que está sendo dito. Também deixa claro que sua intenção é de usufruir das benesses de ser um Pastor, um homem de Deus, que para isso ele vai roubar, mentir e enganar quem se deixar enganar, o servo de Deus, aquele que crê no seu Pastor incondicionalmente. Corrobora-se com o que diz Minois sobre a ironia: “a ironia é para uso interno; ela mantém o bom humor, permite suportar a estupidez e absorver os golpes baixos da existência” (Minois, 2003, p. 435).

Passe-se, pois, ao “conceito” de ironia, se isso for possível. De antemão já se sabe que não há meios de formular uma ideia que faça convergir todas as formas, todos os conceitos de ironia num só ponto, num só conceito. Apresentada como a figura de retórica, em que se diz o contrário do que se quer dizer, no que implica o reconhecimento de mentira implícita na linguagem. Por isso, a ironia pode ter formas e funções diversificadas. Para Alvarce, em seu livro *Ironia e suas Refrações* afirma que:

Os principais participantes do jogo da ironia são o interpretador e o ironista. Acreditamos, entretanto, que a participação do interpretador ou do receptor ou ainda do leitor, no caso da ironia literária, é

decisiva, na medida em que está nas mãos desse receptor decodificar – ou não – a significação irônica. (ALAVARCE, 2009, p.18)

Em face da citação acima, pode-se inferir que o destinatário é quem decide se uma nunciação é irônica ou não, bem como o sentido particular que ela, sendo irônica, pode assumir, para Hutecheon:

Esse processo ocorre à revelia das intenções do ironista (e me faz me perguntar quem deveria ser designado como o “ironista”). Não há garantias de que o interpretador vá “pegar” a ironia da mesma maneira como foi intencionada. Na verdade, “pegar” pode ser um incorreto e até mesmo impróprio; “fazer” seria muito mais preciso. (1985, p.28)

O receptor de textos irônicos deve ser capaz de perceber a ambiguidade, o paradoxo, pela contradição e a incongruência implícita ao discurso. A participação efetiva do leitor/espectador faz com que ele compreenda que está frente a um enunciado dicotômico. Para a pesquisadora, Hutcheon, “a ironia é a transgressão intencional tanto de informação quanto de atitude avaliadora além do que é apresentado explicitamente” (1985, p. 28).

A ironia é uma estrutura comunicativa, em que o ironista é alguém que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente. Todo ironista busca um leitor/espectador que não seja passivo, mas atento e participante, capaz de perceber que a linguagem não tem significados fixos. A ironia é, portanto, uma estrutura comunicativa que se relaciona com inteligência; mais intelectual, mais reflexiva e consciente.

Fala-se, pois, dos vários tipos de ironia, a oral, quando é dito uma coisa e pretende expressar outra; a dramática, ou satírica, quando uma palavra ou uma ação coloca uma situação em jogo, e a ironia de situação que é a disparidade existente entre a intenção e o resultado da ação. Há também a ironia cósmica ou infinita que é a disparidade entre o desejo humano as realidades do mundo externo. Já, na ironia antífrase é o engrandecimento de ideias erradas, funestas, e quando se faz uso carinhoso de termos ofensivos. Fala-se também de ironia trágica, cômica, de modo, de situação, filosófica, prática, verbal, retórica, auto ironia, ironia socrática, romântica, cósmica, do destino, do acaso, de caráter, que

pode atentar-se ao efeito, meio, técnica, função, objeto, praticante, tom ou atitude (MUECKE, 1982, p. 24-29). Ademais, cada autor possui a sua própria ironia, que não difere apenas em técnicas, estratégias ou estilos de época.

Se pensarmos nos relatos bíblicos, tidos como uma narrativa sacra, cuja a única interferência que chega é a divina, de um Deus, que, com o passar do tempo, se transformaram em cânone religioso, percebe-se que a ironia está presente na própria Bíblia. É com essa percepção que o humorista Marcio Américo vai conceber o Pastor Adélio, personagem com a qual ironiza a seriedade e a oficialidade dos escritos bíblicos, em que se pode notar as peculiaridades que se reporta a um discurso carnavalizado que foi transformado, pela interpretação, em discurso sério e elevado.

Por certo, já no início das nossas vidas somos colocados em contato com as tradições religiosas. Deparamo-nos com os textos sagrados da Bíblia, que são destinados a um leitor crente, um leitor que acredita na sacralidade do texto. Nesse aspecto, o leitor que acredita que o texto bíblico é uma manifestação do sagrado ele não vai buscar nenhuma ironia nas escrituras, ele vai buscar a manifestação do sagrado, ele vai buscar uma verdade que, muitas vezes, está para além da nossa lógica mundana, racional. Já, as pessoas que estão fora dessa cultura religiosa, desse contexto religioso, mesmo uma pessoa crente, como por exemplo uma pessoa cristã, ela vai ler o Alcorão não como um texto sagrado, pois para ela aquele texto não representa o sagrado, recebendo-o como apenas um texto ficcional, uma obra literária. Portanto, a partir do momento em que se tem uma apropriação do texto que não a sagrada, faz-se a dessacralização do texto para, assim, se fazer várias interpretações como, ironizar, criar piadas, brincar com o texto. Porém, é preciso frisar que isso só acontecerá se não tivermos o entendimento que ele é uma manifestação do divino. A ironia só estará presente quando passarmos a olhar a Bíblia enquanto obra literária, não mais uma manifestação do sagrado.

Segundo Minois (2003, p. 436), “a ironia pode ser uma proteção. Elevada a um valor social, pode também transformar-se em agente corrosivo que produz a decadência.” Dessa forma, abre-se espaço para a subversão como uma espécie de contra-resposta ao que é considerado correto por uma maioria da sociedade. Manifestações advindas daquilo que é cômico ou risível, bem como da ironia, podem ser utilizadas por um sujeito transgressor, o qual não se conforma com os ditos impostos por uma sociedade e ou religião. Nesse interim, abre-se espaço para conjuntura linguística que envolve o processo discursivo, tornando-o

capaz de figurar em qualquer tipo de texto e ou situação. Observemos o que nos diz Brait (1996, p. 14):

A ironia, seu efeito humorado, tanto pode revelar-se via um chiste, uma anedota, uma página literária, um desenho caricatural, uma conversa descontraída ou uma discussão acirrada, espaços institucionalizados para o aparecimento de discursos de humor, quanto em outros, como a primeira página de um jornal sério e que não tem por objetivo divertir seus leitores.

Destarte, cabe salientar que a pesquisa em questão está interessada na ironia presente no discurso da personagem do Pastor Adélio, sua intencionalidade no momento de fala, e para quem fala. Percebe-se que o riso irônico evidenciado nas epístolas bíblicas, utilizadas pela personagem, desencadeiam questionamentos em torno das narrativas sagradas e sua oficialidade.

Quando observamos no Novo Testamento a passagem no Evangelho Segundo São Matheus 22, 16-22⁷¹ que diz:

16. E lhe enviaram os seus discípulos, juntamente com os herodianos, para lhe dizerem: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que, de fato, ensinas o caminho de deus. Não dás preferência a ninguém, pois não consideras um homem pelas aparências. 17. Dize-nos, pois, que te parece: é lícito pagar imposto a César, ou não?” 18. Jesus, porém, percebendo a sua malícia, disse: “Hipócritas! Por que me pondeis à prova? 19. Mostrai-me a moeda do imposto?” Apresentaram-lhe um denário. 20. Disse ele: “De quem é esta imagem e a inscrição?” 21. Responderam: “De César.” Então lhes disse: “Dai, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus”. 22. Ao ouvirem isso, ficaram surpresos e, deixando-o, foram-se embora. (BÍBLIA, Jerusalém. São Matheus. 2006, p. 1743)

Em uma situação complicada estava Jesus, pois se ele diz que se tinha que pagar os impostos ele se colocaria contra os judeus e a favor dos romanos. Já, se Jesus dissesse que não precisaria pagar os impostos ele

⁷¹ Bíblia de Jerusalém. Paulus 4ª impressão – 2006, SP, p. 1743

seria preso, porque aquele “espaço” estava sendo controlado pelo Império Romano. Então o que Jesus faz? Ele sai pela “tangente”, ironicamente e diz : “Dai, pois, o que é de César a César e a Deus o que é de Deus”. Embora se encontre a ironia na perícopes, muitos dos fiéis que já a leram ou a conhecem não conseguem identificar a ironia. Porém, quem dessacraliza o texto e o lê de forma literária vai ter a percepção da presença da ironia.

O Pastor Adélio, objeto dessa pesquisa, vai fazer uso de outras perícopes, interpretando-as de forma a suscitar o riso, por meio da ironia e da sátira. Dessa forma, o que se quer salientar é que a ironia está presente na interpretação que, nesse caso, a personagem do Pastor faz do texto. A subversão às normas religiosa e ao mito judaico, Deus, protagonista das narrativas bíblicas, apresentados nos Vídeos do *Pastor Adélio: o pastor mais sincero do mundo*, nos mostra como a ironia está impregnada em seu discurso.

3.2 A SÁTIRA

Conceituar a sátira é um tanto difícil, isso acontece pela complexidade em se conseguir mapear a origem da palavra. Muitos são os sentidos e histórias que permeiam o princípio de seu uso, permitindo inúmeras derivações, inclusive da origem etimológica da palavra. O nome sátira possivelmente vem do adjetivo latino "satur/ satura/ saturum", que significa completo, misto.

A palavra sátira pode ser usada de várias maneiras, porque seu significado original é "uma obra literária de tipo especial, no qual vícios, bobo, estupidez e injustiças são expostos ao ridículo e desprezo" (Hodgart, 1969, p.7, tradução nossa) . Paralelamente, o que melhor sintetiza uma definição de sátira seria "o processo de ataque do ridículo em qualquer mídia, e não só na literatura" (p.7, tradução nossa), ou seja, ser capaz de fazer através do desenho, mais especificamente, através da caricatura da personagem, o fato ou situação, de modo a reduzi-lo ao mundo dos mortais simples e comuns. Segundo Ortiga, (1992):

Os romanos, inventores da sátira como forma, consideram-na ligada à mistura de coisas heterogêneas, mas o orgulho que move a afirmativa de Quintiliano "*atira tota nostra est*", sobre a gênese da sátira e a superioridade da poesia satírica em Roma, repousa num equívoco de apropriação,

pois não se dava conta do salto diferenciado entre a originalidade e a adaptação.

[...] Parece inquestionável que a sátira como forma literária bem definida teve sua origem no mundo romano, sobretudo se considerarmos o seu caráter moralizante, freqüentemente destacado pelos estudiosos do gênero. Os primeiros satíricos romanos foram Lucílio, Uarrão, Horácio, Marci al e Juvenal, mas as raízes da sátira podem recuar à satura*, representação em que se mesclam cantos, danças, declamações em prosa e em verso; à carmina, cantos populares amorosos e sarcásticos; à atelana, em sua essência farsesca; ao fascenino, em sua licenciosidade.(ORTILHA, 1992, P. 67)

De fato, a sátira é caracterizada por uma mistura formal e temática, pois pode estar presente em todos os temas da Literatura: o heroico, o maravilhoso, o religioso, ou moral, o histórico e o amoroso. Para Hutcheon (1985, p. 132) “a sátira é, por certo, uma maneira de conduzir o ‘mundo’ à arte”. É importante, no entanto, que não se confunda sátira com paródia. Apesar de elas compartilharem afinidades, como a ironia, por exemplo (HUTCHEON, 1985, p. 132), a sátira está ligada ao momento presente, em sua crítica contra pessoas e situações determinadas, ou seja, ela é social e visa ridicularizar os vícios e loucuras dos homens ou proporcionar a oportunidade ao ataque dirigido à desordem estabelecida. A paródia refere-se ao processo de imitação textual com intenção de produzir um efeito de cômico. A forma como se processa essa imitação, a motivação para o ato imitativo e as consequências esperadas para esse ato determinam a natureza literária da paródia. Portanto, a paródia imita, censura, deforma e referencia, já a sátira não imita, limita-se a censurar e a referenciar.

A sátira manifesta-se como arma de denúncia, um ataque à censura e a repressão seja política, social, religiosa, ou se impõe como uma forma de ridicularizar, diminuir, depreciar tudo aquilo que foge ao dito padrão estabelecido. A sátira é multiforme, pode se fazer presente pelos mais diversos veículos, sejam eles artísticos ou não, literários ou não, o que leva, invariavelmente, os estudiosos que dela se ocupam a afirmar que seu trabalho não pretende apresentar uma definição conclusiva para fenômeno tão complexo.

A função multiforme da sátira fica explícita no uso das expressões satíricas, em relação aos mais variados meios de expressão, assim como de acordo com seus interesses. O que se leva, por um lado, a reiterar os

posicionamentos críticos que se rendem à inviabilidade de uma definição satisfatória e, por outro, a fazer um recorte do fenômeno para tentar determinar, pelo menos, alguns de seus aspectos que nos interessam.

Nessa acepção, observemos os estudos apreendidos por Hodgart, que aponta a sátira como não tendo uma categoria bem definida, ou então de uma expressão muito ampla, não se limitando ao âmbito da literatura. Para o autor é estranho a suposta mobilidade da sátira, a qual faz com que ela não se consolide, apesar disso, há dois elementos que se associam em caráter permanente à essência da sátira, sendo eles: a deformação e a inversão. (HODGART, 1968)

Para Hodgart (1968, p. 11), a sátira começa com uma postura mental de crítica e hostilidade, por um estado de irritação causado por exemplos imediatos do vício e da estupidez humana. Precisa ser expressada mediante formas especiais, como a literária, aplicando os recursos retóricos adequados para colocar ao ridículo a sua “vítima” e provocar o riso destrutivo (Tradução livre). A sátira verdadeira contém sempre um ataque agressivo e uma visão fantástica do mundo transformado.

O período histórico da antiguidade greco-romana foi de fundamental importância às formas assumidas pela sátira, pois foi nesse contexto que foram inseridos componentes relevantes e importantes à sátira, como: a linguagem utilizada e a relação entre o satirista e a sociedade em que vive.

Worcester (1940, p.37 apud. FERREIRA)) vai nos apontar três tipos de sátira:

[...] a invectiva, o burlesco e a ironia. A primeira expressa-se de modo direto e didático, provocando o riso de escárnio ou de desprezo que caracteriza este tipo de sátira. O burlesco subdivide-se em baixo burlesco com o objetivo de rebaixar e degradar ao tratar um assunto importante de modo comum; e alto burlesco que trata de um assunto comum de modo “elevado”. A última, a ironia que se configura na expressão mais elevada do espírito satírico, de acordo com Worcester, apresenta-se sob quatro aspectos: a ironia verbal que pode assumir o sarcasmo, seu modo mais grosseiro ou a ironia de inversão, que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa; a ironia socrática, que expressa a autodepreciação do autor e a elevação do alheio, ao levar seu argumento até ao método dialético de Sócrates, compreendendo as

subespécies de sátira ingênua e sátira utópica; a ironia de fatos, também conhecida como ironia dramática, que resulta da escolha do assunto feita pelo autor sem qualquer estilo específico; a ironia cósmica, que desafia o poder e a justiça divina, chamando para si a forma diabólica.

Em análise, pode-se dizer que a intenção da sátira é de chocar. Colocando em questão a noção da realidade das coisas/fatos, abrindo assim brechas para se repensar as mazelas da sociedade, não com a intenção de corrigi-las, mas sim como forma de apontá-las e afrontá-las. A sátira enfatiza o que parece ser real, sendo sua essência o contraste entre a realidade e a pretensão.

Um dos pré-requisitos da sátira é a paródia, mas isso não significa que todas as paródias devem necessariamente ser uma sátira, porém deve ser composta por um ataque direto contra a irracionalidade do ser humano e vícios destes, deve ter difamação contra indivíduos ou comentários críticos e hostis contra a vida social ou política. Assim, a sátira não se configura como um dos gêneros literários tradicionais, como a tragédia, épico, lírico, romance ou comédia, mas como uma categoria especial de literatura que participa desses gêneros literários. (HODGART, p. 28)

Nesse ponto de vista, a pessoa/humorista que executa a paródia satírica tem um compromisso com os problemas do mundo e espera que seus leitores façam o mesmo. Ele assume, de forma consciente, o risco de um duplo entendimento "de ser impopular no seu próprio tempo e ser esquecido pelas gerações futuras" (HODGART, 1960, p. 31, tradução livre), para a qual os acontecimentos diários de seu tempo podem não ter um interesse mais do que meramente acadêmico. Por isso, o humorista/satirista está constantemente em uma posição vulnerável, não só porque ele diz verdades que são desagradáveis para muitos, mas também porque tem que resistir às tentações do religioso e da vulgaridade. Nesse aspecto, o humorista Marcio Américo, na personagem do Pastor Adélio, acaba por não se importar com o que a sociedade vai pensar sobre ele, o que ele quer realmente é afrontar o religioso e demonstrar que nem sempre o "sagrado" pode ser deixado de lado pelo humorista. Ao explorar a personagem de um pastor neopentecostal, e satirizá-lo, já demonstra que para o humorista o que importa é suscitar uma reflexão e chamar a atenção da sociedade e ou seu expectador – no caso do Pastor Adélio – para as incongruências encontradas nos textos bíblicos, dessacralizando-o, e para a vida real da sociedade atual.

Muitas são as dificuldades em se delimitar e definir a sátira, pois para se conseguir um discurso satírico é preciso se valer da linguagem e usar várias palavras que tenham por significação: converter, reformar, moralizar, corrigir, restaurar, estas são empregadas a fim de se concretizar os objetivos do discurso satírico, os quais apontam para a ideia de recusa a algo indesejado. Por esse ângulo, entende-se que a sátira é motivada pela insatisfação, ou como define Bosi (1993, p. 163), o “lugar de onde se move a sátira é, claramente, um *topos* negativo: a recusa aos costumes, à linguagem e aos modos de pensar correntes”.

Assim sendo, podemos observar que muitos são os autores que destacam a dificuldade de se compreender a sátira por sua origem, por sua forma, por seu assunto, mas destacam que é possível apreendê-la por seu objetivo. A origem etimológica do termo permanece ainda incerta, isto é certo. O fato de encontramos manifestações satíricas artísticas e não artísticas, literárias e pictóricas, na ficção, na lírica e no drama, em que seus alvos vão de pessoas a nações; e o tipo de riso que provoca vai da gargalhada desaforada, desregrada a uma careta cínica ou irônica, é possível se delinear que o que é constante no discurso satírico é a ridicularização do desvio⁷².

3.3 UM PARADIGMA

No primeiro capítulo intitulado *Paradigma* da obra *Signatura Rerum*, de Giorgio Agamben⁷³, o leitor vai conseguir distinguir entre a teoria que é referente a Foucault e o que deve atribuir-se ao autor ou aquilo que serve para ambos. Para Agamben, paradigma é um método de análise, é o que não está dito, mas pode estar desenvolvido, para ele só se consegue avaliar um objeto de estudo se for possível ter a análise arqueológica do que já foi estudado e do que foi encontrado, mas que ainda não foi dito e que está na obra. O objeto de análise não muda, o que muda é o foco e ele se renova ao mesmo tempo que essa arqueologia do

⁷² Para se aprofundar sobre a afirmativa, sugere-se, pois, e observar atentamente, a transcrição da fala de João Adolfo Hansen, “Anatomia da sátira”, de 1991, e artigo de Paulo A. Soethe, “Sobre a sátira: contribuições da teoria literária alemã na década de 60”, de 1998. 7. Também, tornasse interessante as considerações de Melville Clark (CLARK apud POLLARD, 1970, p. 4-5).

⁷³ AGAMBEN, Giorgio, *Signatura Rerum*, 2010. Disponível em <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2013/08/agamben-giorgio-signatura-rerum.pdf>

saber se refaz ao longo do tempo. É o olhar do pesquisador enquanto leitor que se renova, que passa a olhar para trás e encontrar novos “rastros” e indícios.

Agamben vai mostrar ao leitor que é possível escolher o que se quer como referência de paradigma, que mesmo optando por um método não necessariamente é preciso negar o outro, mas é fundamental saber e conhecer o que eles dizem. Observemos, para Giorgio Agamben:

Michel Foucault se sirve muchas veces en su escritos de la expresión “paradigma”, aunque sin definirla nunca con precisión. Por otra parte, tanto en *L'Archéologie du savoir* [*La arqueologia del saber*] como en los escritos posteriores, designa los objetos de sus investigaciones – para distinguirlos de los de las disciplinas históricas – con los términos “positividades”, “problematizaciones”, “dispositivos”, “formaciones discursivas” y, más en general, “saberes”.(AGAMBEN, 2010, p.11)⁷⁴

De fato, Foucault não explicita isso em palavras claramente, nunca define, mas elege um mecanismo social com que cria formas sociais que estão se repetindo sempre, assim ele chega ao paradigma, o que se repete. Dessa forma o paradigma para ele são as recorrências de um mesmo fato, de um mesmo objeto, de uma mesma ação, dentro da história.

O paradigma, para Foucault, é a construção de um saber a partir desse “escavar e desse repetir de fatos” que não se sobrepõe com o valor, não há algo maior ou menor, não é uma relação hierárquica, o que se tem é a recorrência ao longo da história de sinais, indícios, traços, memórias, retomados ao longo do tempo. Dessa forma, é possível afirmar que o método foucaultiano consiste em descobrir discursos como articulações históricas.

Para se compreender um pouco mais sobre a definição de paradigma é necessário atentar-se sobre a reflexão que o pesquisador italiano faz ao situar a obra de Thomas Kuhn, *A estrutura das revoluções*

⁷⁴ Michel Foucault se utiliza muitas vezes em seus textos da expressão "paradigma", porém sem nunca defini-lo com precisão com. Por outro lado, tanto em *L'Archéologie du savoir* [A arqueologia do saber] como em textos posteriores, designa os objetos de suas pesquisas - para distingui-los das disciplinas históricas - com os termos "reações positivas", "problemática" "dispositivo", "formações discursivas" e, mais geral, "conhecimentos" (Tradução livre)

científicas, de 1962. Apontando, assim, para uma possível compreensão do conceito de paradigma científico em Michel Foucault.

Thomas Kuhn, desenvolve uma teoria sobre a natureza da ciência, como essa se caracteriza enquanto ruptura e atua com a ideia de revolução científica. Assim, é fundamental compreendermos o que é um paradigma, que para ele são “[...] as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1990, p. 13).

No entanto, é importante destacar que a revolução, a mudança de paradigma não acontece por meio de um processo de acumulação, mas sim por meio de rupturas de um paradigma atual, que deixa de funcionar e solucionar questões de natureza científica. Para Thomas Kuhn, a formação de um paradigma se dá a partir de conceitos, os quais devem passar por processos de permanentes mudanças, pois são eles que possibilitam a condição de criação de novas teorias. Dessa forma, um novo paradigma se configura na medida em que surgem novas concepções científicas. Os conceitos aparecem como fontes de um método de abordagem em detrimento às novas problemáticas, padrões e soluções para se tornarem aceitos por uma comunidade científica em uma determinada época.

Giorgio Agamben (2010) afirma que dentro de um paradigma tem uma questão fundamental, que é o que eu uso como paradigma. Para ele, paradigma e análise nada mais é do que uma comparação, como uma analogia. A analogia, bem ou mal, ela é feita a partir do momento em que se está analisando “aquela obra”, porque a realidade, mesmo científica, muda. As descobertas mesmo dentro do método científico acontecem. Quando é feito a análise a partir do momento em que está inserido o “meu olhar muda”.

Assim, para Agamben, será preciso verificar a analogia entre os métodos que se refere melhor a problemas, estratégias e níveis de investigações diferentes, se o paradigma da arqueologia foucaultiana não é só homônimo que marca, em Kuhn, é produzir as revoluções científicas.

Segundo o autor italiano, Michel Foucault teria lido a obra de Thomas Kuhn, somente depois de ter publicado o livro *As palavras e as coisas*, pois Foucault não faz menção à obra *A estrutura das revoluções científicas* em suas pesquisas e ou inscrites. Foucault, apud AGAMBEN (2010) afirma:

[...] ésta [la normal] no puede ser identificada con una estructura teórica o con un paradigma actual, dado que la verdad científica de hoy no es más que

un episodio, o a lo sumo un término provisório, no es apelando a una “ciência normal” en el sentido de T.S. Kuhn cono se puede volver al passado y trazar eficazmente su historia, sino encontrando su processo “normativo”, del cual el saber actual no es más que un momento. (AGAMBEN, 2010, p. 14)⁷⁵

Giorgio Agamben ressalta que Thomas Kuhn expõe basicamente dois sentidos para o termo paradigma.

Kuhn reconoce haber usado el concepto de paradigma en dos sentidos diferentes (Kuhn: 212). En el primero —que él propone substituir por el término "matriz disciplinar"—, paradigma designa lo que los miembros de cierta comunidad científica poseen en común, es decir, el conjunto de las técnicas, los modelos y los valores a los que los miembros de la comunidad adhieren más o menos conscientemente. En el segundo sentido, el paradigma es un elementosingular de este conjunto —los Principia de Newton o el Almagesto de Ptolomeo— que, sirviendo de ejemplo común, substituye las reglas explícitas y permite definir una tradición de investigación particular y coherente. (AGAMBEN, 2010, p. 15-16)⁷⁶

⁷⁵ [...] este [Normal] não pode ser identificado com Uma Estrutura teórica ou com hum paradigma atual, uma vez que a verdade científica de hoje não é mas um episódio, ou no máximo um termo provisório, não apelando a "ciência normal" no sentido de T.S. Kuhn como se pudesse e voltar para Passado e traçar a sua história de forma eficaz, mas encontrar o seu processo "normativo", o qual o conhecimento atual não é mais que um momento. (Tradução livre)

⁷⁶ Khum reconhece ter usado a concepção de paradigma em dois sentidos diferentes(Kuhn:212). Em primeiro - ele propôs a substituição do termo "matriz disciplinar" - paradigma designa o que os membros de certa comunidade científica possuem em comum, isto é, o conjunto de técnicas, modelos e valores aos quais os membros da comunidade aderem mais ou menos conscientemente. Em segundo sentido, o paradigma é um elemento singular deste conjunto – Os Principios de Newton ou o Almagesto de Ptolomeu - que serviu de exemplo comum, substitui as regras explícitas e permite definir uma determinada tradição de pesquisa e coherente. (Tradução Livre)

Em análise, para o pesquisador italiano, o paradigma está próximo da concepção adotada pelo senso comum, faz referência a um padrão ou modelo pré-fixado para ser seguido. Quando há *um novo* o paradigma não funciona mais, pois é uma singularidade dentro daquela regra, para aquele momento, essa singularidade vai criar uma revolução científica. Isso não significa dizer que a revolução científica acontece quando há *um novo*, algo diferente, pois, na verdade, é necessário construir toda uma nova teoria e um novo paradigma para aquilo que foi diferente.

Assim, para Kuhn, o paradigma só muda a partir do novo, da singularidade que é identificada. É possível se encontrar algo singular na literatura e construir um paradigma, mas é o olhar por sobre a obra que o enxergará no escuro, que vai dar esse novo elemento, a singularidade. Quando se estuda essa singularidade, e se constrói as normas para sustentá-la se estará fazendo uma revolução científica e criando uma nova teoria.

Para Thomas Kuhn, um paradigma fornece, pois, os fundamentos sobre os quais a comunidade científica desenvolve suas atividades. As pesquisas envolvendo as teorias, métodos e exemplos de um paradigma são chamadas por Kuhn de *ciência normal*. Nessa acepção, segundo Agamben:

Ciencia normal no significa, en este sentido, una ciencia gobernada por un sistema preciso y coherente de reglas. Por el contrario: si las reglas derivan, para Kuhl', de los paradigmas, estos "pueden determinar la ciencia normal" incluso en ausencia de reglas (ibíd.: 70). Este es el segundo significado del concepto de paradigma, que Kuhn considera "el más nuevo" y profundo (ibíd.: 226): el paradigma es simplemente un ejemplo, un caso singular que, a través de su repetibilidad, adquiere la capacidad de modelar tácitamente el comportamiento y las prácticas de investigación de los científicos. (AGAMBEN, 2010, p. 16)⁷⁷

⁷⁷ A ciência normal não significa, este sentido, uma ciência governada por um sistema preciso e coerente de Regras. Pelo contrário, se as regras derivam, para Kuhn, os paradigmas, que "pode determinar a ciência normal", mesmo em ausência de regras (ibid.: 70). Este é o segundo significado do conceito de paradigma, Kuhn considera "é mais recente" e profundo (ibid 226.): O paradigma é simplesmente um exemplo, um caso singular, através da sua repetibilidade, adquire a capacidade de se modular tácitamente o comportamento e as práticas de investigação das pesquisas científicas. (tradução Livre)

Destarte, a *ciência normal* também ocorre quando da ruptura e substituição de paradigmas. É que dentro de um modelo ocorrem anomalias ou contraexemplos que podem colocar em dúvida a validade de tal paradigma. Se este realmente se torna insuficiente para submeter as anomalias à teoria – já que vista de outro ângulo elas podem se tornar um problema – ocorre o que Kuhn denomina de Ciência Extraordinária ou Revolucionária, que nada mais é do que a adoção de um outro paradigma, isto é, de visão de mundo.

Já Foucault (1992) apresenta com constância em sua abordagem teórica nas investigações o abandono de uma concepção tradicional de poder. Segundo Agamben, as relações de poder, que apesar de estarem nas estruturas tradicionais de poder, penetram nos indivíduos e controlam os seus interesses e análises. O poder e a instituição que está fora também nos atinge, faz parte do pesquisador, da conduta e da análise que esse faz das coisas. A estrutura do poder já está internalizada. O poder tem uma dinâmica subjetiva na vida. As estruturas de poder nascem de um paradigma que une pessoas que têm os mesmos “incômodos”. Essa união cria um novo paradigma, uma oposição ao que está vigente.

Agamben (2010) considera que assim como Kuhn separa a *ciência normal* da *ciência de regras* que a definem, no pensador francês, temos a distinção entre a normalização que caracteriza o poder disciplinário da sistemática jurídica dos processos legais. Conforme Giorgio Agamben, parece haver uma possível analogia entre os paradigmas Kuhniano e Foucaultiano, vejamos:

[...] como Kuhn deja de lado la individuación y el examen de las reglas que constituyen una ciencia normal para concentrarse en los paradigmas que determinan el comportamiento de los científicos, Foucault cuestiona el primado tradicional de los modelos jurídicos de la teoría del poder para hacer emerger en primer plano las múltiples disciplinas y las técnicas políticas a través de las cuales el Estado integra en su interior el cuidado de la vida de los individuos.(AGAMBEN, 2010, p. 13)⁷⁸

⁷⁸ [...] como Kuhn deixa de lado a individuação e a revisão das regras que constituem uma ciência normal para concentrar-se nos paradigmas que determinam o comportamento dos cientistas, Foucault questiona a primazia tradicional dos modelos jurídicos da teoria do poder para fazer emergir em

É perceptível a proximidade entre os dois métodos, no entanto, Foucault evita usar o termo paradigma em sua obra *Arqueologia do saber*. Essa recusa de Foucault pode estar ligada ao fato de se tratar metodologicamente de ciências que parecem se contrapor. O fato de Foucault tomar para si a palavra paradigma, ele estaria se remetendo a Kuhn, faz com que de certa forma ele compare a ciência tecnológica científica com as ciências humanas. O que, de algum modo, Foucault acredite que não é o caminho, pois isso seria concordar que essa metodologia das ciências pudesse também funcionar nas humanas. Então, ele prefere recusar nesse momento a ideia de paradigma. Pode-se assim acreditar que o pensador francês prefere criar *um novo*, fazer uma revolução, e ele também sabe que quanto mais referência dele forem a quem já construiu uma teoria menos inédito ele vai ser.

Assim, para Agamben, “construir e fazer inteligível a totalidade de um contexto histórico-problemático mais vasto” (AGAMBEN, 2010, p. 11; tradução livre) trata-se de paradigma, que pressupõe o abandono particular-geral para elaborar discursos como articulações históricas de paradigmas. Permitindo-se construir contextos e conjuntos a partir de “un objeto singular que, valiendo para todos los otros de la misma clase, define la inteligibilidad del conjunto del que forma parte y que, al mismo tiempo, constituye” (AGAMBEN, 2010, p. 22), ou seja, um sentido próprio ao paradigma seria como um objeto singular que define a inteligibilidade do conjunto de objetos de uma mesma classe, do qual forma parte e que, ao mesmo tempo, constitui. Para o autor, o paradigma não é simplesmente um exemplo e tão pouco modelo,

Dar un ejemplo es, entonces, un acto complejo que supone que el término que oficia de paradigma es desactivado de su uso normal no para ser desplazado a otro ámbito, sino, por el contrario, para mostrar el canon de aquel uso, que no es posible exhibir de otro modo. (AGAMBEN, 2010, p. 23-24)⁷⁹

primeiro plano as múltiplas disciplinas e as técnicas políticas através do que o Estado em seu interior de cuidados com a vida dos indivíduos. (Tradução Livre)

⁷⁹ Dê um exemplo é, então, um ato complexo que supõe que o termo oficializa o paradigma é desativado de seu uso normal não para ser envolve o termo paradigma oficiante é desativado de uso normal não ser movido para outra área,

Nessa acepção, pressupõe que o termo que anuncia o paradigma se desloca de seu modo habitual “para mostrar o cânone daquele uso, que não é possível existir de outro modo” (ibidem, p. 24). Sendo assim, pode-se dizer que não há uma transcendência da figura paradigmática, pois ela vai de singularidade a singularidade, apenas, sem esquivar-se do que diz, sem deixar de constituir-se de parte daquilo que comunica. (AGAMBEN, 2010, p, 29).

Segundo Castro (2012), o próprio Agamben resume o que entende por paradigma na forma de seis teses, a saber:

- 1-) Um paradigma é uma forma de conhecimento nem indutiva nem dedutiva, mas analógica, que se move da singularidade a singularidade.
- 2-) Neutralizando a oposição entre o geral e o particular, substitui a lógica dicotômica por um modelo analógico bipolar.
- 3-) O caso paradigmático torna-se o que é suspendendo e, ao mesmo tempo, expondo sua pertinência ao conjunto, de modo que não é possível separar nele a exemplaridade da singularidade.
- 4-) O conjunto paradigmático nunca é pressuposto pelos paradigmas, permanece imanente a eles.
- 5-) No paradigma não há uma origem ou uma arché: qualquer fenômeno é a origem, toda imagem é arcaica.
- 6-) A historicidade do paradigma não está nem na diacronia nem na sincronia, mas no entrecruzamento delas. (AGAMBEN apud CASTRO, 2012, p. 156-157)

O paradigma, como método, trata de pinçar eventos, ideias que iluminem uma “face” do objeto investigado que está ou não obscurecida na mira da história. É nesse aspecto que tomar-se-á o significado de paradigma para analisar a personagem do Pastor Adélio.

mas pelo contrário, para mostrar o cânone daquele uso, que não é possível exibir de outra maneira. (Radução Livre)

3.4 ENTRE BRECHAS E CONFINS: ONDE CIRCULA UMA PERSONAGEM

Massimo Cacciari é o filósofo italiano que nos apresenta, em seus estudos, o conceito de linde, fronteira, confim. Observemos o que o filósofo afirma:

Confim se pode dizer de muitas maneiras. Em geral, o termo parece indicar a “linha” ao longo da qual dois domínios se tocam: cum-finis. Dessa forma, o confim distingue, tornando comum; estabelece uma distinção determinando uma ad-finitas. Fixado o finis (e em finis ressoa provavelmente a mesma raiz de *figere*), “inexoravelmente” se determina um “contato”. Mas – antes de desenvolver essa idéia essencial, que cresce na nossa linguagem – entendemos por confim *limen* ou *limes*? O *limen* é a soleira, que o deus *Limentinus* guarda, o passo através do qual se penetra em um domínio ou se sai dele. Através da soleira, somos acolhidos ou eliminados. Ela pode se dirigir ao “centro”, ou abrir para o limite, para aquilo que não possui forma ou medida, “onde” fatalmente nos perderíamos. *Limes* é, ao invés, o caminho que circunda um território, que engloba sua forma. Sua linha pode ser oblíqua, por certo (*limus*), acidentada, todavia, ela equilibra, de uma certa forma, o perigo representado pelas soleiras, pelos passos, pelo *limen*. (2015, 13-14)⁸⁰

O que se pode perceber é que para Cacciari, o confim é um conceito paradoxal porque não há como pensar o espaço fora do confim. Assim como não é possível pensar a literatura fora da dimensão contingente dos intercâmbios com outras disciplinas. Por exemplo, no meio acadêmico há muitas vezes o movimento entre diversas disciplinas que buscam novas formas de se conceituar ou de definir o seu objeto por meio da relação com outras disciplinas. Em suma, a questão fundamental não é o fim, o objetivo ou meta da construção, mas seu confim, que pode ser dito de

⁸⁰ CACCIARI, Massimo. *Nome de Lugares: confim*, disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/56/48> Acessado em: 13/04/2015 Original em italiano: “Nomi di luogo: confine”, publicado em *Revista aut aut*, 299-300, setembro-dicembre 2000, Milano, p.73-79. Traduzido para o português por Giorgia Brazzarola e revisado por Silvana Gaspari.

várias maneiras. Para Cacciari, nenhum confim pode eliminar ou excluir o outro, pois este está também na sua própria essência. Na maior parte dos casos, conforme assinalado anteriormente, o termo parece indicar a “linha” ao longo da qual dois domínios se tocam: com- fimis “Mas o fim é com-fim, o contato com o outro. O extremo limite de um ente, isto é, que maximamente o define, é também comum, o que ele tem de essencialmente comum com o outro em si” (p.17).

Silveira (2015, p. 64), também fez uso da definição de soleira em sua dissertação, vejamos o que ele nos diz:

Esta porta aberta faz com que esse limite seja também aberto, ele transita, ele atravessa a fronteira da soleira e se deixa contaminar com o lado oposto. Ali na soleira está o confim, conceito apresentado por Cacciari, que nos diz que “o termo parece indicar a ‘linha’ ao longo da qual dois domínios se tocam” (CACCIARI, 2015, p. 13). Essa linha de contato, essa intersecção, esse confim, esse entrelugar, é o ambiente da soleira que permite a fluidez, onde a relação entre dois ambientes, dois corpos, dois lugares, duas ideias, se estabelece. É o contato entre o outro lado, o lado oposto a esse outro lado e, conseqüentemente, o choque de ambos. O objeto é contaminado e vai se tornar contaminador. Não existe uma fronteira fixa, estanque e limítrofe. “Não são os corpos a transgredir, mas é o próprio confim que sempre transgride. (...) O confim não é transgredível, pois é transgressão” (CACCIARI, 2005, p. 18).

Em análise, a ideia central do confim é essa intersecção que se faz nas fronteiras e que vai mudando os sujeitos, ou seja, o sujeito que ao tocar o limite deixa de ser o mesmo sujeito, ele passa a ser outro, em suma, ele sempre é contaminado. Por exemplo, a cultura gaúcha, ela é uma cultura brasileira ou é uma cultura hispânica? Ela está em um entrelugar, pois a cultura gaúcha é uma cultura de fronteira, entre um território colonizado por espanhóis e um território colonizado por brasileiros, aí ela traz elementos das duas culturas, ela está contaminada. Até a língua é híbrida, criando uma identidade própria, uma assinatura.

Ainda que as fronteiras não existam, o fim é o confim, o contato com o outro, o toque, o que toca, o exato instante em que se define onde começa um e termina o outro é o momento em que eles se tocam, e que

aconteceu a contaminação. Para Cacciari, nenhum confim pode excluir o outro, pois esse está sempre em sua própria essência.

Então, justamente nesse lugar, nesse limite, que se encontram as brechas, as lacunas no texto bíblico, que o humorista Marcio Américo, na personagem do Pastor Adélio, vai se agarrar e buscar o humor. Essas brechas se dão muito nos dogmas que as religiões constroem, que não são nem teologia, nem literatura. Nesse aspecto, o humorista tenta ultrapassar as barreiras para preencher os espaços de contato.

Na personificação da personagem do Pastor Adélio, a caracterização, a performance, utilizada pela personagem para dar vida ao *Pastor mais sincero do mundo*, está no entrelugar para com o Pastor da vida real, aquele que conhecemos dos cultos e pregações, tanto na TV quanto na *Internet*. Esse entrelugar será o ponto de contaminação, momento em que ambos estarão dentro e fora ao mesmo tempo.

Um pastor personagem, fictício, mas que fala a verdade. Esse que tem todas as características de um pastor real, aquele que adentra um espaço sagrado, a Igreja, a casa do espectador/fiel, aquele que faz uso de indumentárias vistas como as mais adequadas para um ser considerado “divino”, pois fora enviado por Deus para proferir a sua palavra. Todas essas características são encontradas facilmente nos pastores da vida real. Ambos estão caracterizados dentro de um ambiente personificado, são pastores. No entanto, o pastor fictício, Pastor Adélio, aparece para uma espécie de retirada do véu da encenação daquele pastor da vida real. Os pastores são performáticos, só que eles realizam uma performance que pretendem que seja vista como verdadeira, como fidedigno. Então o Pastor Adélio desconstrói isso, diz abertamente aquilo que supostamente seria a real intenção de um pastor. Mas como ele faz isso? Ele se agarra nas brechas fornecidas pela própria Bíblia, para falar da religião e da sociedade. Para isso, faz uso de uma língua muito afiada, composta de muita ironia e de um humor satírico para escancarar uma suposta verdade. Coloca-se como um pastor, pois também fala com seus fiéis, só que em um humor sarcástico e irônico. O verdadeiro Pastor é o Adélio, pois esse não engana, seu fiel logo percebe a sua intenção, ganhar dinheiro. Então ele é um não-pastor, pois só fala a verdade.

Agora, ao analisarmos o texto bíblico utilizado pelos pastores, o real e o fictício Adélio, vamos poder observar que ambos utilizam o mesmo discurso de referência, está tudo escrito lá, na Bíblia. No entanto, a interpretação dada por cada um dos pastores é que se diferem. Muitos são os pastores da vida que mantém o texto de forma religiosa, canônica, dentro de suas visões, pregam a “palavras de Deus”, a fim de convencer os seus fiéis, em função de uma determinada intenção, ousado dizer:

ludibriar. Outrossim, é preciso colocar que nem todos os pastores são assim, poucos, mas não raros, são os que de fato levam a religião a sério, e pregam a “palavra de Deus” acreditando realmente no texto bíblico.

Já, o Pastor Adélio, embora faça exatamente as mesmas coisas que o pastor neopentecostal e pentecostal, no sentido de convencimento do fiel, ele vai fazer uma exegese do texto bíblico com a intenção de desconstruir o próprio pastor, desconstruir a própria religião, a seriedade dela. Ele usa a religião com objetivos profanos. Mas, e não é isso que muitos pastores fazem?? Usar a religião para enriquecer? Usar a fé do outro para aumentar o seu poder? Só que o pastor real não diz isso, e é aí que o Pastor Adélio se torna o *pastor mais sincero do mundo*, pois ele fala exatamente aquilo que o outro faz. Nesse caso os pastores estão em um entrelugar, pois o pastor Adélio vai “vestir a casaca” para dizer tudo aquilo que o pastor da vida real não pode, não deve e, muitas vezes, não quer dizer, e não diz! E quando o pastor Adélio fala o que o outro não diz ele sai da soleira, ele está dentro e fora ao mesmo tempo.

3.5 PASTOR ADÉLIO: *LÓ E SUAS FILHAS TARADA E DETONANDO OS URSINHOS CARINHOSOS*: ANÁLISE

O humorista Marcio Américo dá voz ao Pastor Adélio através do vídeo intitulado *Ló e suas Filhas Taradas*, postado em 2012 publicado na página do YouTube e posteriormente linkado na rede social *Facebook*, página da personagem. Aqui apresenta-se a análise desse vídeo, terceiro de maior repercussão, que está com 326.539 visualizações, no vídeo o Pastor Adélio fala da passagem bíblica de Gênesis 19, 30-38. O Segundo vídeo da análise é o intitulado *Detonando os Ursinhos Carinhosos*, publicado em 2013, que está com quase 100 mil visualizações. O foco central das análises será estabelecido pelo aspecto do risível, desenvolvido no segundo capítulo e com os conceitos estabelecidos nesse terceiro capítulo da dissertação: ironia, sátira, o paradigma e confins enquanto métodos de análises. Busca-se retratar na transcrição dos vídeos e das perícopes bíblicas a dessacralização do texto tido como sagrado, bem como a apropriação paradigmática do texto bíblico pela personagem do Pastor Adélio para transformá-lo em humor por meio das lacunas, confins e soleiras encontradas entre as passagens bíblicas e o discurso da personagem.

Américo faz uma interpretação alternativa, heterodoxa, livre. O humorista dessacraliza o texto. Nessa dessacralização, o “Pastor Adélio” apresenta o texto como uma obra não divina, mas sim humana, e que tem

uma intencionalidade, ele tenta mostrar essa intencionalidade que existe no texto, que é religiosa e ao mesmo tempo de dominação por parte de grupos religiosos. Mostra que assim como há uma interpretação que é feita pelos líderes religiosos é possível se fazer outra, coerente, lógica, só que tirando do texto a sacralidade que ele tem originalmente.

Para tal, a personagem vai utilizar técnicas humorísticas. Nesse sentido, o Pastor Adélio é o tipo de personagem *Caricatura* que são aquelas personagens que têm uma qualidade ou ideia única dilatada ao máximo, provocando o exagero de algum traço até à distorção proposital, geralmente, desencadeando uma sátira, como é o caso da personagem do Pastor Adélio – o “Pastor mais sincero do mundo”. Dessa forma, o autor, com uma crítica feroz, se dirige aos televangelistas por meio de artifícios cômicos, satíricos e irônicos.

3.5.1 Análise: Pastor Adélio: *Ló e Suas Filhas Taradas*

Figura 20 - Vídeo YouTube/ Pastor Adélio: Ló e Suas Filhas Taradas



Fonte: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=y9g-YmLsgxE>
 Acesso em: 08/01/2017

Como em todos os vídeos, o Pastor aparece em um cenário que representa um local imaculado. A personagem se dirige aos fiéis/cristãos inicialmente de forma calma e com tom de voz mediado, mas repentinamente o tom muda e os palavrões aparecem. Sempre com uma música de fundo. A personagem, em seu discurso de pregação, utiliza

elementos que despertam o caráter cômico. Por esse ângulo, a comicidade dirige-se a inteligência pura, e não à emoção, como afirma Bergson (1980). A comédia tem em comum com o drama e, a fim de distinguir-se dele, de nos impedir de levar a sério a ação e de nos preparar para rir, utiliza um meio cuja fórmula assim expressa: em vez de concentrar nossa atenção nos atos, ela a dirige mais para os gestos.

A personagem se apresenta como uma caricatura do falso profeta, que usa a força da tradição religiosa sobre a credulidade, ao mesmo tempo ingênua e ambiciosa do público, para tirar proveitos pessoais. É engraçado também o fato de ele deixar bem claro que não acredita em nada, que está enganando mesmo. Há momentos em que se dirige ao povo crédulo, e outros que se dirige aos pastores da sua igreja para ensiná-los a ludibriar e explorar com eficiência o público. A paródia aparece aí, quando ele parodia a performance de alguns pastores pentecostais e neopentecostais da vida real. Ao apresentar com nitidez a realidade vivenciada na sociedade atual, transpondo o texto bíblico, utilizando-o como um pretexto para chocar a sociedade e, ao mesmo tempo, denunciar uma realidade concreta presente em algumas igrejas pentecostais e neopentecostais ele faz uso das características do humor.

No discurso do Pastor Adélio é possível observar a presença de elementos que estão separados, dispersos, fechados em si mesmos, como por exemplo, o sagrado e o profano, o alto e o baixo, o sublime e o insignificante, a sabedoria e a tolice. Os elementos que representam o sagrado e o profano: para ilustrar, transcrevo abaixo, primeiramente, um trecho do referido texto bíblico e, paralelamente, o texto do vídeo *A verdadeira história de Ló*:

Bíblia de Jerusalém: Gênesis 19, 30-38⁸¹

30 Ló subiu de Segor e se estabeleceu na montanha com suas filhas, porque não ousava continuar em Segor. Ele se instalou numa caverna, ele e suas duas filhas. 31 A mais velha disse à mais nova: “Nosso pai é idoso e não há homens na terra que venha unir-se a nós, segundo o costume de todo o mundo. 32 Vem, façamos pai beber vinho e deitemo-nos com ele; assim suscitaremos uma descendência de nosso pai. 33 Elas fizeram seu pai beber vinho, naquela noite, e a mais velha veio

⁸¹ Bíblia de Jerusalém, Paulus, 4ª impressão, 2006. SP. p. 59 (Gênesis 19, 30-38)

deitar-se junto de seu pai, que não percebeu nem quando ela se deitou, nem quando se levantou. 34 No dia seguinte, a mais velha disse à mais nova: “Na noite passada eu dormir com o meu pai; façamo-lo beber vinho também nessa noite e vai deitar-se com ele; assim suscitaremos uma descendência de nosso pai.” 35 E elas fizeram seu pai beber vinho também naquela noite, e a menor deitou-se junto dele, que não percebeu nem quando ela se deitou, nem quando se levantou. 36 As duas filhas de Ló ficaram grávidas de seu pai. 37 A mais velha deu à luz um filho e chamou Moab; é o antepassado dos moabitas de hoje. 38 A mais nova deu também à luz um filho e o chamou Bem-Ami; é o antepassado dos Benê-Amon de hoje.

Pastor Adélio:

Agora vem a cereja da história, meu irmão. Tão lá, Ló e as duas filhinhas virgens dele, morando na caverna, uma caverninha do BNH, modestinha. Aí as filhas pensam assim: minha querida irmã, estamos só eu, você e nosso pai aqui, a nossa geração vai acabar aqui. Aí a outra teve uma ideia. Não vai não, a gente trepa com o papai e tem um filhinho dele. Olha que coisa abençoada, meu irmão, que lindo pra por nas escolas pras crianças, não é? Olá que coisa de Deus..

Percebe-se que o autor retira a imagem de Deus de sua simbologia original (o sagrado) do contexto religioso, para colocá-la na instância do profano, através da sexualidade. O Pastor Adélio dessacraliza o texto bíblico para compor a esquete virtual e alcançar o público. Nessa dessacralização, a personagem se utiliza de um novo paradigma para o texto religioso, paradigma esse que está imbuído em seu conhecimento de mundo, um mundo atual, uma sociedade atual.

Giorgio Agamben, ao mencionar Foucault, afirma que a teoria para ser validada precisa ter uma relação de poder, o poder de validação da teoria está no saber constituir conjuntos de proporções aceitáveis. Ou seja, o poder de argumentação que envolve uma nova teoria é importantíssimo para que ela sobreviva. Para o autor, uma teoria pode ser aceita no meio científico se a argumentação for coerente e aceitável. O Pastor Adélio parece ir ao encontro do que afirma Agamben, pois, no vídeo analisado,

o pastor utiliza na sua argumentação saberes já conhecidos pelo seu ouvinte/interlocutor, para traçar um paralelo com a história que está posta na Bíblia.

Com a construção de novos saberes a partir dos já existentes que o humorista Marcio Américo age como um narrador ao articular o texto histórico – texto bíblico – em um novo tempo – a atualidade – a um novo paradigma que ele começa a desvendar. O humorista busca estabelecer um fio de sentido que organiza as informações apresentadas e, nesse processo de mobilização de saberes, ele explica ao mesmo tempo em que narra.

Aproximar o ouvinte em um nível mais pessoal, mais atual, faz parte da retórica do humorista. Com isso está diminuindo a distância entre ele, na personagem do Pastor Adélio, e os seus ouvintes/interlocutor. Dessa forma, o humorista realiza um movimento de comparação entre o passado e o presente, o velho e o novo, para tornar compreensível o discurso que ele constrói, tendo este como paradigma a ser transposto, e ao fazer isso ele diminui a distância entre o estranho e o familiar com os seus ouvintes. A singularidade, que marca um paradigma, está perceptível na personagem, a partir do momento que ela o torna diferente do habitual, diferente do pastor da vida real, daquele que encontramos nos cultos.

Para Agamben, o conjunto paradigmático não está jamais pressuposto aos paradigmas, mas permanece imanente a eles. Isso quer dizer que a singularidade não é uma aberração, ela faz parte de um conjunto no qual se destaca, se torna única. Sendo assim, parece-nos que o entendimento de Agamben sobre paradigma se encaixa como método para analisar o vídeo em questão. Assim, para o pensador italiano “[...] el paradigma es un caso singular que se aísla do contexto del que forma parte sólo en la medida en que, exhibiendo su propia singularidad, vuelve inteligible un nuevo conjunto, cuya homogeneidad él mismo debe constituir” (AGAMBEN, p. 23).

A personagem do Pastor Adélio, faz uso da arte do discurso para concretizar a dessacralização do texto bíblico. Utiliza a língua de forma cômica, no entanto, para Propp a língua não é cômica somente por si só, mas porque reflete a imperfeição do raciocínio de quem fala: “a língua constitui um arsenal muito rico de instrumento de comicidade e zombaria” (PROPP, 1992, p. 119). Destaca-se os trocadilhos, os paradoxos e as tiradas, bem como algumas formas de ironia, como instrumentos linguísticos mais importantes da comicidade. Isso tudo pode ser visto na fala do Pastor Adélio ao contrapor o texto bíblico com a apropriação de sentido dada por ele, e até pela sociedade, sobre o texto

original. Como o pastor mesmo diz: “tá na Bíblia, tá escrito lá...”; “provo o que digo com a Bíblia”.

Outro recurso para o riso é a ironia, muito utilizada para exprimir o contrário do que se pensa ou sente, no entanto, embute na mensagem vestígios da real intenção do emissor, de modo que o receptor perceba. Nessa premissa, é visível a presença da ironia na pregação da personagem do Pastor Adélio como no percurso narrativo da produção do vídeo. Segundo Muecke (1995), a arte é elevada por meio da ironia, como uma forma de valorização do indivíduo, capaz de sustentar altivamente sua voz na literatura, que através da ironia não vê mais a obra como uma simples imitação, mas, sim, a vislumbra como um produto da realidade. E é nessa linha de pensamento que se insere o autor Marcio Américo ao criar a personagem do Pastor Adélio, pois tenta, por meio do esquete virtual, apontar uma degradação do texto bíblico transformando-o em um pré-texto para a sua pregação, que tem a função de chamar a atenção do seu expectador para a realidade nos programas televisivos e nos vinculados aos canais virtuais através da *internet*.

Nesse aspecto, percebe-se que há diferentes tipos de procedimentos irônicos utilizado pela personagem do Pastor Adélio, que se englobam e se comunicam, em que seu arranjo textual articula elementos linguísticos que, uma vez relacionados tendem a corroborar para sua finalidade irônica. Isso fica perceptível na “pregação” do Pastor Adélio no esquete virtual:

[...] E mandou um anjo lá pra salvar Ló, porque Ló ele não ia destruir, Ló e a família dele ia salvar porque era gente boa, decente, **tínham votado no Kassab**, não, não vou matar o Ló. [...]

[...] Vocês querem comer o cu do anjo, não façam isso, eu tenho uma proposta pra vocês, [...] fiquem com minha filha que é virgem, tá aqui minha filhinha, vem aqui [...] ficar com os meninos de Sodoma. Olha que pai amoroso, meu irmão. **Qual que era o sobrenome de Ló? Nardoni?**

[...] Onde elas acharam vinho nessa caverna? **Compraram no Zé Colmeia?**[...]

[...], ela **deu vinho ou uma maconha** pra esse velho?[...]

O uso do palavrão no discurso do pastor também tem uma função cômica, em virtude de ser uma prática interdita pelas igrejas aos fiéis, um pecado. Assim, ao empregar repetidamente os palavrões, o pastor

demonstra, e deixa clara sua posição nada religiosa, sua falta de fé e temor, que procura cinicamente impor aos fiéis. Percebe-se na “pregação” do Pastor Adélio, observando o excerto acima, uma inquietação irônica que transcende aquilo que se vivencia e o que a imaginação e inspiração criam. Contudo, por meio da apropriação do texto bíblico de forma inteligente, transformando-o em um pré-texto, o humorista Marcio Américo, na personagem do Pastor Adélio, com sua expressão altiva, cheia de desdém, provocações, sarcasmo, ironia, com um fulgor luciférico, conduz com mestria a sua arte, representando-a como uma imitação da vida.

O Pastor Adélio é um cômico-satírico e crítico dos televangelistas, os quais fazem uma leitura literal da Bíblia, desconsiderando o contexto em que foi escrita, e tomando-a com uma visão paradigmática. Um daqueles cômicos brasileiros, capaz de denunciar o burlesco, grotesco da sociedade brasileira, com uma verbosidade tumultuosa, tipicamente dos falantes do português do Brasil. Só na abertura do vídeo *A verdadeira história de Ló*, é possível verificar todo esse jogo verbal, no discurso adotado pelo pastor Adélio, uma linguagem mais próxima da língua falada, que permite fugir de uma visão de mundo condicionada que revela aspectos da vida real, dos costumes, da cultura e da história que estavam encobertas pela rigidez das palavras adotada na Bíblia. Percebe-se essa aproximação com o fiel, pela linguagem, já no início do vídeo em que o Pastor inicia:

Olá **meus irmãos**, Pastor Adélio está de volta, atendendo aos pedidos. Muito obrigada a você que tem visto a minha pregação, que tem falado bem, que tem falado mal, pra caralho, tem visto, tá muito bem **meu irmão**. E, eu venho aqui novamente, **meu irmão**, responder esse acusador do satanás que vem novamente tentando vilipendiar a pessoa do pastor Adélio, **meu irmão**. Essa pessoa vem escrevendo no blog dele inverdades a meu respeito, e eu tô aqui pra responder novamente, **meu irmão**. Dessa vez, esse filho do satanás, veio falar que eu, um servo de Deus, **meu irmão**, que as minhas pregações aqui dentro da igreja são baseadas na bíblia. Ô **meu irmão**, que mentira, **meu irmão**. Eu nunca nem li a bíblia, **meu irmão**, não gosto, não entendo nada que tem ali dentro, **meu irmão**. O único livro que eu me baseio, que eu gosto, é o livro caixa aqui da igreja, **meu irmão**. Esse é um livro

maravilhoso que eu gosto de ler. O único paraíso que tem aqui é o paraíso fiscal, que é onde eu mando meu dinheiro. Agora, vou ler bíblia pros meus clientes, **meu irmão**? Não dá, só tem coisa que não dá pra entender nada. Você quer ver um exemplo? (parte da transcrição do vídeo “a verdadeira história de Ló”).

Nessa passagem inicial, é perceptível a utilização de uma linguagem chula que foge às regras gramaticais, na tentativa de se aproximar do público. Uma aproximação que assusta o espectador. Dessa forma, Bergson versa sobre o cômico nas situações e nas palavras, afirma que “é cômica toda combinação de atos e de acontecimentos que nos dê, inserida uma na outra a ilusão da vida e a sensação nítida de arranjo mecânico” (Bergson, 1980, p. 51).

Outro mecanismo fundamental do cômico de palavras é a transposição em que “obtem-se efeito cômico transpondo para outro tom a expressão natural de uma ideia” (Bergson, 1980, p. 92). O autor faz referência também à degradação, mecanismo pelo qual uma coisa, antes respeitada, é apresentada de forma medíocre e ordinária. Infere-se aqui a própria passagem bíblica (Gênesis 19 - 20) que o humorista Marcio Américo traz na voz da personagem do Pastor Adélio.

[...] A história de Ló, meus irmãos, veja o absurdo disso. Ló era um sujeito que morava na cidade chamada Sodoma e Gomorra, é como se ele morasse ali entre a Augusta e a Frei Caneca, era viado pra todo lado, você pisava no rabo de um e o outro respondia, de tanto viado que tinha, e Ló morava ali, aí Deus pensou: Pô vou matar essa viadada toda. E mandou um anjo lá pra salvar Ló, porque Ló ele não ia destruir, Ló e a família dele ia salvar porque era gente boa, decente, tinham votado no Kassab, não, não vou matar o Ló. Aí chegou o anjo Em Sodoma, a hora que o anjo chega, meus irmão, a viadada ficou em polvorosa, ai tem bofe novo na cidade, e queria comer o anjo. Olha que absurdo, aí o que que Ló faz? Ló tem uma ideia. Olha que mensagem, meu irmão, o Ló sai na porta e fala assim pros viados de Sodoma: Viados de Sodoma, deixem o anjo em paz, ele é puro, ele assiste o programa da Eliana, ele acredita na revista Veja. É um anjo puro. Vocês querem comer cu do

anjo, não façam isso, eu tenho uma proposta pra vocês, comam minha filha que é virgem, tá aqui minha filhinha, vem aqui dar pros meninos de Sodoma. Olha que pai amoroso, meu irmão. Qual que era o sobrenome de Ló? Nardoni? Mas o anjo, nesse momento, salvou a virgencinha da filha de Ló, meu irmão.

Vejamos a baixo o texto fonte e comparemo-nos:
Bíblia de Jerusalém: Gênesis 19, 1-29⁸²

1 Ao anoitecer, quando os dois Anjos chegaram a Sodoma, Ló estava sentado à porta da cidade. Logo que os viu, Ló se levantou ao seu encontro e prostrou-se com a face por terra. 2 E disse: “Eu vos peço, meus senhores! Descei à casa de vosso servo para aí passardes a noite e lavar-vos os pés; de manhã retornareis vosso caminho”. Mas eles responderam: “Não, nós passaremos a noite em praça.”³ Tanto os instou que foram para sua casa e entraram. Preparou-lhes uma refeição, fez cozer pães ázimos, eles comeram. 4 Eles não tinham ainda deitado quando a casa foi cercada pelos homens da cidade, os homens de Sodoma, desde os jovens até os velhos, todo o povo sem exceção. 5 Chamaram Ló e lhe disseram: “Onde estão os homens que vieram para a tua casa esta noite? Traze-os para que deles abusemos.” 6 Ló saiu à porta e, fechando-a atrás de si, 7 disse-lhes: “Suplico-vos, meus irmãos, não façais o mal! 8 Ouvi: **tenho duas filhas que ainda são virgens; eu vo-las trarei: fazei-lhes o que bem vos parecer, mas a estes homens nada façais, porque entraram sob a sombra de meu teto.**” (Grifo meu)

Essa degradação está presente como, por exemplo, na apropriação do texto bíblico realizada pelo humorista, na personagem do Pastor Adélio, demonstrada no excerto acima. Deve-se, pois, também atentar para a instrumentalização do texto, o qual opera em um nível de mesclagem entre o que se entende por satírico, cômico e humor, esse em

⁸² Bíblia de Jerusalém, Paulus, 4ª impressão, 2006. SP p. 57-58 (Gênesis 19, 1-29)

um sentido mais abrangente, para preencher as lacunas encontradas no texto bíblico, e assim construir uma personagem, o pastor.

Bergson (1980) aponta cinco formas de degradação, a saber: o exagero prolongado; a transposição, que se aplica ao valor das coisas; a comparação extrema, a oposição entre o real e o ideal, e a ironia. Portanto, é possível dizer que o cômico e o riso são para o crítico, respectivamente, a representação da falha dos valores positivos e sua sanção funcional que restabelece a ordem da vida e da sociedade. Nesse aspecto é que se insere a personagem do Pastor Adélio, pois, embora de forma agressiva, o pastor procura mostrar a seu público por meio do humor e da dessacralização do texto bíblico o que pode estar por traz do discurso dos evangelizadores da sociedade atual.

Comparando os excertos acima transcritos, o Pastor Adélio em contraponto com o texto bíblico, nos apresenta um confronto entre o humor e o cristianismo, esse confronto se dá na lacuna encontrada pelo pastor que está justamente no texto original. O texto original não explica, já não dá mais conta de expor o que de fato aconteceu. O humorista apropria-se do texto original, apresentando como anomalia essa “brecha”. Assim, no âmbito do desenvolvimento de um paradigma, a anomalia aparece como condição, como um fenômeno que evoca crises, que prepara o caminho para a busca de uma nova teoria que possa atender aos problemas, as necessidades postas em questão. É justamente nessas brechas que o Pastor Adélio vai se apegar para colocar em evidência uma gama de dúvidas sobre o próprio texto sagrado, ao observarmos as transcrições, acima, tanto perícopes bíblicas quanto do vídeo percebe-se a brecha deixada: Ló oferece a virgindade da filha (das filhas) aos homens de Gomorra em troca de proteção aos anjos. Transpondo para a vida real, seria possível um pai oferecer a virgindade de sua filha para “salvar” um homem? Talvez para a época em que o Velho Testamento tenha sido escrito isso fosse possível, mas nos paradigmas vigentes de família e religião isso não seria possível, nem aceitável. Então, essa lacuna encontrada é justamente o espaço da soleira descrito por Cacciari (2005, p. 14) em que diz: “Através da soleira somos acolhidos ou eliminados”. Nesse sentido, ao transitar entre essa lacuna, o pastor atravessa a fronteira, o limem, e se contamina com o lado oposto. E é justamente na soleira que se encontra o confim, em que segundo Cacciari (2005) seria o local onde dois domínios, duas ideias, convivem em um entrelugar, onde é possível a percepção das brechas. O Pastor Adélio provoca a transgressão ao colocar seu discurso lado a lado com o texto bíblico e conseqüentemente provocar o choque entre ambos. Podemos identificar outra fissura na história de Ló:

[...] Aí Deus, sempre Deus com as pegadinhas dele, Deus falou pra Ló: Vocês vão sair, meus irmãos? Mas vocês não olhem pra trás. Meu irmão, ia cair fogo do céu, meu irmão, eu olharia pra trás, eu paro pra ver briga de cachorro, meu irmão. Eu não vou parar pra ver fogo descendo do céu? Eu olho. Aí Deus, ...a mulher de Ló olha pra trás, meu irmão. Lógico, caindo fogo do céu. Ele vai e transforma a mulher numa estátua de sal, meu irmão. Olha o desperdício. Resultado: tá lá o Ló viúvo, as filhas órfãs, e toca, vai embora, vai morar aonde o Ló, perdido, perdeu a cidade por causa dos viados. Só por causa disso? Daqui a pouco vai querer o quê? Destruir o Rio de Janeiro? Aí Ló foi morar numa caverna com as duas filhas, meu irmão. Agora vem a cereja da história, meu irmão. Tão lá, Ló e as duas filhinhas virgens dele, morando na caverna, uma caverninha do BNH, modestinha. Aí as filhas pensam assim: minha querida irmã, estamos só eu, você e nosso pai aqui, a nossa geração vai acabar aqui. Aí a outra teve uma ideia. Não vai não, a gente trepa com o papai e tem um filhinho dele. Olha que coisa abençoada, meu irmão, que lindo pra por nas escolas pras crianças, não é? Olá que coisa de Deus. Aí ela falou assim: mas papai não vai querer comer a gente. Mas a gente dá um porre nele. Aí pegaram e deram vinho pro pai beber. Onde elas acharam vinho nessa caverna? Compraram no Zé Colmeia? Deram o vinho pro pai e a primeira foi lá e transou com o pai mesmo, e diz o relato lá que no outro dia Ló não lembrava de nada. Porra, ela deu vinho ou uma maconha pra esse velho? ...caralho...que não lembrava. Aí no outro dia a segunda falou assim: eu vou dar pro papai também, porque vai que você não engravida. Aí a segunda foi lá, vinho no velho. Porra, o velho já devia se lembrar, noite passada elas me deram vinho e eu acordei pelado e melado.

Passagem bíblica original:

23 Quando o sol se erguia sobre a terra e Ló entrou em Segor, 24 Iahweh fez chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindos de Iahweh, 25 e destruiu essas cidades e toda a Planície, com todos

os habitantes da cidade e a vegetação do solo. 26 Ora, a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal.⁸³

*A origem dos moabitas e dos amonitas*⁸⁴:

30 Ló subiu de Segor e se estabeleceu na montanha com suas duas filhas, porque não ousava continuar em Segor. Ele se instalou numa caverna, ele e suas duas filhas. 31 A mais velha disse à mais nova: “Nosso pai é idoso e não há homem na terra que venha unir-se a nós, segundo o costume de todo o mundo. 32 Vem, façamos nosso pai beber vinho e deitamo-nos com ele; assim suscitaremos uma descendência de nosso pais. 33 Elas fizeram seu pai beber vinho, naquela noite, e a mais velha veio deitar-se junto de seu pai, que não percebeu nem quando ela se deitou, nem quando se levantou. 34 No dia seguinte, a mais velha disse à mais nova: “Na noite passada eu dormir com meu pai; façamo-lo beber vinho também nesta noite e vai deitar-se com ele; assim suscitaremos uma descendência de nosso pai.” 35 Elas fizeram seu pai beber vinho também naquela noite, e a menor deitou-se junto dele, que não percebeu nem quando ela se deitou, nem quando se levantou. 36 As duas filhas de Ló ficaram grávidas de seu pai. 37 A mais velha deu à luz um filho e o chamou de Moab; é o antepassado dos moabitas de hoje. 38 A mais nova deu também à luz um filho e chamou Bem-Ami; é o antepassado de Benê-Amon de hoje.

No contexto das citações, percebe-se o preenchimento da brecha enquanto método, na transcrição do vídeo do Pastor Adélio, citado acima, onde ele coloca uma série de dúvidas e questionamentos, que nada mais são de lacunas, brechas, as quais são preenchidas com o uso do humor, mas não um humor qualquer, um humor satírico e irônico com a intenção de provocar o choque e despertar riso: o fato de Ló ter sido advertido para não olhar para trás, assim como sua família, mas a mulher de Ló cai em tentação e olha para trás e acaba virando uma estátua de sal; é colocado em cheque como pode uma pessoa virar sal? Isso não é possível, cientificamente não é possível alguém virar uma estátua de sal. Como conseguir não olhar para trás diante do que estava acontecendo? Quem

⁸³ Bíblia de Jerusalém, Paulus, 4ª impressão, 2006. SP p58 (Gênesis 19, 23-26)

⁸⁴ Idem p58-59 (Gênesis 19, 30 – 38)

não olharia? Outra situação é o fato das filhas terem embebedado o pai e dormido com ele a ponto de engravidarem, que filha faria isso? No contexto atual seria improvável! Como embebedaram o pai, vinho da onde, como havia vinho na montanha?? A história não deixa claro como conseguiram vinho. Também, como o pai não lembra-se de ter deitado com as filhas. Nessa lógica, os questionamentos vão preenchendo os espaços, as brechas deixadas pelo texto bíblico

Considera-se a acepção de Thomas Kuhn (1990), que a descoberta científica tem início no momento da consciência da anomalia que permite o reconhecimento de que o paradigma vigente não dá conta, não atende mais as necessidades específicas de explicitar, de dar explicações acerca de uma série de questões, tanto de ordem teóricas, como metodológicas. Assim, é possível identificar tanto no texto bíblico quanto no discurso do Pastor Adélio um espaço de dúvida, do não dito. O texto bíblico deixa espaço para a personagem do Pastor Adélio criar seu discurso acompanhado de humor, justamente pelo contato entre a perícopes bíblica com o discurso do pastor, que faz com que o confim, a soleira, o limem se choquem. Sendo assim, o contato entre o cristianismo e o humor abre uma lacuna carregada de questionamentos que, para o fiel-cristão, só é preenchido pela crença, pela fé, já para o Pastor Adélio é preenchido com humor, ironia e sátira.

Isso posto, cabe destacar mais alguns recursos utilizados pelas comédias que é a repetição. Repetir, ao que parece, leva o público às gargalhadas. No caso do vídeo *A verdadeira história de Ló* esta técnica aparece de forma criativa e inesperada. No campo da linguagem, um dos exemplos mais pertinentes disso na fala do Pastor Adélio é a repetição da expressão “meu irmão” (35 vezes)⁸⁵, uma gíria característica do carioca, que também faz parte dos jargões dos pastores neopentecostais e pentecostais. Outra expressão utilizada pela personagem do Pastor Adélio é “tô putô” ou “tô muito putô”, é esta expressão que praticamente abre todos os vídeos do Pastor Adélio publicado na esquete virtual (são mais de 50). Nesse sentido, atenta-se aqui para o que diz Bergson (1980) que a repetição acontece quando o mesmo fato se repete em diferentes momentos ou situações. Com o uso insistente das mesmas palavras ou a repetição de frases feitas estereotipadas e reprimidas torna-se apropriada para a criação de uma personagem parodiada e risível. Assim, o humorista Marcio Américo o faz, dessacralizando o texto considerado sagrado,

⁸⁵ A “expressão “meu irmão” aparece 35 vezes no vídeo “A verdadeira história de Ló” que tem 6’07.

bíblico, pela inserção de palavras chulas e que, muitas vezes, chegam a ofender o expectador.

3.5.2 Análise: Pastor Adélio: *Detonando os Ursinhos Carinhosos*

Figura 21 - Vídeo YouTube/ Detonando os Ursinhos Carinhosos



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9FJH4bOAK6c&index=1&list=RD9FJH4bOAK6c>. Acessado em 18/ 08/2015

No vídeo *Detonando os Ursinhos Carinhosos* o pastor Adélio direciona seu discurso aos fiéis, como em todos os vídeos, nele fala que está sendo julgado como uma pessoa insensível. No entanto, ele fica indignado com a acusação e diz:

[...]Meus irmãos, quero dizer a você que eu gostaria muito de ser uma pessoa insensível, ajudaria nos meus negócios, mas ainda não sou. Pra ser uma pessoa insensível mesmo eu precisaria acreditar em Deus e neste livro, a Bíblia.

A expressão de dúvida no discurso do Pastor é uma tentativa de inquietar o seu fiel e fazê-lo pensar nas condições e nas possibilidades de se acreditar ou não na Bíblia. A criação da dúvida na fala do Pastor nos traz elementos irônicos e satíricos. A sátira é irônica com relação à forma como o cristianismo roga para si a pretensão de deter a verdade religiosa com a Bíblia. A ironia fica clara quando a personagem admite não acreditar na Bíblia.

No contexto da citação acima, observa-se o que Bakhtin chamou de polêmica velada:

[...] na polêmica velada, o discurso do autor está orientado para o seu objeto, como qualquer outro discurso; neste caso, porém, qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto. Orientado para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro. (BAKHTIN, 1987, p. 169)

Como podemos notar na polêmica velada tem-se o ataque ao discurso e à afirmação do outro, como controvérsia violenta que caracteriza tal noção. É justamente o que a personagem do Pastor Adélio procura fazer, ao se posicionar ironicamente sobre a veracidade do que está escrito na Bíblia, contraponto o discurso da personagem, no caso aqui, com o da religião. Pode-se dizer que a polêmica no discurso do Pastor Adélio se sustenta nas lacunas deixadas pela Bíblia que oferecem as possibilidades de novas interpretações de acordo o paradigma bíblico vigente, esse que pode deixar de responder aos questionamentos apontados, suscitando assim novas interpretações.

Podemos identificar na personagem uma função revolucionária de dessacralização que se dá pelo rebaixamento dos antigos valores (MINOIS, 2003, p. 447). Ela baseia-se na divergência entre as normas de dois modos sociais de vida, historicamente determinados: daqueles que acreditam na religião e na Bíblia como representação de credo e daqueles que se dizem ateus, os ciberateísta, por exemplo, o humorista Marcio Américo, criador da personagem do Pastor Adélio. Podemos, nesse sentido, identificar no discurso da personagem uma prática ofensiva agressiva e contestadora.

[...] Pois essas Rello Kity de Cristo, meu irmão, se convencidas, elas deixarão o filho morrer e não darão uma transfusão de sangue. [...] Quer ver? Quando houve no Brasil o Massacre da Candelária, no Rio de Janeiro, onde oito crianças foram, friamente, covardemente, assassinaadas por policiais militares, os cristãos sensíveis, esses ursinhos carinhosos de Jesus, ficaram sensibilizados, mas se um massacre idêntico a esse ocorre na Bíblia, aí eles não só aceitam, como justificam e até fazem musiquinha.

Tomando a citação acima, o Pastor Adélio faz um questionamento acerca do que a sociedade aceita sem contestação e o que condena, como por exemplo: Quando ele fala sobre a transfusão de sangue que algumas pessoas não permitem, ele faz a inferência às testemunhas de Jeová, cuja doutrina não permite a transfusão de sangue, assim ele questiona, e aponta a brecha nos dogmas. O mesmo acontece quando ele fala da Chacina da Candelária, que ocorreu no dia 23 de julho de 1993, na qual foram mortos oito jovens – seis deles, menores de 18 anos. Quatro foram mortos a tiros, na escadaria da igreja. O Pastor Adélio vai fazer um paralelo com o que ele chamou de massacre na Bíblia, a história de Eliseu em II Reis, no *Velho Testamento* (II Reis: 2, 23-25)⁸⁶:

23. De lá subiu a Betel; ao subir pelo caminho, uns rapazinhos que saíram da cidade zombaram dele, dizendo: “Sobe, careca! Sobe, careca! 24. Eliseu virou-se, olhou para eles e os amaldiçoou e nome de Iahweh. Então saíram do bosque duas ursos e despedaçaram quarenta e dois deles. 25. Dali foi para o monte Carmelo e depois voltou para Samaria.

Nesse sentido, a personagem questiona o compadecimento dos “religiosos” com a Chacina da Candelária, mas não com o que aconteceu com as crianças, jovens, que ousaram em enxovalhar com Eliseu, o que lhes causou a morte provocada por Deus. O que se percebe nos discursos proferidos pela personagem do Pastor Adélio é a forma como se dá a interpretação, do saber ler e compreender diferentes formas de pensar o texto bíblico, que é tão complexo. E é justamente por ser um conjunto de

⁸⁶ Bíblia de Jerusalém, Paulus, 4ª impressão, 2006. p. 509. (II Reis: 2, 23-25)

textos entrelaçados, alguns leitores vão além do que está escrito e criam suas próprias interpretações, de acordo com o que lhes convém. O Pastor Adélio afirma em seu vídeo *Detonando os Ursinhos Carinhos*:

Não fica muito claro, meu irmão, porque é que os moleques não correram, porque eram só duas ursas e 42 moleques. Talvez eles tenham esperado em fila indiana ou tenham tirado senha, ou 41, 42 é você, não é você, vou te comer.⁸⁷

O Pastor Adélio, no vídeo os ursinhos carinhosos, constitui a ironia e o humor no discurso por meio do exagero da interpretação do texto bíblico, deixando caminhos para contradições e novas interpretações. O *nonsense* das interpretações é que preenchem a brecha da crítica a algumas doutrinas que se utilizam do texto bíblico como forma de catequização, controle e enriquecimento ilícito. Assim, o exagero nos remete ao estereótipo de pastores pentecostais e neopentecostais de programas televisivos e aos que possuem suas igrejas.

No âmbito das citações acima, tanto na perícope bíblica quanto no vídeo percebe-se a brecha deixada, “como pode duas ursas matarem 42 crianças/adolescentes? Por que esperaram para ser mortos? Por que não correram, o que lhes impediu? Esses questionamentos desnudam as brechas, fazendo com que o confim, a soleira, o lime, se encontrem, se toquem, e assim se preencha de forma humorística, irônica, muitas vezes, satírica, permitindo uma criação performática de *um pastor que só fala a verdade*, o Pastor Adélio. Sendo assim, identificou-se que com o contato entre o cristianismo e o humor tem-se uma lacuna aberta, carregada de questionamentos que, para o fiel-cristão, só é preenchido pela crença, pela fé, já para o Pastor Adélio é preenchido com humor, ironia e sátira.

Marcio Américo, com o seu estilo irreverente, manipula o discurso, creditado à Bíblia, para subverter o texto. É nessa subversão que o humorista cria um paradigma para o texto bíblico, dessacralizando-o, para preencher as brechas deixadas. É uma construção em que a linguagem opera muitas vezes de forma dupla, em recontar do texto original para, a partir desse texto, construir seu objeto de discurso. Assim, é nessa construção que o humorista recorre ao seu conhecimento sociocultural acerca do objeto (que não muda) a ser referenciado, assim como o conhecimento de seu ouvinte/interlocutor sobre o assunto.

⁸⁷ Fragmento da transcrição do vídeo: Pastor Adélio – Os Ursinho Carinhoso

É importante dizer que os recursos utilizados pelo autor foram usados de forma proposital, pois o que todo comediante quer é chamar a atenção de seu público e Marcio Américo o faz por meio de vários artifícios, e a personagem do Pastor Adélio é um deles. Entretanto, cabe ressaltar que nem todos os pastores televangelistas são da forma que o autor descreve, muitos são comprometidos com o discurso bíblico e não fazem desse discurso um meio ilícito para obter lucros e tão pouco brincar com a fé dos cristãos. Assim, há que se destacar uma série de processos legais que o humorista vem respondendo, muitos deles por questões que supostamente ferirem a crença de determinados grupos religiosos. No entanto, segundo Marcio Américo, esses processos fazem parte da carreira do Pastor Adélio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quem ri é seguro de si, tem
autoconfiança, não atribui seus
fracassos nem a Deus nem
ao Diabo. Quem ri assusta
porque toma sua vida e seu
destino nas suas mãos.
Quem ri não tem medo.*

Salma Ferraz

Se o início do trabalho foi uma tarefa difícil, finalizá-lo não é diferente. Chegar ao término de mais uma etapa não está sendo tarefa fácil, as dificuldades de conciliar a labuta diária à vida acadêmica não foram nada agradáveis, passei por todo o mestrado em estágio probatório, trabalhando com moradores de rua na assistência social - embora eu tenha formação em Letras -, uma labuta estressante e na maioria das vezes perigosa. Vivenciei um golpe parlamentar no Brasil, e agora presente em uma greve de mais de 30 dias no município de Florianópolis, por um desmande ditatorial promovido pelo recém-eleito prefeito de Florianópolis, o pmdebista Gean Loureiro. Uma desvalorização sem precedentes para com o trabalhador está em voga no Brasil. Um verdadeiro desmonte da educação pública, e eu ainda assim tinha que encontrar forças e concentração para escrever a minha dissertação.

Feitas tais ponderações, parafraseando a abertura dessa dissertação, posso afirmar que, se todo o início tem uma história, todo o fim também tem sua história. Pontuada pela adversidade, a história dessa conclusão concretiza-se agora nas confirmações e nas reflexões sobre a pesquisa aqui apresentada. Como dito na introdução e explicado no início do segundo capítulo da dissertação, o que me propus fazer não foi a análise da paródia da performance dos pastores neopentecostais e pentecostais que o humorista apresenta por meio da criação da personagem do Pastor Adélio. Nessa pesquisa o objetivo é entender como o humorista constrói a comicidade do Pastor, identificar as lacunas deixadas no texto bíblico que a personagem do Pastor Adélio se apegava para a criação das esquetes virtuais, para o desencadeamento de um humor satírico-irônico. E acredito que tenha alcançado o objetivo.

Para chegar ao fim, o caminho percorrido foi longo, no capítulo I intitulado Ciberateísmo, tratou-se de apresentar o objeto de pesquisa, a personagem do Pastor Adélio, conceituando-o como um ciberateista. Ao

longo do Capítulo I apresentou-se sucintamente a definição de Internet, Ciberespaço, Ciberteologia Ateísmo e Neoteísmo, para chegar a definição de Ciberateísta. Esse Capítulo I foi concluído com a clareza de que o objetivo fora alcançado, pois era necessário localizar o leitor, apontando o objeto de análise, suas intenções, onde e como os discursos da personagem do Pastor Adélio estavam inseridas, que é no “mundo” virtual.

A postura discursiva da personagem Pastor Adélio nos levava a acreditar que o humorista Marcio Américo era um ateu. A confirmação se deu por meio de uma entrevista realizada por e-mail e pelas postagens feitas nas páginas da internet, em que o humorista se declara ateu e concomitantemente a personagem também. Nesse sentido, a personagem do Pastor Adélio vive nos meios tecnológicos, pregando e difundindo seus questionamentos acerca dos dogmas religiosos. Estando sempre no limite do sagrado e do profano. O ambiente virtual também utilizado pelas religiões fora discutido sob o olhar do Padre Antonio Spadaro, o qual afirma que a Igreja Católica precisa se fazer presente nesses espaços, pois é preciso utilizá-los para continuar conquistando fiéis e difundindo a fé.

Nesse interim, o Pastor Adélio, assim como outros comediantes que fazem uso das redes sociais, da internet como um todo, para difundir seus personagens, dentro de uma temática cristã, são considerados nessa pesquisa como ciberateístas: O ateu do meio digital. O ateu que vai fazer humor utilizando passagens bíblicas, utilizando o sagrado, para contrapor com os questionamentos atuais, o profano, para assim dessacralizar o texto e se apropriar de um discurso contestador.

Falar do Riso e do Humor foi o objetivo do Capítulo II da dissertação, nele tratou-se desses fenômenos. Com o auxílio de autores como Propp (1992) que afirma, para estudar o humor é preciso dar atenção a cada uma de suas especificidades. O que a personagem deseja explicitar é que uma situação humorística não é apenas o contrário de uma situação trágica ou dramática, isto é, o riso. De acordo com o estudioso, “diante de qualquer fato ou caso que suscite o riso, o pesquisador deve, a cada vez, colocar a questão do caráter específico do fenômeno em exame” (PROPP, 1992, p. 19). Nesse aspecto, o esforço analítico depreendido nesse capítulo foi para, entre os outros objetivos, identificar a forma de humor utilizada pela personagem do Pastor Adélio, no que diz respeito aos vídeos de temática cristã, os quais o pastor se utiliza das brechas encontradas nas perícopes bíblicas para desencadear o humor.

Recentemente, em palestra proferida no II Simpósio Internacional da Associação Brasileira de História das religiões – ABHR, ocorrido na Universidade Federal de Santa Catarina em 2016, o professor Antonio

Magalhães nos brindou com suas ponderações acerca do humor na Bíblia. Magalhães nos faz alguns questionamentos: Por que há ausência do humor - não nos textos literários e religiosos e na tradição religiosa - nos estudos no âmbito mais teórico? A história da ausência do riso, da alegria, da loucura, do humor na própria teoria. O próprio autor trata de elucidar esses questionamentos ao dizer que no âmbito teológico um dos motivos centrais é que o estudo da teologia se ocupou do aspecto doutrinário, o que interessava à teologia, antes de tudo, era a confirmação de certas verdades, e verdades sempre encaradas como modelos de ação, modelos de crença e marcadas por uma sisudez muito grande com relação à crença em Deus. A teologia, de certa forma, padeceu de uma sujeição a ela de se doutrinar nos estudos.

Então o Riso e o humor foram encarados não somente como secundários, às vezes como aliteração, como impedimento, algo que dificultava a compreensão do que seria o conteúdo correto da doutrina que deveria controlar as crenças e as práticas. O porquê da ausência do riso e do humor é uma questão muito recorrente nos estudos. Segundo Magalhães, a história da teologia também é a história das heresias daquilo que foi a contravenção e na contravenção você encontra aí sim o chiste, o riso, a depreciação, o sarcasmo, a alteridade, as outras formas de fazer e de desfazer estão baseadas no confronto daquilo que foi considerado o correto, o doutrinário.

Para o pesquisador, os textos guardavam consigo um fundo de várias notas de escárnio, sarcasmo e do riso, porque de certa forma “o humor é rir apesar de”. O humor existe porque a coisa é séria, não existiria humor se o mundo fosse engraçado. Então, o humor é de certa forma uma resistência e uma imaginação, uma criatividade e um confronto. Ainda segundo o pesquisador, o humor não é alegria, mas tem na alegria uma de suas bases mais importantes, quer dizer, de onde vem a nossa capacidade de humor dentro da tradição bíblica, tradição dogmática do judaísmo, no cristianismo vem também da possibilidade de sermos gratificados por aquilo que não temos, o humor de certa forma é dizer aquilo que não é,

[..] aquilo que não existiria, então o humor é escatológico. Ele anuncia as vezes sombras em desertos tórridos. O humor apesar de, mas é baseado em certa forma de.

Exemplo: como seria se começássemos a contar assim “sabe dessa?” “deixa eu te contar uma”....

Tem que ter humor para criar o humano, e tem que ter o humor pra criar o humano que é assim, é pra

ser servo, mas é para ser livre, é para ser obediente, mas dever ser autônomo, é para nascer no paraíso e saber que será expulso dele, é ser finito e crer em um Deus infinito, quer dizer... “deixa eu te contar uma... eu vou criar o humano, é sério!” (MAGALHÃES, 2016, transcrição livre)

Magalhães considera que precisamos reler as histórias das proibições pois aí estão os nossos desejos. Quando tem a proibição do riso é porque tem o riso, quando o humor é proibido é porque tem uma prática, nesse sentido, segundo o pesquisador, o judaísmo lidou com isso de uma forma mais tranquila do que o cristianismo, o cristianismo levou excessivamente a sério, exatamente, a sisudez e a proibição, e talvez o judaísmo tenha levado mais a sério o desejo, o riso, o humor como possibilidade, não somente, de um *não*, nas formas que nos relacionamos com a própria divindade e nas heranças entorno da palavra.

“O romance moderno tem no herói decadente uma das suas principais características”, para Magalhães “o herói decadente é uma construção bíblica, os heróis bíblicos são decadentes, é interessante ler esses heróis bíblicos a partir de uma perspectiva da decadência, do humor, do riso sobre eles mesmos.” (MAGALHÃES, 2016, transcrição livre)

Acredito, pois, que tenha sido justamente com esse olhar paradigmático em relação ao texto bíblico que a personificação da personagem do Pastor Adélio se constituiu. O humorista brasileiro se vale de uma interpretação, nada ortodoxa dos textos sagrados, e por meio de uma interpretação de mundo, seu olhar no novo e na procura do preenchimento das lacunas, brechas, deixadas pela religião, onde aborda questões sócio-políticas-religiosas em sua performance pastoral constrói a personagem do Pastor que supostamente só fala a verdade.

Visto que o gênero humorístico na internet sofre constantemente, dos mais diversos meios, influências, o ponto chave para a análise das produções centrou-se no último capítulo da dissertação com o conceito de sátira, e ironia por acreditar que esses são os recursos literários mais presentes no discurso da personagem do Pastor Adélio presentes nas esquetes virtuais difundidas na Internet, e responsáveis por provocar o riso desde a antiguidade clássica. O método de análise se deu a partir do entendimento dos conceitos de paradigma desenvolvidos por Giorgio

Agamben, bem como os conceitos de limem, e confim de Massimo Cacciari utilizados para identificar a lacuna deixada pelo texto bíblico. No entanto, foi preciso entender que o paradigma do texto sagrado já não dá mais conta de preencher todos os questionamentos, deixando-os no não dito. Encontra-se aí o confim, o entrelugar que o Pastor Adélio vai se inserir, pois ele nos apresenta por meio dos questionamentos outras possibilidades para o texto dito sagrado. Sendo assim, ele vai nos dar novos paradigmas para o fato abordado e esse novo paradigma na visão religiosa é o profano.

A singularidade que marca um paradigma está perceptível na personagem do Pastor Adélio a partir do momento que ele torna o discurso do Pastor diferente do habitual, diferente do pastor da vida real, daquele que encontramos nos cultos. Para Agamben, “o paradigma é um caso singular que se isola do contexto do qual faz parte, exibindo a sua própria singularidade, para assim tornar-se possível um novo conjunto cuja a homogeneidade deve ser ele próprio” (AGAMBEN, p. 23, tradução livre).

O formato dos vídeos de humor satírico e irônico do Pastor Adélio se caracteriza, principalmente, pela provocação da dúvida e de constantes questionamentos. Também faz parte desse formato a constante ridicularização do discurso de pastores pentecostais e neopentecostais deixando expostas as relações de uso da religião, dos dogmas religiosos em função de interesses pessoais, financeiros e políticos. E isso fica claro na paródia da personificação da personagem do Pastor Adélio que vai dialogar com o seu público, prometendo nunca mentir, sempre falar só a verdade!

Por fim, acreditamos que a comicidade, o riso, o humor satírico-irônico está presente no discurso da personagem do Pastor Adélio, mas para se conseguir enxergá-las é preciso se despir dos dogmas. Por conseguinte, acredita-se que a pesquisa aqui apresentada consegue cumprir com o seu objetivo de identificar a brecha deixada pelo texto bíblico, as quais o Pastor Adélio preenche com seus questionamentos de acordo com novos paradigmas para suscitar o humor, e se aproximar da discussão contemporânea em torno de questões e práticas religiosas polêmicas promovidas pelo humor no meio tecnológico.

REFERÊNCIAS

- ADABIA, José P. T. *A Bíblia Como Literatura*. São Paulo: Vozes, 1999.
- AGAMBEN, Giorgio. *Signatura rerum: Sobre el método*. Trad. Flavia Costa y Mercedes Ruvituso. Editorial Anagrama, S.A., Barcelona, 2010.
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1967.
- AGUIAR, Flávio. *Sob o olhar da crítica literária*. In: Revista EntreLivros [A Bíblia muito além da fé], série Biblioteca, Ano I, Nº 2. São Paulo: Ediouro e Segmento-Duetto, dez. 2005, p. 60-67.
- ALAVARCE, Camila da Silva. *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/5dcq3/pdf/alavarce-9788579830259.pdf>. Acesso em 05/12/2016
- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999.
- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia Literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1997.
- ARAGÃO, M. L. P. de. *A paródia em A força do destino*. Revista Tempo Brasileiro (Rio de Janeiro), n.62, p.18-28, jul.-set. 1980.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A Poética Clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. *O prazer da leitura*. Comunicação apresentada no terceiro encontro do projeto Paiol Literário, em 17 de agosto de 2006, na cidade de Curitiba (PR). Assunção. São Paulo: Unesp, 2033.
- AUERBACH Erich. *Figura*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. Erich. *Mimesis: A Cicatriz de Ulisses*. In: Mimesis: A representação da realidade na Literatura Ocidental. Trad. George Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- AZEVEDO, Neilton Santos. *O fenômeno religioso na pós-modernidade*, jul. 2008. Disponível em: <http://religare.blogs.sapo.pt/35170.html>. 24/06/2008 Acesso em: 10/02/2017.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

- _____. *Questões de literatura e de estética* (a teoria do romance) São Paulo: Editora UNESP/Hucitec, 1998.
- _____. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/ UNB, 1996.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- _____. *Ensaio Críticos*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.
- _____. *O Prazer do Texto*. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1973.
- _____. *Rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português, 4ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2006.
- BLOOM, Harold. *Abaixo as verdades Sagradas – Poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias*. Trad. Alípio Correa de Franca Neto e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- BLOOM, Harold. *Leio, logo existo*. In: Revista Veja. São Paulo: Abril, ano 34, 31/01/2001, p. 11-15.
- BLUME, Jaime; FRANKEN, Clemens. *La crítica literaria del siglo XX: 50 modelos y su aplicación*. Santiago: Ediciones Universidad Católica, 2006.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Unicamp, 1996.
- BULTMANN, Rudolf. Trad. Walter Altmann. *Demitologização*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- CACCIARI, Massimo. *Nome de Lugares: Confim*. Revista de Letras – UNESP. V. 45, N.1 – 2005. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/56/48>. Acessado em: 04/04/2015
- CASTRO, E. *Introdução a Giorgio Agamben*. Belo Horizonte. Autêntica. 2012.
- D'ANGELLI, Concetta & PADUANO, Guido. *O Cômico*. Trad. Caetano Waldrigues Galindo. Curitiba: Editora da UFPR, 2007.
- DELUMEAU, Jean. *O pecado e o Medo – A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)* Trad. Álvaro Lorencini. Bauru: Edusc, 2003, Vol. I e II
- DERRIDA, Jacques. *Paixões*. Campinas: Papyrus, 1995.
- DIETRICH, Luiz José. *A formação do Antigo Testamento*. Facasc, 2013.

- DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e Humor na Literatura*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2006.
- ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago*. Juiz de Fora: Editora da UFJF; Blumenau: Editora da FURB, 2003.
- _____. (Org.). *Madalena: a Mulher que Amou o Amor* (Textos Críticos). Florianópolis: NUTEL, 2007.
- _____. *Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- _____. *O Quinto Evangelhista: O (Des)Evangelho Segundo José Saramago*. Brasília: UnB, 1999.
- _____. *Os estudos literários sobre Deus*. In: DC Cultura. Florianópolis: Jornal Diário Catarinense, 27 set. 2003, p. 7.
- _____. *É certo que riste: Humor no cristianismo*. Escritos Luciféricos. Blumenau, p. 121-146. Edifurb, 2014.
- FERRAZ, S. LEOPOLDO, R.N.(Orgs). *Escritos Luciféricos*. Segunda Parte: 6. *É certo que riste: humor no Cristianismo*. Blumenau: Edifurb, 2014.
- FERREIRA, Kátia Marlowa Bianchi. *A Dupla Face da Cultura Popular de Paineis: os cantares do risível e a crônica do cotidiano*. Dissertação, UFSC/2001. Disponível em <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/79779> Acessado em: 16/12/2015.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. Trad. Tuca Magalhães. São Paulo: Cia. Galfa, 2003.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Editora Globo: Porto Alegre, 1969.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9ª ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANCO, Clarissa De. *O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum*. 2014. 233f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. Trad. Péricles E. da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.
- FRYE, Northrop. *Código dos Códigos – A Bíblia e a Literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004
- GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. *A Bíblia como Literatura*. Trad. Adail Sobral e Maria Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

- GALINDO, Daniel. *O consumo da religião como entretenimento: quem abriu a caixa de Pandora?* Anais do VIII Eclesiocom. Volume 2, Número 1. São Bernardo: UMESP, 2013.
- GALINDO, Daniel. *O marketing da fé e a fé no marketing*. Estudos de Religião, v. 23, n. 36, jan./jun. 2009, p. 14-34.
- GREENBERG, Gary. *101 Mitos de la Bíblia. Como crearon los antiguos escribas los relatos bíblicos*. Barcelona: Editorial Oceano, 2002.
- HEGEL, G. W. F. *Estética*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993
- HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da Paródia: Ensinaamentos das Formas de Arte do Século XX*. Trad. Teresa Louro Pérez. Edição 70, Lda.; Lisboa – Portugal, 1989.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- KOTHE, Flávio. *A narrativa Trivial*. Brasília: UnB, 1994.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz Vianna Doeira e Nelson Boeira. - 9. ed. - São Paulo: Perspectiva, 1990.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras: Retratos Teológicos Literários*. Tradução de Paulo Astor Soethe et alii. São Paulo: Loyola, 1999.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- LEONEL, João. *Literatura e Teologia: gênero Literário e gênero Bíblico*. In: Teologias e Literaturas: Profetas e Poetas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 57-74.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo. Editora 34, 1999.
- LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Várias histórias*. In: Obra completa em quatro volumes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- MAGALHÃES, Antonio. *O sagrado na Poesia e na Religião*. In.: Pólen do Divino. Blumenau: 2011.
- MAGALHÃES, Antonio. *A Bíblia como obra literária. Hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia*. In: Deuses em Poética. João Pessoa, 2008, p. 13-23
- _____. Antonio. *Deus no Espelho das Palavras - Teologia e Literatura em Diálogo*. São Paulo: Paulinas: 2000.
- _____. Antonio. *Religião, crítica e criatividade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- MAIA, Márcia. *Evangelhos Gnósticos*. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- MATA, Sérgio. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MAYA, Alcides. *Machado de Assis (Algumas notas sobre o “humour”)*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Jacintho Silva, 1912.

- MAYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. Trad. Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.
- MINOIS, Georges. *História do Ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias/ tradução Flávia Nascimento Falleiros*, 1. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- MORA, C. M (org.). *Sátira, paródia e caricatura: da antiguidade aos nossos dias*. Aveiro: Universidade do Aveiro, 2003.
- MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ORTIGA, Odília Carreirão. *O riso e o risível em Millôr Fernandes: O cômico, o satírico e o “humor”*. São Paulo, Tese de doutorado USP, 1992.
- PORTKAY, Adam. *A história da alegria: Da Bíblia ao Romantismo tardio*. Tradução de Eduardo Henrik Aubert. – São Paulo: Globo, 2010.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- REIS, Elaine Cristina. O Código Da Vinci: Diálogos e Ruídos entre Teologia e Literatura. Dissertação/ UFSC – 2008. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0340-D.pdf>. Acesso: 10/10/2016
- RICCIERI, Pina. *Formação ao Alcance de um Clique*. São Paulo. Editora Paulinas, 2012
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos de rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SILVEIRA, André Luiz. *Riso e subversão: O cristianismo pela Porta dos Fundos*. Florianópolis – SC, Dissertação de Mestrado UFSC, 2016.
- SPADRO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos de rede*. Tradução: Cacilda Rainho Ferrante, São Paulo: Paulinas, 2012.
- TURNER, S. *Engolidos pela cultura pop*. Viçosa: Ultimato, 2013.
- WORCESTER, D. *The art of Satire*. Cambridge; Harvard Unive. Press, 1940. p. 37.
- ZUMTHOR, Paul. Performance, Recepção, Leitura. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 1ª ed. Cosasc Naify, São Paulo, 2014.

Outros suportes:

- CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 27/07/2015.
- PASTOR ADÉLIO: Perfil do Facebook Disponível em: <https://www.facebook.com/PastorAdelio?fref=ts> Acesso em: 12/01/2017

REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS DA UNISINOS. *Teologia e Literatura*. São Leopoldo: Unisinos, 2008, Edição 251.

FERRAZ, Salma: O humor salva. Entrevista especial com Salma Ferraz. Revista do Instituto Humanista da UNISINOS. *Teologia e Literatura*. São Leopoldo: Unisinos, 2017, Edição 499.

<http://www.bispoarnaldo.com.br/encontro-de-pastores-bispo-arnaldo-e-pastor-adelio/>

<http://veja.abril.com.br/entretenimento/porta-dos-ceus-a-internet-ri-com-o-humor-evangelico/>

http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1467.pdf

Vídeos

PASTOR ADÉLIO - *Pegadinha de Deus*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fYYRrYPj-Zk>. Acesso em: 12/01/2017

PASTOR ADÉLIO: *Ló e suas filhas taradas*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=y9g-YmLsgxE> Acesso em: 12/01/2017

PASTOR ADÉLIO: *Detonando Os Ursinhos Carinhosos*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9FJH4bOAK6c> . Acesso em: 12/01/2017.

PASTOR ADÉLIO – *Mostra o Inferno Real*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4kEiNc9b-Wc> Acesso em: 12/01/2017

PASTOR ADÉLIO – *Como Falar em Línguas*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Rzb3nyYSXe8> Acesso em: 12/01/2017

PASTOR ADÉLIO – *Jesus Vota no Pastor Adélio*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nXXYNV1RC8o&t=140s> Acesso em: 12/01/2017

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia*. Conferência. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T86F2-_G-4g Acesso em 11/09/2016

ANEXOS

A. TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS DO PASTOR ADÉLIO

a) Pastor Adélio - *Pegadinha de Deus*

<https://www.youtube.com/watch?v=fYYRrYPj-Zk>

Postado em: 19/01/2015

“Olá meus irmãos, o pastor Adélio está de volta e essa semana eu estou muito puto.”

Meus irmãos, essa semana os infiéis do satanás ahhhh não fode, vai tomar na sua bunda meu filho do satanás ah, já é filho do satanás, não pode ser do satanás. Meus irmãos, esses fieis aí foram falaaaarr sedere betumba rerere... Se lembra disso? ‘Ah se de re, rá debre, beredubecerenumba’, to falando em línguas Jo Soão, cantando.

Esses filhas da puta foram falar na internet meu irmão, que eu ensino aqui na minha igreja, IPTU – Igreja Pentecostinha Tetra Universal, eu ensino aqui meu irmão, que a bíblia é um guia moral pra vida das pessoas. Mentira meu irmão! Mas nunca que eu vou ensinar uma merda dessa aqui meu irmão, desde quando a bíblia é guia moral pra alguma coisa? Eu prefiro de guia a revista Quatro Rodas, eu prefiro o guia de restaurante da revista Veja, eu prefiro o guia de museu de Caruaru. A bíblia não é guia pra porra nenhuma meu irmão, se tem um livro imoral é a bíblia meu irmão, não vou ensinar aqui isso... Se quer ver um exemplo? Vamo de história hoje, o povo tá pedindo história hoje, vamo de história hoje Bispo Anselmo. Vou contar pra vocês pra vê como a bíblia é um guia de merda, vou contar pra vocês a história de Abraão.

O Jeová tava tranquilo lá, entendeu? Já tinha trazido o diluvio, mato gente pra caralho, já não tinha o que fazer, tava entediado, acabou o diluvio, aí tinha zerado o super Mário uma dez vezes, até a fase da neve ele já sabia passar de olho fechado, não tinha mais o que fazer. Aí um dia assistindo o programa Sergio Malandro, Deus teve um ideia: Porra, gostei disso aí, vou fazer uma pegadinhas também.’ – E com quem que ele foi fazer a pegadinha dele? Com Abraão, tava o Abraão lá e ele assim:

ABRAÃO! – Abraão tomou um susto naquela hora, porque era assim, naquele tempo Deus falava com as pessoas assim do nada, e a pessoa ouvia, entendeu? Por isso levou muito tempo pra ciência descobrir o que que era esquizofrenia, porque a pessoa – Ah escutei, Deus falou comigo aqui, Jeová falou. - Porque a pessoa do lado não ouvia, mas foda-se. -Abraão?!

-Uhh, que que foi Jeová? Pode falar, to aqui. – O Abraão ouviu o Jeová e atenderia qualquer coisa que Jeová pedisse porque o Abraão tava em débito, Deus, o Jeová, tinha dado dois filho pra Abraão. Um com a cervá H entendeu? Sim, porque

naquele tempo os patrão podia meter a rola nas empregadas, em nome de Jeová entendeu? Ainda fazia um filho nela, não dava nada. E o outro era o Isaac, que ele teve com a mulher dele Sara já velha, meteu a rola na velha e fez um filho. Na verdade o Isaac era o queridinho da família, tinha pijaminha do Bem 10, ia no show do Patati Patata entendeu, tava ali na dele. -O o que você quer Jeová? – Ai o Jeová meio segurando pra não rir: -Abraão, quero que faça um negócio pra mim, HAHHAHA uma coisa boa, cê vai pegar seu filho Isaac... -Uhh, Isaac, o filho que cê me deu?! –Isso -E o que que o senhor quer que eu faça com ele Jeová? -Cê vai sacrificar ele pra mim. -Sacrificar Jeová? Mas... O senhor acabou de me dar esse filho. -Foda-se, você sacrifica e mata ele! -Mas pra que jeová? -É um teste que eu to fazendo com você, é tipo um ENEM, entendeu? É o ENEM de Jeová, média 5 cê passa. Vou testar a sua fé. -Mas Jeová, você sabe tudo, pra que que precisa testar a fé? -Oooorh Abraão o seguinte, se você não fizer o que eu to mandando eu eueueu... bloqueio você no facebook. – Porra ai pegou pro Abraão. - Bloqueou no facebook ai eu não quero, tem que tá na página do Jeová.’ – Tá bom, pegou Abraão e construiu a porra do altar, madeira, pedra pra caralho, fogo, não entendi direito o fogo, se era isqueiro, como fazia o fogo nessa porra. Hora que ta com o filho lá pra fazer... imagina a cena meu irmão... O cara está com o filho no altar, com a faca na mão, pronto pra matar o próprio filho. Quer dizer, não precisa estudar muito a genealogia pra saber da onde vem a família Nardoni né?! O jeová também não fica muito atrás, não gosta de criança. Ai a hora que ele tava pra matar, entra Deus: -Para para para para tudo, para para tudo para HÁ, é gadinha de Jeová hei éé. Héé, não precisa matar não, ali a ovelhinha, mata a ovelhinha. O Abraão... Imagina a situação do Abraão, vai lá e mata a porra da ovelha, e Jeová fica feliz porque ele voltou a se divertir com o brinquedinho dele chamado ser humano.

Oh meu irmão, você acha que vou ensinar alguma coisa desse livro aqui na minha igreja meu irmão, é perigoso, porque vai que um fiel aqui, é cheio de maluco aqui, deixa o filho morrer achando que Deus mandou. Cê duvida que é possível? tem um povo aí que deixa o filho morrer mas não oferece a possibilidade a ele de ter uma transfusão de sangue, porque ele acha que Jeová quer que morre... Entendeu? É pra agradar o Jeová. E Jeová realente não gosta de criança, ele matou o filho do Faraó.. Ele matou o filho dele, Jeová é uma espécie de bozo do cemitério entendeu, ele quer enterrar criançinha... hehe... ele curti isso aí. Então meu irmão, não vou ensinar isso aqui, o que eu vou ensinar aqui são os meus ensinamentos, que é conversa furada pra você continuar vindo aqui e não precisar perder seu filho, perder sua vida, a única coisa que você vai perder aqui é tempo e dinheiro, o resto cê tá comigo.

Bom meus irmãos, esse era o testemunho que eu tinha pra hoje, conto com vocês semana que vem tem vídeo novo e continue aqui no canal [...]

E vamo em frente que atrás vem quente, e fiquem com o Pastor Adélio, porque vocês sabem meu irmão... Com o pastor Adélio, só a verdade...

<https://www.youtube.com/watch?v=4kEiNc9b-Wc>

Postado em: 11/05/2013

Olá, meus irmãos, Pastor Adélio está de volta. Meu irmão, esta semana eu tenho ouvido aí reclamações, estou muito triste, estou sendo processado. Processo aí de tudo quanto é lado, meus irmãos. Agora o que mais me deixou triste, meus irmãos, consternado mesmo, foi pessoas me compararem a Valdomiro, a Silas Malafaia, a Edir Macedo, meus irmãos. Disseram que eu sou da mesma laia dessas pessoa. Quem me dera, meu irmão, eu conseguir ser como esses homens, meu irmão. Ainda tenho um pouco de escrúpulo, meu irmão. Outro dia aqui na igreja, uma aposentada, uma veia fudida, dessa que não tem dinheiro pra usar uma calcinha da Marisa, daquela que não tem dinheiro pra comprar um detergente bom, compra aquele da Kombi, se vê que é gente fudida... Veio me dar a aposentadoria, fiquei com dó, meu irmão, não peguei. Você acha que o Silas Malafaia faria isso, meu irmão? Ele pegaria! Esses caras estão pegando até tele-sena vencida, meu irmão. E o Pastor com pena de podre é igual padeiro com pena de gordo, não funciona, meu irmão. Outra coisa que vieram falar, meu irmão, vieram me falar que por causa dos meu ensinamentos, meu irmão, eu vou pro inferno, meu irmão. Estão me ameaçando com o inferno, com o fogo do inferno. Não existe inferno, meu irmão. Eu até prego aqui, mas é pra por medo nas pessoas, meus irmãos. Pra eles poder voltar aqui e dar um dinheiro pra mim. Se que ver? Vamos falar de inferno então. Eu falar de inferno aqui hoje pra você, vou te explicar a real, meu irmão. Veja bem, diz que vai pro inferno o pecador, mas veja bem, raciocina comigo, meu irmão. O ser humano vive aí, 80, 90, se for arquiteto, passa um pouquinho dos 100 anos. É essa média aí, meu irmão, e daí eu vou pro inferno pagar os pegados a eternidade, meu irmão... Eu vivi 90 anos só e vou pagar a eternidade? Isso não é justiça. Isso é financiamento da Caixa Econômica Federal. Outra coisa: vim falar aqui da descrição do inferno. Qual que é a descrição do inferno? Bispo Anselmo, qual que é a descrição do inferno? Exatamente, é um lugar quente, lugar cheio de gente, cheio de gente feia, lotado... Isso não é inferno, meu irmão, isso é a Praia Grande. E outra, meu irmão, diz que você vai pro inferno pra se arrepender dos pecados. Vai se arrepender dos pecados. Meu irmão, eu to no bar, vou tomar um cafezinho, o café ta quente, eu quimo o biquinho aqui, o Pastor às vezes queima o biquinho, meu irmão, por que queimou o biquinho? Eu já me arrependo na hora. Agora você imagina o inferno, a labareda, meu irmão. Você arrepende assim que chegou lá, meu irmão. Aí vai fazer o que o resto da eternidade? Queimar uma carninha? Então não faz sentido, meu irmão. E depois, se existisse o inferno mesmo, meu irmão, o capeta ia te receber bem lá, porque você ficou do lado dele. Você ia chegar e ia ter cerveja, tudo bem que é Schincariol, mas foda-se, ia ter uma cerveja, ia ter umas puta, ia ter música boa pra caralho. Ia ter o Blues, ia ter o Jazz, tudo isso o capeta ia te oferecer. O problema lá é a televisão, que lá só pega Record. Outra coisa, meu irmão, quem que vai pro inferno? Quem que vai pro inferno? É o pecador, então vamos parar de pecar, meu irmão, vamos ver quem é que não peca neste mundo. Você quer ver, por exemplo, o que é que é pecado? Mentir é pecado. Meu irmão, você consegue viver sem mentir, meu irmão? Não dá. É impossível, meu irmão, você viver em sociedade sem mentir. Por exemplo,

sua filhinha de 4 anos chega pra você e fala: “papai, da onde que eu vim?” Você vai falar a verdade pra essa menina de 4 anos? Você vai chegar pra ela e falar: “filhinha, peguei sua mãe na Ocktoberfest, ela tava bêbada, meti-lhe a vara atrás do banheiro químico”. Porra! Você não vai falar isso, meu irmão, você vai mentir, você vai falar da cegonha, você vai falar da sementinha, a não ser que sua filha for a Susane Richthofen. Outro pecado: tomar o nome de Deus em vão. Você que é evangélico, colocar “propriedade de Jesus” no chevette é tomar o nome de Deus em vão, meu irmão. Uma Kombi vendendo pamonha “propriedade de Jesus”, tomou o nome de Deus em vão, meu irmão. Tem mulher que goza com o nome de Deus: “Ai Jesus, ai Jesus”. Você vê que não tem essa porra, meu irmão, eu não tenho medo de inferno, meu irmão, pode falar em inferno a hora que cê quiser, meu irmão, eu caguei. Não tenho medo, eu tenho medo da Prais Grande, tenho medo do Serasa, desse eu tenho medo. Fala do Serasa eu to fudido, meu irmão. Semana que vem a gente volta, estarei conversando mais com você, e aqui sempre a verdade. Ahhh, e quero lembrar que o Pastor Adélio Corporation está com lançamento novo. Você que não pode ir na igreja, que não pode ir lá receber a sua bênção, nós estamos lançando a raspadinha de Jesus, meu irmão. Coloca no ar aí Bispo Anselmo, coloca no ar. Essa aí é a raspadinha de Jesus, são 300 bênçãos no sorteio e mais 300 curas pra quem fizer mais ou menos pecados. Quem raspou, achou 3 bíblias, ganhou uma cura surpresa na hora, meu irmão. É a raspadinha de Jesus pra você rir também, meu irmão. E a gente volta breve, porque você sabe, meu irmão, com Pastor Adélio, só a verdade.

c) Pastor Adélio - Como Falar em Línguas

(Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. (1 Coríntios 13:1) <http://www.youtube.com/watch?v=Rzb3nyYSXe8>

Postado em: 23/11/2013

“Olá meus irmãos, o pastor Adélio está de volta, e hoje estou muito puto pra variar um pouquinho, mas muito puto mesmo meu irmão, porque os blogueiros aí... esse povo do satanáas meu irmão, esse povo que tem o capeta dentro do corpo dele... veio dizer que aqui na minha igreja, os irmãos que falam em línguas aqui, eles são enganados, que o dom de línguas é uma fraude. E é mesmo meu irmão, é uma enganação meu irmão, nós somos 171, aqui no pastor Adélio pra ganhar mais um dinheirinho, é o produto novo que eu tenho ai meus irmão. Quer ver? Vamos falar hoje do dom de línguas, vamos falar com sinceridade pra você meu irmão.

O dom de línguas aparece pela primeira vez na bíblia, no livro de atos, que é um evento que tinha lá, um tal de pentecoste, que tava aquele bando de discípulo semianalfabeto reunido, mas tinha gente de vários pais, vários estrangeiros.. Do nada meu irmão, os discípulos começa a falar em línguas e todo mundo entendia meu irmão, foi o acontecimento da semana, saio na “Cara”, saio no blog do “UOL”, foi foda!

Só que meu irmão... Hoje em dia pergunto pra você: Que estrangeiro frequenta uma igreja evangélica meu irmão? Mas nem paraguaio frequenta isso aqui meu irmão! Então se eu quiser ver o monte de gente sem instrução, fudida, feia, falando uma língua que eu não conheço, eu vou na 25 de março meu irmão. E olha, eu vou dizer pra você, a maioria dos fiéis aqui na minha igreja, que se propõe a falar em línguas, são pessoas que no seu idioma nativo, o português, falam coisas como “prastico”, “probrema”, “istrupo”, “ispait”, “maumita”... Que dizer, o espírito santo já pariu um grande favor a essas pessoas se dessem o dom de falar o português meu irmão, porque nem isso eles sabem. Os fiéis aqui não falam em língua porra nenhuma, o que eu faço é eles repetirem poemas aleatoriamente... Estimulo eles a repetir esses fonemas aleatoriamente, sílabas, sem nenhum significado sistemático, e que nem de longe meu irmão, lembram uma unidade linguística... Tem nada a ver meu irmão. Eles ficam ali “tapalalablarabablkasuhdbajudhdaj...” E essa repetição meu irmão, lembra muito bebezinho quando tá apreendendo a falar, fica repetindo sílabas... Po...Põem o bebezinho aí Bispo Anselmo, é aqueles dois conversando, toca lá:

“TATATA? – TATATATATA – TATATATTA....”

É isso aí que eles fazem meu irmão, é isso aí! Entendeu meu irmão? Então falar em línguas não aumenta a sua espiritualidade, pelo contrário... Reduz a sua idade mental. Que as pessoas que falam aqui em línguas meu irmão, é uma coisa absurda porque ninguém intende absolutamente nada, é aquela coisa de: “Nacooclaslalkokaijshshshowlaca...” E tudo numa velocidade que meu irmão, essas pessoas não estão recebendo o espírito santo, elas estão recebendo o espírito do Eneias porra. E hoje meu irmão, eu sou sincero cê sabe, o que acontece aqui meu irmão, é uma espécie de psicopatologia conhecida como clausuraria ou glasoraria, sei lá, que a pessoa, ele vive uma pequena neurose, onde ele acredita que ao balbuciar sílabas sem nenhum sentido linguístico, sem nenhuma conotação linguística... Nada que se parece um idioma conhecido por nós meu irmão, ele acha que está realmente falando uma língua estrangeira, repetindo aquele monte de merda. E sabe por que eu falo que isso é uma doença? Porque a gente coloca isso no fiel, ele vem aqui e a gente convence ele que tem o dom do espírito santo... Ai um dia ele recai entendeu, ele faz uma merda aí e se afasta da igreja e eleva com ele o dom de línguas, como se fosse uma legião, como se fosse uma marca, como se fosse o Serra arrastando o Alckmin pra cima e pra baixo meu irmão.

E aí está criada a situação insólida de você ver um ex-evangélico, um evangélico recaído, no boteco falando em línguas meu irmão: “Umapinguatacacheacho”. O evangélico no puteiro: “Umachipetacachanademaracacho”. Ou um ex-evangélico na cadeia meu irmão, tentando justificar o seu crime meu irmão, e falando em línguas... É a esquizofrenia semeada e pulverizada por esse mundão de meu Deus meu irmão! Aleluia!!!

Você quer ver como é fácil mostrar que o dom de línguas é uma farsa, é uma fraude e não existe? É muito simples... Você vai entrar dentro de uma igreja evangélica... Vai lá, entrou numa igreja evangélica, para do lado do irmãozinho que tá ali falando em línguas “blabljsbabsla”, senta do lado dele meu irmão, aí

num dado momento você vai perguntar assim pra ele: “Meu irmão desculpa, não entendi a última frase que o espírito falou, o irmão pode repetir pra mim?” Não repete não aí fudeo meu irmão, não dá. Porque “blalblklklvka” não consegue repetir meu irmão, é mais fácil ele repetir: “Tem um sapo dentro do saco e era o saco com o sapo dentro o sapo fazendo papo e o papo fazendo vento”, repete aí meu irmão.

Outra forma de você desconstruir esse mito do dom de línguas, de por a baixo e mostrar que é só uma esquizofrenia, é só um delírio de evangélico e de católico carismático, é simples meu irmão, é o método de dispicaretagem do pastor Adélio! Você pode fazer isso sozinho. Vavavamos aos passos: Primeiro tem que entrar na igreja evangélica, você vai entrar na igreja evangélica, pode ser a mesma da outro. So que, você vai decorar antecipadamente a cadeia silábica que eu vou passar aqui pra você ta certo? Bispo Anselmo vai por daqui a pouco. Você vai decorar, vai entrar lá e na hora em que baixar o espírito santo você vai começar a repetir, entendeu? Mas tem que repetir dentro do método “feng shui de Jesus” entendeu? Como se estivesse falando em línguas. Que é a mão aqui, entendeu, tem que ficar com a mãozinha aqui, baixar a cabeça e fazer careta enquanto fala, tem que fazer careta meu irmão, se n]ao sabe fazer careta, cê faz o seguinte... Você imagina, imagina que você está solando Staille Reit or Rave, no cavaquinho, segura e vai: “CA LO CO LA RO NA TA XO, e vai repetindo, CA LO CO LA RO NA TA XO [...]”. Aí vem o xeque mate meu irmão, chama o pastor, repita essas silabas pra ele e peça pra ele traduzir meu irmão, ele não traduz nem fudendo meu irmão, ele não traduz eu aposto com você meu irmão. Agora eu traduzo, quer ver o que você estava falando? Bispo Anselmo?... *”Coloca rola na xota”** Aleluia meu irmão!

Então meus irmãos, se você que falar em línguas, fala, mas cê sabe que é uma fraude, mas continue falando, eu acho ótimo isso. Jamais meu irmão, prá realmente falar em línguas, jamais procure uma escola de idiomas, eu desaconselho meu irmão, porque se você quiser falar em línguas através da escola de idiomas você vai realmente apreender o idioma estrangeiro meu irmão, e isso vai fazer com que você tome contato com outras culturas, vai ampliar o seu conhecimento, vai te dar novas ferramentas pra você absorver conhecimento meu irmão. E isso vai fazer você pensar meu irmão, isso vai despertar em você uma adormecida curiosidade intelectual meu irmão, e isso vai fazer com que você se afaste de mim, isso me mata meu irmão!!! Não faz isso comigo meu irmão, cê me mata!!!

Então meu irmão, você vai fazer o seguinte, cê continua aqui na igreja meu irmão, continua aqui no dom de línguas acreditando realmente que você está possuído pelo espírito santo, mesmo que você esteja fazendo só teatrinho, que seja uma pantomia idiota, que seja um idiota capaz de envergonhar qualquer pessoa com o mínimo de senso crítico. Faça meu irmão, porque acreditando nisso, você vai acreditar em mim, se eu falar prá você que curo AIDS você vai acreditar meu irmão, você vai acreditar que é possível ver a imagem de Jesus Cristo no cú de uma capivara. E aí meu irmão, quando eu disser pra você: “Vote naquele político”, você vai votar meu irmão, porque você apreendeu a acreditar em mim.

E aí pouco a pouco nós vamos tomando conta desse país, até transformar o Brasil em um grande e interminável culto.

Precisa ficar assustado não meu irmão! Essas coisas vão acontecer, e eu falo isso pra você meu irmão, não é pra você ficar assustado, tomar posição, não meu irmão! Eu só falo isso porque cê sabe, com o pastor Adélio, só a verdade!!!

d) Pastor Adélio - *As Filhas Taradas de Ló*

<http://www.youtube.com/watch?v=y9g-YmLsgxE>

Data da postagem: 25/12/2012

Olá meus irmãos, Pastor Adélio está de volta, atendendo aos pedidos. Muito obrigada a você que tem visto a minha pregação, que tem falado bem, que tem falado mal, foda-se se tem visto, tá muito bem meu irmão. E, eu venho aqui novamente, meu irmão, responder esse acusador do satanás que vem novamente tentando vilipendiar a pessoa do pastor Adélio, meu irmão. Essa pessoa vem escrevendo no blog dele inverdades a meu respeito, e eu to aqui pra responder novamente, meu irmão. Dessa vez, esse filho do satanás, veio falar que eu, um servo de Deus, meu irmão, que as minhas pregações aqui dentro da igreja são baseadas na bíblia. Ô meu irmão, que mentira, meu irmão. Eu nunca nem li a bíblia, meu irmão, não gosto, não entendo nada que tem ali dentro, meu irmão. O único livro que eu me baseio, que eu gosto, é o livro caixa aqui da igreja, meu irmão. Esse é um livro maravilhoso que eu gosto de ler. O único paraíso que tem aqui é o paraíso fiscal, que é onde eu mando meu dinheiro. Agora, vou ler bíblia pros meus clientes, meu irmão? Não dá, só tem coisa que não dá pra entender nada. Você quer ver um exemplo? (parte da transcrição do vídeo “a verdadeira história de Ló”).

Agora, vou ler bíblia pros meus clientes, meu irmão? Não dá, só tem coisa que não dá pra entender nada. Você quer ver um exemplo? Vou dar um exemplo, vou falar de bíblia hoje então pra vocês verem que não dá. A história de Ló, meus irmãos. Tem uma musiquinha aí, por favor? A história de Ló, meus irmãos, veja o absurdo disso. Ló era um sujeito que morava na cidade chamado Sodoma e Gomorra domingo ou morra (não entendi), é como se ele morasse ali entre a Augusta e a Frei Caneca, era viado pra todo lado, você pisava no rabo de um e o outro respondia, de tanto viado que tinha, e Ló morava ali, aí Deus pensou: Pô vou matar essa viadada toda. E mandou um anjo lá pra salvar Ló, porque Ló ele não ia destruir, Ló e a família dele ia salvar porque era gente boa, decente, tinham votado no Kassab, não, não vou matar o Ló. Aí chegou o anjo Em Sodoma, a hora que o anjo chega, meus irmãos, a viadada ficou impolvorosa, ai tem bofe novo na cidade, e queria comer o anjo. Olha que absurdo, aí o que que Ló faz? Ló tem uma ideia. Olha que mensagem, meu irmão, o Ló sai na porta e fala assim pros viados de Sodoma: Viados de Sodoma, deixem o anjo em paz, ele é puro, ele assiste o programa da Eliana, ele acredita na revista Veja. È um anjo puro. Vocês querem comer cú do anjo, não façam isso, eu tenho uma proposta pra vocês,

comam minha filha que é virgem, tá aqui minha filhinha, vem aqui dar pros meninos de Sodoma. Olha que pai amoroso, meu irmão. Qual que era o sobrenome de Ló? Nardoni? Mas o anjo, nesse momento, salvou a viagenzinha da filha de Ló, meu irmão. O que que o anjo fez? Ele jogou uma praga naquele povo. Aquele que tocou na porta de novo ficou cego. Qual é a desse anjo, meu irmão? Que anjo maluco. O cara queria comer o cú dele e ele botou cegueira na pessoa. Cego come cú também, ele acha pelo tato, aí não pode, cú, achou. Ele tinha que deixar o cara brocha, esse anjo rapaz. Bom, aí o anjo falou, Ló, todo mundo aí, fora todo mundo que vai pegar fogo aí, que vai queimar tudo, queimou geral, perdeu, perdeu. Aí o Ló foi com a família dele, pegou os pano de bunda dele e tá, saiu de Sodoma. Aí Deus, sempre Deus com as pegadinhas dele, Deus falou pra Ló: Vocês vão sair, meus irmãos? Mas vocês não olhem pra trás. Meu irmão, ia cair fogo do céu, meu irmão, eu olharia pra trás, eu paro pra ver briga de cachorro, meu irmão. Eu não vou parar pra ver fogo descendo do céu? Eu olho. Aí Deus, ...a mulher de Ló olha pra trás, meu irmão. Lógico, caindo fogo do céu. Ele vai e transforma a mulher numa estátua de sal, meu irmão. Olha o desperdício. Resultado: tá lá o Ló viúvo, as filhas órfã, e toca, vai embora, vai morar aonde o Ló, perdido, perdeu a cidade por causa dos viados. Só por causa disso? Daqui a pouco vai querer o que? Destruir o Rio de Janeiro? Aí Ló foi morar numa caverna com as duas filhas, meu irmão. Agora vem a cereja da história, meu irmão. Tão lá, Ló e as duas filhinhas virgens dele, morando na caverna, uma caverninha do BNH, modestinha. Aí as filhas pensam assim: minha querida irmã, estamos só eu, você e nosso pai aqui, a nossa geração vai acabar aqui. Aí a outra teve uma ideia. Não vai não, a gente trepa com o papai e tem um filhinho dele. Olha que coisa abençoada, meu irmão, que lindo pra por nas escolas pras crianças, não é? Olá que coisa de Deus. Aí ela falou assim: mas papai não vai querer comer a gente. Mas a gente dá um porre nele. Aí pegaram e deram vinho pro pai beber. Onde elas acharam vinho nessa caverna? Compraram no Zé Colmeia? Deram o vinho pro pai e a primeira foi lá e transou com o pai mesmo, e diz o relato lá que no outro dia Ló não lembrava de nada. Porra, ela deu vinho ou uma maconha pra esse velho? ...caralho...que não lembrava. Aí no outro dia a segunda falou assim: eu vou dar pro papai também, porque vai que você não engravida. Aí a segunda foi lá, vinho no velho. Porra, o velho já devia se lembrar, noite passada elas me deram vinho e eu acordei pelado e melado. Lembrou nada. É um fuminho bom, devia ser de Pernambuco né esse fuminho do Ló. Aí vai a outra filha, deitou com o pai e no outro dia também não lembrou de nada, meu irmão. Eu vou ficar lendo um livro desse? Eu sou uma pessoa de respeito, meu irmão. Eu sou uma pessoa que valoriza a família, que valoriza a moral, meu irmão. Então não vou ler esse tipo de coisa aqui na minha igreja. Semana que vem, meu irmão, eu estarei aqui desmentindo, mais uma vez, esse blasfemador, esse caluniador, que veio falar que eu ensinei aqui a história de Noé pra criancinhas. Nunca que eu ia ensinar um troço desses pra criança, meu irmão. A Arca de Noé, meu irmão, como é que Noé colocou uma anta entre os animais? Ele veio pro Brasil de TAM? Meu irmão, logo mais eu volto, porque você sabe, pastor Adélio é só a verdade. (transcrição do vídeo)

e) Pastor Adélio – *Detonando os ursinhos*.

<http://www.youtube.com/watch?v=9FJH4bOAK6c&index=1&list=RD9FJH4bOAK6c>

Postado em: 09/10/2013

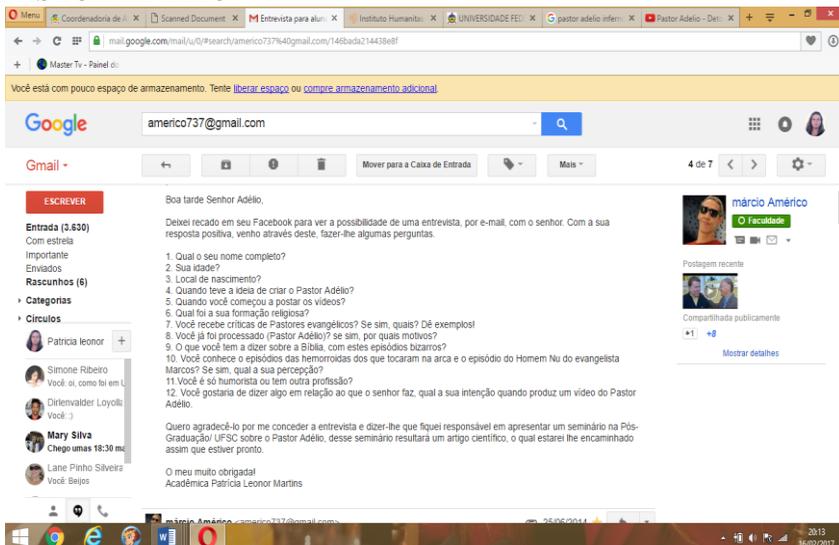
Olá, meus irmãos. Pastor Adélio está de volta. Esta semana estou muito puto, meus irmãos, porque eu fui ofendido, meu irmão, mas muito ofendido. Me senti como se eu fosse, sei lá, um Rogério Ceni da vida. As pessoas aí, através da internet me acusaram de ser uma pessoa insensível. Meus irmãos, quero dizer a você que eu gostaria muito de ser uma pessoa insensível, ajudaria nos meus negócios, mas ainda não sou. Pra ser uma pessoa insensível mesmo eu precisaria acreditar em Deus e neste livro (bfbliá). Você pode pegar aí qualquer cristão, meu irmão, qual um desses que se dizem sensíveis, você pega um desses que chora em propaganda de margarina, sabe, que chora lendo um terço da Lia ou, que consideram o que a Elisa Lucinda escreve, poesia. Pois essas Rello Kity de Cristo, meu irmão, se convencidas, elas deixarão o filho morrer e não darão uma transfusão de sangue. Ele deixa de falar com o pai e com a mãe porque pertence a uma religião diferente. Quer ver? Quando houve no Brasil o Massacre da Candelária, no Rio de Janeiro, onde oito crianças foram, friamente, covardemente, assassinadas por policiais militares, os cristãos sensíveis, esses ursinhos carinhosos de Jesus, ficaram sensibilizados, mas se um massacre idêntico a esse ocorre na Bíblia, aí eles não só aceitam, como justificam e até fazem musiquinha. Um desses massacres, aprovados pelos ursinhos carinhosos de Cristo está relatado no livro dos Reis, que é a história de Elizeu, que eu conto pra vocês agora. Elizeu era uma espécie de estafeta do Profeta Elias, porque Elias é que era o fodão, Elias fazia milagre, tinha uma capinha bonita e tal. Entre os muitos milagres de Elias está o que ele fez lá pra viúva de Sarapeta, sarapéta, é o caralho, entendeu? Era uma viúva muito pobre, meu irmão, mas padre de marré, marré, pra você ter uma ideia ela não tinha nem..., o que ela tinha em casa era azeite, farinha e taba na rapa, mas aí apareceu o Elias, o Profeta milagreiro. O que que o Elias fez? Fez aparecer uma tonelada de carne da Friboi pra viúva? Não... deu pra ela um farde de Activia que já ajudava, porque como era azeite com farinha, devia ser foda pra cagar, a veia devia soltar uns tarugo que era isso, tinha que cortar na espada. Foi isso que ele deu? Não... o Elias multiplicou o azeite e a farinha. Ou seja, a veia continua na mesma dieta pobre de proteínas. Pô, esse Elias poderia ser ministro da integração do governo do PT. Aí por essas e por outras, Deus trocou, trocou de profeta, mandou o Elias vaza, vaza, chegou a carroça com dois cavalos, levou o Elias. Não fica muito claro de onde Deus tirou os cavalos, se foi lá do seu próprio haras, se pegou da terra ou se sobrou algum da Arca de Noé, foda-se. Foi embora, porque Deus é assim, ele substitui profetas como se substitui apresentador do fantástico. Agora o Elizeu era o fodão, entendeu, tava jogador profissional, precisava mostrar serviço. Ele tinha que ir à Batel convencer o povo lá, porque o povo de Batel cometia um crime hediondo, meus irmãos, eles eram idonotas, isso devia fazer uma mal pra nação de Israel. Eles já acordavam,

aí tem gente adorando ídolos aí do lado, meu Deus, eu não posso com isso. Porque a nação de Israel era um bicho egocêntrico, meus irmãos, eles achavam que só eles estavam certos, só o Jeová deles é que valia, o resto era merda, eles eram pior que a Gaviões da Fiel, eu acho que eles tinham até grito de guerra, tipo eles chegavam emjá gritando: se os israelita não ganhar olé olé olá, o pau vai quebrar, rema, rema, rema remador, pau no cú do Nabuco que eu não sou, ei(não entendi) vai tomar no cú. Pois bem, assim que Elizeu chega em Batel, a mulecada que já sacava o Elizeu, começou a entoar uma cantiga, entendeu, fazendo referência ao patrãozinho dele, o Elias, que tinha subido pro céu. Então eles cantavam: sobe careca sobre, sobe, sobe, sobe. O Elizeu, meu irmão, que era careca, não gostou. E veja que os meninos não mandaram ele tomar no cú, não mandaram ele à puta que pariu, não mandaram ele chupar rola. Não, mandaram ele subir, uma bobagem, mas o Elizeu não gostou, o Elizeu ficou puto porque quando careca, ele não gostava de ser careca, ele não era um careca assumido, entendeu? Ele ficou muito puto, ele não sabia que era charmoso ser careca, ele não conhecia o Marcelo Taz, o Herbert Viana, e, principalmente, ele não conhecia o Minoxidil. Então ele ficou muito puto, meus irmãos, com os moleques. Meus irmão, e vejam que os moleques nem pegaram pesado, que eles poderiam ter chamado ele de Kinder Ovo, poderiam ter chamado ele de pouca telha, aeroporto de mosquito, desodorante rollon. Não! Só chamou de careca. O Elizeu ficou puto, meu irmão, mas ficou enputecido e pediu ajuda pro Jeová, entendeu? Mas não pediu, podia pedir pro Jeová me dar cabelo, pronto, calava a boca dos moleques, ou pra deixar os moleque careca... careca é vocês são filhos da putinha. Não, pediu pro Jeová fuder com os meninos. E todo mundo sabe, meu irmão, você que conhece um pouquinho de bíblia, sabe que Jeová não é o Deus mais tolerante do universo, é ele acordar de ovo virado, meu irmão, ele começa a fazer merda. Ele mata criança, grávida, jegue, animal, borboleta, maripouza, é o caralho, ele bota pra fuder. E nesse dia especial, meu irmão, o Jeová tinha acordado tarde, esqueceu de deixar o I Fone carregando, acordou sem bateria, o Jesus tinha saído com o carro sem avisar, ele tava louca meu irmão. O que que o Jeová fez? Vou matar essa molecada toda, pegou geral pra vocês, perdeu, fudeu playboyzada. O que que ele fez? Porra vou matar com fogo, não fogo já usei, podia afogar esses moleques, não também já fiz isso, não quero me repetir. Porra já sei, teve uma ideia. Ursa! Produz duas ursas aí e manda comer essa molecada. Saiu do mato duas ursas, meu irmão, sabe-se lá de onde, meu irmão, e comeu os 42 moleques, uma carnificina geral. Não fica muito claro, meu irmão, porque é que os moleques não correram, porque eram só duas ursas e 42 moleques. Talvez eles tenham esperado em fila indiana ou tenham tirado senha. Ó 41, 42 é você, não é você, vou te comer. Ou as ursas se juntaram e deram um E aí então, o Elizeu viu aquela carnificina, aquele monte de cadáver de criança espalhado pelo chão, sangue pra caralho, entendeu? Parecia uma praça de guerra. E ele saiu dali como, meus irmãos, triste porque os pais iam chorar a morte dos filhos? Não, ele saiu dali felizão e cantando: se os israelitas não ganhar olé olé olá a ursa vai pegar. Eca eca eca, quem manda nesta porra é a torcida do careca. Agora vejam, meus irmão, a insensibilidade dos ursinhos carinhosos de Jesus. Eles justificam esse

massacre de crianças superior ao da candelária com argumentos do tipo: mas não eram crianças, o termo lá em hebraico quer dizer rapazes, rapazes de 16, 17 anos. Meu irmão, essa é a mesma justificativa que a cúpula da igreja católica usa pra justificar a pedofilia. Então, meu irmão, se você quer se tornar uma pessoa insensível, sabe, uma pessoa capaz de rir do massacre de crianças inocentes, leia a bíblia, meu irmão. Você vai ficar insensível o suficiente pra furar olho de beija-flor ou comer o cú de Rello kity. Semana que vem eu volto, meus irmãos, e com mais testemunhos. Eu gostaria que você compartilhasse esse vídeo, visitasse a minha página no Facebook e se inscreve aqui no canal que toda semana tem vídeo novo pra você , meu irmão, e fique comigo porque você sabe: com Pastor Adélio, só a verdade.

APÊNDICES

1. E-MAIL DA SOLICITAÇÃO DA ENTREVISTA COM O PASTOR ADÉLIO



2. ENTREVISTA PASTOR ADÉLIO VIA E-MAIL DATA: 25/05/2014

Qual o seu nome completo?

Marcio Américo Alves

2. Sua idade?

50 anos

3. Local de nascimento?

Londrina, Paraná

4. Quando teve a ideia de criar o Pastor Adélio?

Há 3 anos eu estava lendo muita coisa sobre religião em especial sobre as seitas pentecostais e neopentecostais e queria discutir o assunto de maneira ostensiva, usando as ferramentas digitais e naturalmente acabei chegando ao pastor. Sempre soube que assuntos como religião e política podem ser discutidos através do humor, é um tipo de discussão que facilita o entendimento e atrai um outro olhar das pessoas.

5. Quando você começou a postar os vídeos?

Há 3 anos

6. Qual foi a sua formação religiosa?

Meus pais são Testemunhas de Jeová e me criaram nesta denominação.

7. Você recebe críticas de Pastores evangélicos? Se sim, quais? Dê exemplos!

Todos os dias. Um deles, a pastora Elizabete chegou a pedir o bloqueio do meu vídeo no Youtube e foi atendida. Outras dezenas de pastores anônimos, vivem na minha página me ameaçando com câncer e inferno. Mas na verdade eles não criticam nada, atee pq não têm argumentos, eles apenas postam comentários ofensivos, aliás, que eles consideram ofensivos.

8. Você já foi processado (Pastor Adélio)? se sim, por quais motivos?

O pastor ainda não, mas eu, Marcio Américo, sim... o ex-secretário de cultura de Londrina Leonardo Ramos tentou me processar por calunia e se fudeu, ele perdeu na justiça. Mas torço para que o pastor seja logo processado.

9. O que você tem a dizer sobre a Bíblia, com estes episódios bizarros?

A bíblia é como um livro dos irmãos Grimm... deveria ser assim, mas graças a Constantino, o imperador ela acabou virando um negócio muito perigoso, um livro fácil de manusear, fácil de usar, é possível provar qualquer merda dentro da bíblia, veja, todas as religiões cristãs saíram deste livro. Mantenha distância.

10. Você conhece os episódios das hemorroidas dos que tocaram na arca e o episódio do Homem Nu do evangelista Marcos? Se sim, qual a sua percepção?

Não conheço.... na verdade já devo ter lido, mas não me pegou, senão eu me lembraria. Mas todas estas histórias são lendas que tentam passar algum tipo de mensagem, como os contos de fadas.

11. Você é só humorista ou tem outra profissão?

Sou humorista, dramaturgo, escritor, roteirista e ator.

12. Você gostaria de dizer algo em relação ao que o senhor faz, qual a sua intenção quando produz um vídeo do Pastor Adélio.

Gostaria apenas que a pessoa ouvisse as pregações do pastor de mente aberta e buscasse confrontar suas crenças como eu fiz um dia. A liberdade é uma escolha.

3. TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS ASSINADO PELO HUMORISTA MÁRCIO AMÉRICO.



Centro de Comunicação e Expressão - CCE
Departamento de Pós Graduação em Letras - Literatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Márcio Américo Alves, CPF 918.237.309-49, RG 57.463-344-3 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e da personagem criada por mim - Pastor Adélio - e/ou depoimento AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Patricia Leonor Martins acadêmica do curso de pós graduação em nível de mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina, bem como sua orientadora professora Dra Salma Ferraz, do projeto de pesquisa intitulado: "Ciberateísmo: Pastor Adélio, o pastor mais sincero do mundo: humor no cristianismo" a colher fotos que se façam necessárias e/ou meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos e/ou depoimentos para afins científicos e dos estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis.

Declaro está Livre e Esclarecido.

Florianópolis, 04 de outubro de 2016.

Pesquisadora Responsável
PATRÍCIA LEONOR MARTINS



MÁRCIO AMÉRICO ALVES
Sujeito da Pesquisa